

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

**LAIS MARTENDAL**

**MULHERES BRASILEIRAS NA ALEMANHA: (RE)CONFIGURAÇÕES FAMILIARES  
E DE GÊNERO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

**FLORIANÓPOLIS**  
**2024**

**LAIS MARTENDAL**

**MULHERES BRASILEIRAS NA ALEMANHA: (RE) CONFIGURAÇÕES  
FAMILIARES E DE GÊNERO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia  
Maria Fávero Arend

**FLORIANÓPOLIS**

**2024**

**LAIS MARTENDAL**

**MULHERES BRASILEIRAS NA ALEMANHA: (RE) CONFIGURAÇÕES  
FAMILIARES E DE GÊNERO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e da Educação - Faed, da Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc.

**BANCA EXAMINADORA**

Dra. Silvia Maria Fávero Arend - orientadora  
UDESC

Membros:

Dra. Sueli Siqueira  
UNIVALE

Dra. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz  
UDESC

**Florianópolis, 29 de julho de 2024**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da  
Biblioteca Universitária Udesc,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Martendal, Lais

Mulheres brasileiras na Alemanha : (re)configurações familiares e de gênero nas primeiras décadas do século XXI / Lais Martendal. -- 2024.

106 p.

Orientadora: Silvia Maria Fávero Arend

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

1. brasileiras-Alemanha. 2. práticas transnacionais. 3. famílias transnacionais. 4. migração contemporânea. I. Arend, Silvia Maria Fávero . II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

À minha mãe e à minha avó, *in memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, por seu investimento nas pesquisas em todo o Brasil. Aqui, particularmente, por conceder a bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa de mestrado nos últimos dois anos.

Agradeço à instituição a que *pertenço*, a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), sobretudo ao Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), por ser esse lugar especial para mim. E a escolha do verbo *pertencer* não se deu por acaso: a UDESC e, principalmente a FAED, têm sido uma segunda casa. Em partes, pelo “astral” presente em suas edificações, no manguezal e em sua paisagem em geral, a qual nos é aconchegante e convidativa. Mas, acredito que sobretudo por conta da acolhida e dos vínculos que nesta *casa* fiz. Esta dissertação, que tanto fala de afetos, foi construída rodeada de todo o afeto que recebi.

Agradeço à professora Gláucia de Oliveira Assis, pelo apoio ao longo da construção desta dissertação: obrigada por mais essa caminhada comigo. Nosso trajeto juntas é um tanto quanto ininterrupto, desde meados de 2020, durante a iniciação científica ainda na pandemia. És uma das pessoas mais acolhedoras que conheço, que me levou para conhecer Governador Valadares (MG), numa experiência e tanto sobre migração! Obrigada pelas correções, escuta e pelos ensinamentos. Ser “migrantóloga” não é tarefa simples, e tenho aprendido muito contigo.

Agradeço à professora Silvia Maria Fávero Arend, que caminha comigo desde 2022, quando me acompanhou nos estágios da graduação e quando integrou minha banca do trabalho de conclusão do curso. Ao longo do mestrado, tive a honra de fazer duas disciplinas ministradas por ti, experiência que me fez aprender muito. Obrigada por fazer parte desta caminhada. Obrigada pelo carinho e por aceitar estar comigo para uma nova jornada no mundo da pesquisa!

Agradeço às professoras Sueli Siqueira e Luciana Klanovicz, pelas cuidadosas leituras e por seus comentários em minha banca de qualificação, que foram importantes para o direcionamento da pesquisa. E, claro, agradeço pelo pronto aceite de vocês para constituírem a banca de defesa desta dissertação. Não somente são integrantes da banca, mas, desta vez, participam de maneira presencial em Florianópolis: é um privilégio tê-las aqui. Muito obrigada!

Agradeço, certamente, às entrevistadas, pela generosidade em concederem seus relatos ao projeto “Famílias transnacionais: gênero e educação” em 2020 e 2021. Sem elas, o trabalho não seria possível.

Agradeço, também, ao PPGH: ao Piter, que sempre foi solícito na secretaria; e aos professores, principalmente aqueles que lecionaram disciplinas ao longo do mestrado e estiveram, de certo modo, envolvidos neste processo que resultou na presente dissertação. Obrigada pelos ensinamentos!

Como diria Emicida, *quem tem um amigo tem tudo*. E eu tenho vários para prestar meu profundo agradecimento...*Ô, sorte!*

Agradeço ao Fernando Nilson Constâncio, amigo que a turma de mestrado me deu. Foste companhia de muitas e muitas manhãs e tardes de café, conversas (nem sempre acadêmicas, ainda bem!), estudos e escrita. Em meio a tudo que ambos de nós vivenciamos nestes últimos anos, pudemos, apesar das correrias, fortalecer nossa amizade. Aprendi muito contigo! Tenho um amigo que, além de pesquisador, é um carnavalesco que abrilhanta a passarela Nego Quirido a cada carnaval. Obrigada por tanto!

Agradeço à Vanessa Marques de Oliveira, amiga de “signo”, de pesquisa, de laboratório, de sonhos e de tantas outras coisas. Nossa amizade tem me mostrado como é bom poder dividir projetos, experiências, parceria e carinho com aqueles que estão ali com a gente, e tu estás. Há muito por agradecer e tu bem sabes. Obrigada pelas conversas, pela escuta, pelos nossos cafés, por nossos momentos de descontração e por seres quem tu és.

Agradeço aos meus colegas de turma do mestrado, especialmente à Virginia Calazans Acosta e à Lis Kátia Cunha Bastos. Adorei ter conhecido vocês! Obrigada pelo carinho, pelo apoio e por dividirem as manhãs de sexta-feira durante um ano nas disciplinas obrigatórias.

Agradeço à Mariana Ceci e ao Caio Baracuchy: obrigada pela amizade e pelo apoio! Vocês já estavam comigo muito antes de eu pensar em ingressar no mestrado e foram amigos que se fizeram presentes no decorrer da caminhada. Espero apoiá-los nesta jornada de vocês no mestrado que tão logo se iniciará: sei que será de muito sucesso. Agradeço à Emily Ethel, à Beatriz Martinelli, à Beatriz Bauer e à Jedivam Conceição: obrigada pelas conversas, pelos afetos e, de modo geral, pela amizade!

Por último, mas não menos importante: agradeço à minha família. Especialmente às minhas irmãs, Letícia Martendal e Lívia Martendal. Vocês, mais do que ninguém, sempre acreditaram em mim e são mulheres que me inspiram! Eu amo vocês. Aos meus cunhados professores e filósofos, Marcos Rohling e Antônio Augusto Teixeira de Figueredo, agradeço por todo carinho, apoio e pelas conversas ‘filosóficas’, que eu sempre tentei puxar mais para a

História. Vocês são excelentes professores e pesquisadores que admiro muito! Ao meu sobrinho, Horácio Martendal Rohling, que é o nosso pequenino já não tão pequeno assim: motivas-me a acreditar em um mundo melhor e a lutar para assim fazê-lo! Ao meu irmão Willian Martendal, que, a seu modo, também esteve presente nesta caminhada, deixo o meu agradecimento. À minha tia, Elis Rogéria Pelegrini: obrigada, uma vez mais, por todo o incentivo aos estudos. Ensinaste-me a sempre sonhar alto. Desde pequena, lembro que meu olhar se dirigia a ti com muito amor e admiração. À minha tia Edy Pelegrini, que esteve comigo sobretudo num dos momentos mais delicados que vivi, após a perda da minha mãe - obrigada pela força e pelo apoio.

Uma vez mais, dedico meu trabalho a duas mulheres que marcaram a minha vida. Elas que, infelizmente, não estão mais entre nós: minha avó, Maria de Lourdes Pelegrini; e minha mãe, Édna Aparecida Pelegrini Martendal. Curiosamente ou não, debrucei-me em uma pesquisa sobre mulheres, que, neste caso, são mães na Alemanha; e, por outro lado, têm seus familiares próximos do outro lado do Atlântico - no Brasil. De maneira reconfigurada, mas constante, elas mantêm esses vínculos: os afetos transcendem fronteiras e oceanos. Em minha história, os afetos maternos que me constituíram transcendem, hoje, para *além* da vida terrena, todavia, de certa forma - em sua singularidade -, fazem-se presentes. De modo inevitável, a escrita desta dissertação com certeza carrega a sensibilidade de quem, ainda que distintamente, também vivencia a saudade de pessoas amadas.

A elas, portanto, agradeço por serem parte de minha história! Como sempre, eu as levo comigo. E, arrisco dizer, talvez de modo semelhante às ‘bagagens imateriais’ que as migrantes trazem consigo, aquelas que ‘não cabem na mala’.

Busquei agradecer nominalmente às pessoas que, de alguma forma, estiveram presentes ao longo dos últimos anos. Mas, claro, nem mesmo nós historiadoras e historiadores estamos imunes aos possíveis esquecimentos. A todos e todas que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta jornada: reitero aqui meu mais sincero agradecimento.



“Mas eu sei que vai  
Que o sonho te traz coisas que te faz prosseguir  
[...] Somos maior  
Nos basta só  
Sonhar, seguir”

*Levanta e Anda*, canção de Emicida feat Rael

## RESUMO

**Resumo:** Esta dissertação tem como foco as reconfigurações familiares e de gênero de mulheres brasileiras que migraram para a Alemanha entre o final do século XX e o início do século XXI. A problemática desta pesquisa relaciona-se à transnacionalidade, refletindo os seguintes questionamentos: quais as práticas transnacionais podem ser percebidas na experiência migratória das mulheres brasileiras (em sua maioria, casadas com estrangeiros) vivendo na Alemanha? De que modo essas práticas se relacionam com as caracterizações teorizadas nos trabalhos que pensam as famílias transnacionais? Assim, o foco foi descrever e analisar como acontece a relação das entrevistadas com os seus familiares no Brasil, entendendo que os arranjos familiares em questão mostram-se reconfigurados por conta da distância e que, para isso, práticas transnacionais puderam ser percebidas e destrinchadas. Os casamentos dessas mulheres também são importantes para a pesquisa, pois são relacionamentos afetivos que se mostraram, por vezes, precursores da migração, sendo eles, em maioria, casamentos binacionais com homens alemães. As fontes desta pesquisa são 7 (sete) entrevistas semiestruturadas do banco de dados da pesquisa “Famílias transnacionais: gênero e educação”. Através da metodologia da História Oral, a partir de análises de caráter qualitativo que levaram em conta as memórias e subjetividades dos relatos orais destas mulheres, o trabalho buscou compreender como se dão as relações familiares dessas mulheres, especialmente sob a lente interpretativa das famílias transnacionais. Portanto, conclui-se que estas mulheres mantêm práticas transnacionais com seus familiares que ficaram no Brasil. Estas práticas são demonstradas tanto a partir de visitas regulares ao país de origem quanto a partir do intermédio dos meios de comunicação cada vez mais acelerados, como o *Whatsapp*. Além disso, entende-se que, no cotidiano na Alemanha, elementos como a importância atribuída à língua portuguesa também são indicadores desses laços que demonstram a transnacionalidade destas relações com o Brasil - ou melhor, *entre* Brasil e Alemanha. Defende-se que essas práticas transnacionais auxiliam no entendimento das famílias transnacionais neste século XXI, em que a maior possibilidade de ‘ir e vir’, bem como as distâncias encurtadas pelas tecnologias, parecem ser características acentuadas nas mobilidades contemporâneas, distanciando-se de projetos migratórios que outrora cogitavam um retorno ao país de origem.

**Palavras-chave:** brasileiras-Alemanha; práticas transnacionais; famílias transnacionais; migração contemporânea.

## ABSTRACT

**Abstract:** This dissertation focuses on the family and gender reconfigurations of Brazilian women who migrated to Germany between the end of the 20th century and the beginning of the 21st century. The problematic of this research is related to transnationality, reflecting the following questions: what transnational practices can be perceived in the migratory experience of Brazilian women (mostly married to foreigners) living in Germany? How do these practices relate to the characterizations theorized in works that think about transnational families? Thus, the focus was on describing and analyzing how the interviewees' relationship with their family members in Brazil takes place, understanding that the family arrangements in question are reconfigured due to distance and that, for this reason, transnational practices could be perceived and unraveled. The marriages of these women are also important for the research, as they are affective relationships that have sometimes been shown to be precursors to migration, the majority of which are binational marriages with German men. The sources of this research are 7 (seven) semi-structured interviews from the “Transnational families: gender and education” research database. Through the methodology of Oral History, based on qualitative analyses that took into account the memories and subjectivities of these women's oral accounts, the work sought to understand how these women's family relationships take place, especially through the interpretative lens of transnational families. The conclusion is that these women maintain transnational practices with their families who have stayed in Brazil. These practices are demonstrated both through regular visits to their country of origin and through increasingly fast-paced means of communication, such as *WhatsApp*. In addition, it is understood that, in everyday life in Germany, elements such as the importance attributed to the Portuguese language are also indicators of these ties that demonstrate the transnationality of these relations with Brazil - or rather, between Brazil and Germany. It is argued that these transnational practices help to understand transnational families in this 21st century, in which the greater possibility of 'coming and going', as well as the distances shortened by technologies, seem to be accentuated characteristics of contemporary mobility, distancing themselves from migratory projects that once considered a return to the country of origin.

**Key-words:** brazilian-German; transnational practices; transnational families; contemporary migration.

**LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento em Pesquisas
DAAD	Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
EUROSTAT	Gabinete de Estatísticas da União Europeia
HTP	História do Tempo Presente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição regional das comunidades brasileiras no exterior.....	37
Figura 2 - Brasileiros na Europa.....	38
Figura 3 - Alemanha no mapa da Europa.....	41
Figura 4 - A Alemanha e seus estados.....	41
Figura 5 - Pirâmide etária da população brasileira na Alemanha em 2019.....	43
Figura 6 - Gráfico dos brasileiros e brasileiras na Alemanha (1990-2019).....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação inicial das entrevistadas.....	32
Quadro 2 - Quadro das entrevistadas .....	54

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Percentual da população brasileira na Alemanha por Estado, 2009-2019.....	42
--------------------------------------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
<b>2. BRASILEIRAS NA ALEMANHA: MOBILIDADES, AFETOS, GÊNERO E TEMPO PRESENTE.....</b>	<b>33</b>
2.1 BRASILEIROS NO EXTERIOR.....	36
2.2 RUMO AO PAÍS DE IMIGRAÇÃO: A ALEMANHA COMO DESTINO DOS BRASILEIROS.....	41
2.3 QUEM SÃO ELAS?.....	49
2.4 O AMOR ROMÂNTICO E O CASAMENTO: ESTRATÉGIAS FEMININAS NA MIGRAÇÃO.....	55
<b>3. RECONFIGURANDO OS VÍNCULOS, REFAZENDO PROJETOS: OS LAÇOS COM O BRASIL NO IR E VIR ATLÂNTICO AFORA.....</b>	<b>60</b>
3.1 HISTÓRIAS (CO)MOVEDORAS: MEMÓRIAS EM CONTEXTO TRANSNACIONAL.....	61
3.2 ENTRE BRASIL E ALEMANHA: A TRANSNACIONALIDADE EM QUESTÃO.....	65
3.2.1 AS TIC'S CONTRIBUINDO PARA OS LAÇOS TRANSNACIONAIS.....	68
3.2.2 AS VIAGENS AO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA.....	72
3.2.3 OS SABORES DO BRASIL.....	80
3.3 PASSADO, PRESENTE E FUTURO: AS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS NO SÉCULO XXI.....	85
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>103</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Não é a primeira vez em que me debrucei sobre a temática da emigração brasileira para a Alemanha. A minha história, devo dizer, não é marcada por brasileiros que partiram para a Alemanha ou para outros lugares da Europa, mas certamente se relaciona com aqueles que em direção ao Brasil vieram se aventurar séculos atrás: imigrantes italianos e alemães, vindos para trabalhar e construir uma vida nesse lugar que se mostrava distante e incerto, porém com oportunidades. Na cidade de Santo Amaro da Imperatriz, na região da Grande Florianópolis (SC), até hoje se escutam essas histórias, sobretudo nas famílias com descendentes de imigrantes, como é o caso da minha. O trabalho em questão, contudo, não teve como escopo tais migrações que nos remetem a um outro contexto; o foco foi, em vez daqueles que no Brasil fizeram morada, aqueles que do Brasil saíram para se estabelecer em um outro lugar, Atlântico afora: na Alemanha. Ou melhor: *aquelas*. Mais especificamente, tratou de sete mulheres brasileiras, de diferentes estados e cidades, sobretudo da região sudeste, que emigraram para a Alemanha entre o final do século XX e o início do XXI, a maior parte delas motivadas por casamentos com homens alemães<sup>1</sup>.

Minha relação com a temática remete aos meus anos na graduação: ainda na iniciação científica do curso de História na UDESC, fui bolsista PIBIC do projeto coordenado pela professora Gláucia de Oliveira Assis, intitulado “Famílias transnacionais: gênero e educação”. Foram mais de dois anos como integrante desta pesquisa, rendendo-me aprendizados e, certamente, a aproximação e o interesse pelas migrações contemporâneas. Realizei, durante o período de IC, as transcrições das entrevistas que foram concedidas ao projeto por brasileiras na Alemanha. Esse material compõe o banco de dados da referida pesquisa: foi a partir dele que tive acesso às fontes orais que contemplaram a presente dissertação.<sup>2</sup>

As migrações são processos diversificados, que acontecem ao redor do globo e impactam, à sua maneira, as nações. O Brasil é conhecido por ser um país que tem sua formação vinculada à presença de imigrantes, tais quais os mais afastados temporalmente, como é o caso das migrações do século XIX e XX, marcadas pela vinda de italianos, alemães, espanhóis, japoneses, entre outras nacionalidades (Assis, 2018). Há as migrações contemporâneas, também constitutivas da sociedade brasileira, a exemplo de haitianos,

---

<sup>1</sup> De acordo com Bahia (2013), existe um fenômeno nesse fluxo Brasil-Alemanha que é o de casamentos binacionais, entre mulheres brasileiras e homens alemães ou com homens de outra nacionalidade europeia.

<sup>2</sup> Sobre o processo de transcrição das entrevistas e sobre o projeto, aborda-se com mais detalhes na seção 1.1 desta introdução, “Considerações metodológicas”.

ganeses, venezuelanos e argentinos que se deslocaram e se deslocam para o país no decorrer do século XXI em diferentes contextos (Uebel, 2019). Chama a atenção que, no segundo caso, por vezes, esses imigrantes são menos prestigiados nos discursos oficiais e corriqueiros se comparados com aqueles do passado - das chamadas migrações históricas (Assis, 2018).

No entanto, como tem sido pontuado em trabalhos como o de Assis (2018), além da formação social brasileira ter a presença de distintos migrantes, de diferentes temporalidades, a população tem adquirido notabilidade no âmbito dos deslocamentos em nível internacional, já que a emigração brasileira consolidou-se sobretudo a partir da década de 1980<sup>3</sup>. Não significa que, anteriormente, como na década de 1970, não houvesse migração de brasileiros<sup>4</sup>. Mas é possível afirmar que, até então, os fluxos migratórios brasileiros para o exterior não estavam amplamente consolidados (Assis, 2018) (Feijó, 2021).

Deste modo, ainda que tenham se deslocado brasileiros para a Alemanha em momentos anteriores, o fluxo brasileiro em direção às terras germânicas efetivou-se a partir da década de 1990 e, sobretudo, nas primeiras décadas dos anos 2000, em um contexto de diversificação dos destinos migratórios (Assis, 2018). A Europa tornou-se um importante foco no que diz respeito à emigração brasileira, principalmente depois de 2001, com o ataque às Torres Gêmeas nos EUA e a posterior adoção de maiores medidas securitárias em relação às fronteiras e à entrada de imigrantes. Tais políticas reverberaram nos percursos traçados pelos brasileiros, os quais majoritariamente escolhiam o país estadunidense como destino. A crise que atingiu os EUA em 2008 também influenciou nesta procura por diferentes lugares para se deslocarem (Assis, 2018).

É a partir dessa conjuntura que outros países tornaram-se destaques quanto aos números de brasileiros, com a efetiva criação de redes migratórias e com uma diversidade de fluxos migratórios consolidados principalmente entre a década de 1990 e o início do século XXI (Assis, 2018). Esse é o caso de uma série de países europeus os quais passaram a receber grandes números de imigrantes brasileiros, a exemplo de Portugal, Inglaterra, Espanha e, como dito, também da Alemanha - que têm ocupado a quarta colocação dentre os países europeus de maior interesse por parte dos brasileiros emigrantes (Bahia, 2013). Posição essa que se mantém atualmente, como pontua Assis et al (2023), alcançando o número de 160 mil brasileiros registrados no país no ano de 2022 (Ministério das Relações Internacionais, 2023).

---

<sup>3</sup> De modo que elenca Almeida (2014, p. 65), “a crise econômica que assolou o Brasil nos anos 1980 impactou o nível de emprego e as condições de vida da população, reverberando em fluxos inéditos de emigração no País. [...] No início, os países que mais receberam brasileiros foram, principalmente, os Estados Unidos, o Japão e Portugal”.

<sup>4</sup> Sabe-se que, durante a ditadura militar, brasileiros saíram do Brasil, em geral por conta de exílio político (Feijó, 2021).

Deixar uma vida para trás - família, amigos, emprego - e ir se aventurar Atlântico afora, rumo a um país em que a língua é difícil de aprender, principalmente para os não-descendentes de imigrantes alemães, ou descendentes que não herdaram o dialeto, não é um caminho simples<sup>5</sup>. Apesar de haver motivações distintas, o perfil das entrevistadas contemplado nesta pesquisa demonstrou que grande parte delas foi para a Alemanha ainda jovens, após se apaixonar por um companheiro alemão no Brasil; assim, migraram para o país germânico com seus companheiros e lá permaneceram, casando, constituindo família e estendendo temporalmente o projeto migratório que inicialmente se mostrava mais curto. Quando não foi este o caso, migraram para estudar e, ao se apaixonarem e constituírem família nas terras germânicas, alteraram possíveis planos e também permaneceram na Alemanha. Os afetos, de uma forma ou de outra, permearam as trajetórias destas mulheres e conduziram, em larga medida, o caminhar desta dissertação.

Nos estudos das migrações, existem formas distintas a partir das quais os imigrantes são enxergados. Aqui, teve-se como ponto de partida o transnacionalismo. Essa perspectiva analítica emergiu a partir da década de 1990, sobretudo no campo da Antropologia, com destaque para o trabalho de Schiller et al (2019)<sup>6</sup>, de modo que as autoras descreveram e delimitaram o que compreenderam enquanto migrantes transnacionais - os transmigrantes. Junto da definição de Schiller et al (2019, p. 354), “os imigrantes constroem campos sociais que ligam seu país de origem e seu país de estabelecimento. [...] Os transmigrantes desenvolvem e mantêm múltiplas relações - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas - que atravessam fronteiras.” Por conseguinte, é em consonância a essa perspectiva que foram compreendidas aqui as experiências das brasileiras na Alemanha, principalmente pensando no conceito de famílias transnacionais (Carvajal, 2014). A migração transnacional pode ser entendida a partir do que identificam Schiller et al (2019):

A migração transnacional é o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais de múltiplas dimensões simultâneas que unem sua sociedade de origem e de adoção. Ao identificar um novo processo de migração, os estudiosos da migração transnacional enfatizam os modos correntes e contínuos pelos quais os imigrantes dos dias atuais constroem e reconstituem sua incorporação simultânea em mais de uma sociedade. (Schiller et al, 2019, p. 351)

---

<sup>5</sup> Aqui, não se trata de migrantes que foram para a Europa por já terem a dupla nacionalidade, como é o caso de outras mobilidades dos descendentes de alemães ou italianos, os quais adquirem a cidadania e se direcionam para lá.

<sup>6</sup> O trabalho de Schiller et al (2019) foi publicado, primeiramente, em 1992. Aqui, utiliza-se a tradução feita por Mário A. Eufrásio (FFLCH/USP), Michele Aparecida de Souza, (EFLCH/UNIFESP), Célia Toledo Lucena (CERU/USP), Geraldo Ribeiro de Sá (UFJF) e Maria Christina Siqueira de Souza Campos (CERU/USP), publicada em 2019 na Cadernos CERU. Esta tradução buscou trazer um importante trabalho para a língua portuguesa, dada sua relevância para os estudos que se baseiam no transnacionalismo.

A transnacionalidade, sobretudo a partir do conceito de famílias transnacionais, traz consigo nuances e especificidades nas relações que são estabelecidas entre os migrantes e aqueles que ficaram no país de origem, já que se trata de um singular campo de relações, mantidas e reconfiguradas a partir da distância (Carvajal, 2014). É neste sentido que a problemática da pesquisa girou em torno das seguintes interrogações: quais as práticas transnacionais podem ser percebidas na experiência migratória das mulheres brasileiras (em sua maioria, casadas com estrangeiros) vivendo na Alemanha? De que modo essas práticas se relacionam com as caracterizações teorizadas nos trabalhos que pensam as famílias transnacionais?

As famílias transnacionais costumam ser definidas como as relações familiares que são mantidas por quem migra com aqueles que ficaram no país de origem - de certa forma, dizem respeito aos laços que são mantidos entre os familiares em um contexto de migração. Uma série de práticas transnacionais está presente nas configurações familiares transnacionais, de modo que auxiliam na (re)configuração<sup>7</sup> desses vínculos reafirmados *entre* os dois lugares - ou melhor, *entre* os sujeitos que se encontram distantes fisicamente, mas que compartilham afetos e, muitas vezes, projetos entre os dois lugares: o de origem e o de migração. Nas palavras de Parella (2007), uma definição que corresponde às famílias transnacionais é a seguinte:

aquela família cujos membros vivem parte ou a maior parte do tempo separados uns dos outros e que são capazes de criar vínculos que permitem que seus membros se sintam parte de uma unidade e percebam seu bem-estar a partir de uma dimensão coletiva, apesar da distância física. Dessa forma, as famílias são concebidas com base em sua dinâmica de constante negociação e reconfiguração, por meio de sua capacidade de adaptação no tempo e no espaço. (Parella, 2007, p. 155, tradução minha)

Além disso, conceitos como espaço de experiência e horizonte de expectativas, do historiador alemão Reinhart Koselleck (2006), auxiliaram na presente pesquisa, já que se tratam de categorias metahistóricas e, portanto, a partir delas foi possível compreender como as entrevistadas narraram suas próprias experiências passadas no presente - pensando no espaço de experiência. Ao mesmo tempo, notando-se que teceram, também ao narrar, no *hoje*,

---

<sup>7</sup> Aqui, as (re)configurações a que se referem, termo utilizado inclusive no próprio título do trabalho, diz respeito às transformações nas relações das migrantes com os seus familiares, aqueles que ficaram no país de origem. Portanto, faço uso desse termo de modo a se relacionar com os debates teóricos do transnacionalismo já mensurados. Nesse sentido, as (re)configurações são notadas a partir das práticas transnacionais observadas nas falas das entrevistadas - que serão demonstradas no decorrer do trabalho.

projeções que se direcionam ao futuro - que seria o horizonte de expectativas. Nas migrações, esses conceitos mostram-se pertinentes, principalmente levando em conta a noção de projeto migratório.

Aqui, entendeu-se projeto migratório como “um procedimento estratégico, ligado à realidade prática e ao contexto que o cerca. É uma construção intencional, uma projeção sobre o futuro” (Almeida, 2013, p. 91). Os projetos são dinâmicos e podem ser reformulados no decorrer da trajetória migratória, dependendo das possibilidades de agência do migrante, de suas ponderações e também de seus desejos (Almeida, 2013) (Martendal, 2022). Compreende-se, também, sobre o caráter tanto individual quanto social desses projetos:

O uso da noção de projeto migratório é revelador da capacidade de “poder-fazer” dos migrantes e sinaliza para uma perspectiva que privilegia o indivíduo migrante como alguém com intenções e com capacidade de ação [...] Entender porque alguém migra de um local para outro e como isso é possível demanda, do ponto de vista sociológico, o reconhecimento de um nível de agência – entendida como a capacidade de ação dos indivíduos dentro de um campo de forças sociais. (Almeida, 2013, p. 91-92)

Além da importância dos projetos migratórios e de sua dinamicidade, o conceito de migração por amor, pautado sobretudo por Lima; Togni (2012) e Assunção (2016), mostrou-se importante para o trabalho, tendo em vista que quatro das sete entrevistadas migraram por conta de relacionamento afetivo estabelecido com homens alemães a quem conheceram no Brasil. A migração por amor pode ser entendida como aquela em que as mulheres “têm um projeto pessoal e especialmente individualizado que não se vincula à existência de redes migratórias de suporte do tipo familiar ou comunitário” (Lima; Togni, 2012, p. 136). O principal intuito desse deslocamento seria “a formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal no destino” (Lima; Togni, 2012, p. 136).

O recorte temporal desta pesquisa compreendeu o final dos anos 1990, mas, sobretudo, as primeiras décadas do século XXI, por abranger os anos de imigração das entrevistadas e, ao mesmo tempo, pelas experiências migratórias narradas por essas mulheres referirem-se, em larga medida, a tal período. É importante também considerar que as conversas com as entrevistadas aconteceram entre 2020 e 2021.

No mais, a escolha de optar pelo recorte temporal enquanto as primeiras décadas do século XXI deu-se sob o amparo da premissa de balizas móveis, marcadamente relacionadas aos estudos da História do Tempo Presente. Christian Delacroix (2018), analisando os principais historiadores dessa tradição acadêmica sobretudo francesa, discorreu que as balizas móveis buscam dar conta das temporalidades que não são tão precisas - elas vêm e vão, ainda

mais quando os estudos se debruçam sobre trajetórias ainda em curso, como foi o caso da presente pesquisa.

A temática da migração internacional recente é uma questão importante para a História do Tempo Presente, já que trata de populações em mobilidade e, portanto, estudá-la coloca questões sobre a memória, as construções identitárias, assim como traz à tona noções de família e de gênero das pessoas em trânsito no século XXI. No caso do Brasil, compreender o direcionamento para a Alemanha implicou em historicizar esse fluxo, marcadamente feminino, contribuindo para ampliar as informações e dados sobre brasileiros no exterior. Mais do que trazerem novas informações, significou narrar a história deste fluxo a partir de relatos orais e experiências dessas mulheres, de modo a ampliar os estudos qualitativos que se dedicam a estudar brasileiras e brasileiros no exterior. O foco na transnacionalidade ressaltou também a importância de expandir as contribuições queensem sobretudo as (re)configurações familiares nas migrações de brasileiros, que aqui se fez com o apoio da história oral como metodologia.<sup>8</sup>

Dessa maneira, teve-se como objetivo geral compreender a configuração transnacional nas vivências dessas brasileiras, que estão estabelecidas na Alemanha, mas que mantêm vínculos com familiares e amigos do Brasil. Pensou-se, de um lado, nos seus afetos com pais, irmãos e entre outros familiares/amigos que na terra natal ficaram; de outro, na constituição familiar que essas mulheres estabeleceram na Alemanha, com seus respectivos maridos, filhos e filhas.

Para isso, os objetivos específicos envolveram: construir um panorama das migrações internacionais, em que a migração brasileira para a Alemanha foi devidamente historicizada e descrita, principalmente pensando na importância de marcadores como o gênero nos estudos a respeito das migrações. O segundo objetivo concentrou-se em descrever os projetos migratórios e explicitar como se configuram as famílias transnacionais, destacando as relações das entrevistadas com o Brasil e elucidando as especificidades desses laços - com uma lente interpretativa que se pautou no transnacionalismo.

De todo modo, ressalta-se que este trabalho teve caráter qualitativo, sem a tentativa de traçar um perfil amplo ou generalizante da migração brasileira rumo à Alemanha - nem mesmo da migração de mulheres brasileiras na Alemanha. As entrevistas as quais compuseram esse trabalho não são o suficiente para esse tipo de proposta. Embora qualitativa, a análise destas trajetórias ofereceu um quadro das experiências brasileiras que nos ajudam a

---

<sup>8</sup> Como indiquei ao início desta introdução, uma discussão metodológica, que leva em conta a história oral e o seu uso para a presente pesquisa, está presente no tópico seguinte 1.1 Considerações metodológicas.

compreender nuances desse fluxo migratório, principalmente de modo a ressaltar experiências femininas nas migrações internacionais.

Para a pesquisa, dois passos foram constitutivos no que diz respeito ao processo de mapear trabalhos pertinentes que estivessem em diálogo com o que esta proposta: de um lado, aqueles que tratam da migração brasileira para a Alemanha, enfoque em que é possível destacar contribuições como as de Joana Bahia (2013) e Glauco Feijó (2021). A outra frente que se fez primordial foi, por outro lado, a busca por trabalhos que tivessem como foco as reconfigurações familiares em contextos migratórios - a partir de pesquisas que pensaram as chamadas famílias transnacionais, com destaque para Francisco (2015) e Carvajal (2014).

Na América Latina, é relevante pontuar o interesse nos estudos a respeito das famílias transnacionais, sobretudo no campo da Antropologia, que parece ter se solidificado nas primeiras décadas dos anos 2000 (Carvajal, 2014). Em países como Colômbia, Bolívia e Peru, existem estudos os quais apresentam este interesse de pesquisa. Nesses casos, o enfoque se mostra relevante a partir de Rivas (2009), que pesquisou as famílias transnacionais colombianas, e Parella (2007), que se deteve sobre as famílias equatorianas e peruanas. Esse foco, contudo, não tem sido demarcado no Brasil da mesma maneira.

É neste contexto que esta dissertação visou contribuir sobretudo para pensar as configurações familiares de mulheres brasileiras que migraram para a Alemanha, tendo em vista que não foram identificados trabalhos os quais pesquisem especificamente a respeito dos arranjos familiares neste trajeto Brasil-Alemanha até o presente momento<sup>9</sup>. As reconfigurações familiares na experiência migratória, por outro lado, têm sido o foco de outras pesquisas nos estudos das migrações, a exemplo de Angelin (2012) ou Francisco (2016), mas não a respeito da migração brasileira em direção ao país germânico.

Outrossim, a pesquisa fez-se importante para delinear, a partir das experiências dessas mulheres, os desafios que se mostram presentes no contexto da migração internacional. Por isso, foi interessante o movimento de se aproximar dessas histórias, justamente para que, a partir da mobilização das subjetividades dessas migrantes, questões mais amplas sejam trazidas à tona: como é o caso das estratégias femininas nas migrações contemporâneas, que permitem reflexões acerca dos papéis tradicionais de gênero os quais podem ser reafirmados ou questionados, exigindo um olhar cauteloso para as nuances.

---

<sup>9</sup> Existem trabalhos que têm se dedicado à recente migração brasileira para a Alemanha, mas não a partir desse enfoque dos arranjos familiares. Reforço, no entanto, que as buscas realizadas levaram em conta trabalhos em português, inglês ou espanhol, mas talvez possam existir trabalhos em alemão que eu desconheça..

Ademais, este trabalho abriu espaços para compreender os casamentos binacionais, neste caso imersos no contexto de uma migração transnacional (Schiller et al, 2019). Tais matrimônios, por sua vez, trazem contornos de relacionamentos afetivos que demonstram outras formulações familiares possíveis e que, neste sentido, devem ser estudados, para que se possa compreender com cuidado as relações afetivas ligadas aos contextos de migrações - configurações essas que se mostram cada vez mais presentes no mundo contemporâneo.

Sobre a estruturação do trabalho, apresento os caminhos metodológicos numa subdivisão nesta introdução, nomeada de “Considerações metodológicas”, em que exploro sobre o banco de dados que me permitiu o acesso às fontes da pesquisa, sobre o processo de seleção e transcrição das entrevistas, entre outras pontuações de caráter metodológico que se fizeram importantes para a elaboração deste trabalho, guiado a partir da história oral e de análises qualitativas desse material.

O primeiro capítulo, “Brasileiras na Alemanha: mobilidades, afetos, gênero e tempo presente” contém um panorama dos brasileiros rumo ao exterior, destacando a Europa como um continente que têm adquirido importância para os brasileiros. A Alemanha é um dos países nesse contexto, de modo que a migração brasileira para lá é elucidada com um estado da arte, demonstrando pesquisas as quais versam sobre Brasil-Alemanha. Ademais, são apresentadas as entrevistas e, em seguida, direciona-se para um dos enfoques da pesquisa: o gênero. Neste sentido, pensa-se nas migrações por amor, recorrentes entre grande parte das entrevistadas, e na própria constituição do casamento destas mulheres, que se mostram relevantes em suas trajetórias, sobretudo porque seis das sete vivenciam casamentos binacionais. Logo, este capítulo aborda as estratégias femininas destas brasileiras, visto que, mesmo quando não migraram por amor, os atributos tradicionais de gênero, como o casamento e a maternidade, apareceram recorrentemente e se mostraram primordiais para a permanência a longo prazo destas mulheres na Alemanha.

No segundo capítulo, “Reconfigurando os vínculos; refazendo projetos: os laços com o Brasil no ir e vir Atlântico afora”, o foco é a transnacionalidade, sobretudo a partir dos vínculos com o Brasil, entendidos a partir das práticas transnacionais. Assim sendo, debruço-me acerca das conexões com o Brasil, de modo a entender como acontece o contato com familiares e amigos. Verifica-se, neste contexto, quais aspectos podem ser pensados nessas reconfigurações familiares sob a ótica das famílias transnacionais. Para contribuir com a discussão, são acionados conceitos como memória, identidade e projetos migratórios, relacionando-os aos vínculos reconfigurados com o Brasil que são descritos ao longo do capítulo. As visitas regulares ao Brasil e o uso contínuo de tecnologias e meios de



comunicação para manutenção do contato com parentes e amigos no Brasil são exemplos das práticas transnacionais percebidas nas experiências narradas por essas mulheres. O capítulo encaminha-se para compreender a especificidades da transnacionalidade e das próprias famílias transnacionais no século XXI, as quais se mostram com maiores possibilidades de ‘ir e vir’ para manter as relações com o país, e, portanto, de modo a resultar na extensão do projeto migratório, sem perspectiva de um retorno ao Brasil.

As considerações finais retomam o caminhar do trabalho, dimensionando os seus respectivos capítulos. A partir disso, pontuam-se as principais contribuições realizadas, as quais seriam trabalhar com as subjetividades dessas mulheres - os seus afetos - , visando a compreensão dessas reconfigurações familiares transnacionais no início deste século, em que são ressaltadas as práticas transnacionais dessas entrevistadas. Práticas essas que, por sua vez, ressaltam as relações que são mantidas pelas protagonistas da pesquisa *entre* Brasil e Alemanha, de forma a acentuar os seus projetos migratórios e as famílias transnacionais. Esta dissertação, portanto, contribui para pensar, no âmbito das migrações, os afetos, o gênero e as famílias - no contexto que envolve especificamente as mobilidades contemporâneas.

## 1.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Em uma entrevista, são evocadas memórias - reminiscências. Neste caso, memórias e reminiscências das sete entrevistadas que contemplam esta dissertação. Alessandro Portelli (2001) ressalta que a entrevista é este momento de coparticipação, dividido entre entrevistador e entrevistado, que evoca significados e subjetividades. Envolve, ainda, negociações entre os dois, na medida em que “[...] trazem para a entrevista uma agenda própria, que é constantemente reajustada no curso da conversa.” (Portelli, 2001, p. 20). Isso significa dizer que as entrevistas, mesmo que tenham perguntas-base em comum, têm a capacidade de se diferenciarem umas das outras, já que cada sujeito pode conduzir suas respostas por caminhos próprios, de modo a participarem ativamente do caminhar - dos ‘rumos’ - deste diálogo (Portelli, 2001).

Ao seguir este raciocínio, evidencia-se que uma entrevista a partir da história oral é propensa a ser compreendida enquanto uma história ainda não contada, em diálogo a Portelli (2001). Não exatamente pelo que é dito em termos de conteúdo, porque essas histórias podem ter sido outrora contadas em contextos distintos. É por isso que a situacionalidade é relevante: o momento em si da entrevista reverbera no modo como aquela história será narrada. Assim, é

possível dizer que as histórias contadas são textos em andamento, os quais estão sendo formulados e reformulados naquele momento da entrevista. Esta característica pode intensificar os desafios e especificidades dos relatos; por outro lado, é também a sua essência (Portelli, 2001).

É neste sentido que se faz fundamental ter em conta o diferencial das fontes orais, de modo a entender suas particularidades. Não por serem ‘melhores’ ou ‘piores’ do que outros documentos: elas são diferentes. Como elenca Joutard (2000, p. 33), “o oral nos revela o ‘indescritível’, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas ‘muito insignificantes’ - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita.”

Logo, esta dissertação teve como fonte sete relatos orais, pautando-se na metodologia da história oral. Para isso, fez-se diálogo com autores tais quais Thomson (2002) e Portelli (2001), que refletem tanto sobre a realização das entrevistas bem como sobre as contribuições dos relatos orais na realização de pesquisas qualitativas. Thomson (2002), em específico, discorre a respeito do impacto da história oral nos estudos das migrações, afirmando que a metodologia em questão permitiu contribuições no que tange às subjetividades dos migrantes.

Os historiadores orais são singulares em sua capacidade de questionar seus informantes, de fazer perguntas que podem não ter sido imaginadas no passado e de evocar reminiscências e entendimentos anteriormente silenciados ou ignorados. Usufruímos os prazeres - bem como os consideráveis desafios - de nos engajarmos em relacionamentos humanos ativos no curso de nossas pesquisas. (Thomson, 2002, p. 51)

As entrevistas e a história oral permitiram que esta pesquisa tivesse as ferramentas necessárias para atingir os seus objetivos, já que se trata de um trabalho qualitativo a partir da análise das entrevistas das brasileiras Angelina, Vanessa, Fabiana, Ana Luiza, Livia, Silvânia e Larissa - todos pseudônimos seguindo os preceitos éticos de não identificação. Dessa forma, nesta seção apresentar-se-á o projeto do qual esse material faz parte. Também serão elencadas pontuações metodológicas importantes sobre o contexto destas entrevistas, destrinchando, ainda, sobre o processo empreendido para analisá-las nesta dissertação.

As fontes aqui investigadas derivam do banco de dados da pesquisa “Famílias transnacionais: gênero e educação”<sup>10</sup>, em que foram realizadas 22 entrevistas, conduzidas pela professora Gláucia de Oliveira Assis, entre outubro de 2020 e novembro de 2021, junto do

---

<sup>10</sup> A seguir, um link sobre a pesquisa que consta no site da Universidade de Hamburgo. Disponível em: <https://www.ew.uni-hamburg.de/en/einrichtungen/ew1/vergleichende/diver/forschung/laufende-projekte/transnational-families/gened-portugiesisch.html>. Acesso em: 12 de janeiro de 2024.

professor Francisco Canella e da professora Sueli Siqueira. Essas conversas, devido à pandemia de Covid-19, foram realizadas de maneira remota, através de *Google Meets*, *Teams* ou *Zoom*. A pesquisa em questão, com duração de 2019 a 2022, teve vínculo com a UDESC no Brasil, a partir do fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento em Pesquisas (CAPES), e com a Universidade de Hamburgo na Alemanha, contando com o incentivo do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).

O foco do referido projeto de pesquisa foi a migração brasileira para a Alemanha, especialmente sob uma perspectiva de gênero, para vislumbrar aspectos diversos da experiência migratória das mulheres que são maioria neste fluxo. Há distintos projetos protagonizados por essas mulheres, sendo por vezes projetos afetivos, de estilo de vida ou de estudos e trabalho. Dentre as entrevistas realizadas, 18 delas foram com mulheres, sendo 4 com homens.

Esta pesquisa envolveu uma equipe de pesquisadores/as e de bolsistas, contando, inclusive, com a participação dos professores Javier Carnicer e Sarah Fürsternau, docentes da Universidade de Hamburgo e dois dos nomes que contemplam o panorama de pesquisas já realizadas sobre brasileiros na Alemanha<sup>11</sup>. A respeito da escolha das pessoas entrevistadas, utilizou-se a amostragem em bola de neve, que tem suas especificidades, a serem discutidas a seguir.

Juliana Vinuto (2014) aponta que, dentro da sociologia e de outras ciências sociais, a amostragem em bola de neve tem sido constituinte de pesquisas qualitativas. Essa se mostra, portanto, uma ferramenta que é utilizada para encontrar e entrar em contato com os sujeitos do grupo a ser estudado, a fim de iniciar as investigações. Para isso, são localizadas “algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral” (Vinuto, 2014, p. 203). De modo que são consideradas ‘sementes’, tais sujeitos contatados auxiliam o pesquisador a entrar em contato com outros que, por sua vez, também sejam parte do perfil de interesse. Além disso:

solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (Vinuto, 2014, p. 203)

Reforça-se, por conseguinte, que tal busca é recorrente em trabalhos de teor qualitativo por conta da impossibilidade de ter noções estatísticas precisas a respeito daqueles

---

<sup>11</sup> Os seus respectivos trabalhos são pontuados e trazidos ao longo do trabalho, sendo eles Carnicer (2016) e Fürsternau (2015).

que são pesquisados. No caso da pesquisa “Famílias transnacionais: gênero e educação”, pontua-se que era prevista a realização de um trabalho de campo - etnográfico -, que contava com viagens para a Alemanha. De modo que, já no início de 2020, foi deflagrada a pandemia de Covid-19, tais idas ao país por parte da equipe da pesquisa mostraram-se inviáveis. No decorrer de 2020, havia a necessidade de coletar materiais para a efetiva continuidade da pesquisa, por isso a decisão foi a de realizar as entrevistas remotamente, o que trouxe desafios desta outra modalidade.

Uma etnografia demanda um trabalho de campo que não é denominado dessa maneira à toa: trata-se de uma imersão no mundo do sujeito pesquisado, de um laço e uma proximidade que são construídos e que, comumente, acontecem com pesquisador e pesquisado dividindo um mesmo espaço físico. Em diálogo à Zanini (2020):

As pesquisas etnográficas costumam estar marcadas por certo tom de artesanato, de ajustes, incertezas, imprevistos e rearranjos próprios das interações humanas e dos ritmos da vida. Nem sempre os calendários entre pesquisadores e pesquisados fecham, nem nossos interlocutores estarão disponíveis para nossas agendas acadêmicas e pessoais e para a lógica dos prazos acadêmicos. O fazer etnográfico tem o desafio das pesquisas qualitativas que lidam com muitas variáveis, alternâncias, com seres humanos nos ciclos de suas existências, complexidades e particularidades. (Zanini, 2020, p. 102)

Neste caso, a ideia inicial era focar em brasileiras, sobretudo na cidade de Hamburgo, de modo que seria possível tecer perfis mais detalhados das mulheres brasileiras que estavam nessa cidade e em suas proximidades. Todavia, como pontuado por Zanini (2020), o fazer etnográfico traz seus desafios próprios, o que, por vezes, implica em mudar os planejamentos iniciais. Ou seja, ajustes e rearranjos, como pontua a autora, fazem-se necessários principalmente quando se trata de uma pesquisa qualitativa. E, neste caso, como já foi citado, houve a pandemia de Covid-19 no contexto do trabalho de campo.

Com as entrevistas realizadas de forma *on-line*, abrangeu-se para brasileiras em quaisquer cidades alemãs, tendo em vista a mudança necessária para o trabalho etnográfico e, neste sentido, levou-se em conta a dificuldade de procurar e contatar - a distância - brasileiras que somente morassem em Hamburgo e região. Também a partir da amostragem bola de neve e, conseqüentemente, das indicações que cada entrevistada fazia, realizaram-se 4 entrevistas com homens, os quais emergiram dentro dos contatos estabelecidos e se mostraram interessados em narrar suas experiências.

As entrevistas, por ocasião de serem feitas de modo remoto, trouxeram dilemas metodológicos, por alterarem a lógica do contato que comumente se estabelece entre

entrevistador e entrevistada, tal qual foi supramencionado. Santhiago; Magalhães (2020) elencam que este formato de conversa com sujeitos pesquisados implica em mexer no cerne de uma metodologia já consolidada, como é o caso da História Oral. Pontuam que envolve lidar com quatro critérios constitutivos de entrevistas a partir dessa ferramenta metodológica: oralidade, imediatez, dialogicidade e situacionalidade (Santhiago; Magalhães, 2020, p. 9). A partir do meio virtual, Santhiago; Magalhães (2020) ressaltam que estes elementos estão envoltos, portanto, em um outro cenário.

As implicações destas distinções precisam, ainda, ser aprofundados a partir do crescimento de outros trabalhos que também se valham de interações através do virtual nesta metodologia. Assim, há a demanda por problematizar e trazer maior aprofundamento nas implicações desta possibilidade de história oral, que cresceu consideravelmente desde a pandemia de Covid-19 (Santhiago; Magalhães, 2020). Além disso, em diálogo à Silva (2022, p. 169):

A realização de entrevistas de História Oral durante o período de isolamento social imposto pela pandemia nos levou a romper barreiras até então invisíveis no uso da tecnologia e na adequação da metodologia às demandas dos sujeitos e do fazer histórico. Compreendemos que a História Oral nos permite uma experiência multissensorial ao passo que realizá-la pela tela em 2020 nos relegou a um (re)encontro de lugar de escuta, no qual os entrevistados puderam reescrever a temporalidade presente frágil e desafiadora, por meio da rememoração de vivências [...]. (Silva, 2022, p. 169)

É interessante que Silva (2022) pontua o caráter multissensorial da História Oral e as adaptações que foram objetivo daqueles pesquisadores e pesquisadoras os quais fizeram entrevistas durante a pandemia, como foi o caso dela em sua tese. A experiência multissensorial da história oral foi, de certa forma, reconfigurada para uma outra experiência, por sua vez contornada e mediada pela tecnologia, como é o caso do *Zoom* e do *Google Meets*. Também é pertinente ressaltar que, dado o momento de pandemia vivenciado por todos entre 2020 e 2021, essas conversas mostraram-se oportunidades de criar espaços de escuta, pensando que a maior parte das pessoas estava vivenciando o isolamento social e que, por conseguinte, humanizar esses diálogos, na medida do possível, foi fundamental, ainda mais pensado na relação que se estabelece, nestas diferentes condições, entre entrevistadas e entrevistadora.

Neste sentido, adaptações foram necessárias para esta forma de conversar com as pessoas pesquisadas. Em muitos casos, as dificuldades envolvem falha na conexão ou baixa familiaridade com as plataformas digitais, às vezes pouco convidativas (Silva, 2022). No caso

desta pesquisa, as entrevistas foram realizadas em diferentes mediadores, como o *Microsoft Teams*, o *Google Meets* e o *Zoom*. Mas o uso em si dos aplicativos não foi uma questão, já que as entrevistadas se adaptaram às funcionalidades propostas. No entanto, a internet foi empecilho em alguns momentos, o que exigiu paciência por parte de entrevistadora e entrevistada.

Para a produção da dissertação, foram escolhidas 7 das 22 entrevistas. Como critério de seleção, optou-se por aquelas em que se sobressaíram as práticas transnacionais no decorrer da entrevista, como, por exemplo, as que evidenciaram e melhor descreveram as relações com o Brasil, a partir das visitas regulares e outros aspectos afetivos relacionados ao Brasil. Apesar de haver um roteiro-base padronizado que foi utilizado para fazer as entrevistas do projeto, ele foi um parâmetro<sup>12</sup>. Ou seja, cada entrevistada pôde, a partir de suas subjetividades, dar ênfase para o que considerou mais relevante acerca de sua própria experiência migratória, de modo a levar em conta que existem assuntos nos quais se sentem mais ou menos à vontade para se deter ao longo da conversa.

A partir disso, em consonância à Magalhães (2017), trabalhou-se com fichamentos temáticos das entrevistas, sendo que, para isso, foi realizada uma série de leituras do material do projeto depois do processo de transcrição. Este foi o caminho, de acordo com o recorte de minha pesquisa de mestrado, para que eu chegasse às 7 entrevistas. Assim, foram selecionadas aquelas em que, após tais fichamentos temáticos focados na transnacionalidade, foram as que trouxeram à tona as práticas transnacionais - essas que, por sua vez, são o foco desta investigação.

O ponto de partida para o modo de tecer as análises dessas entrevistas também teve por base os fichamentos temáticos focados na transnacionalidade. A partir destes fichamentos e de releituras e retornos a estas entrevistas, puderam ser percebidas as características transnacionais que se sobressaíram ao longo do material. A leitura de trabalhos que pensam a partir do transnacionalismo, sobretudo aqueles que focam nas configurações familiares transnacionais - a saber, Parella (2007), Carvajal (2014) e Francisco (2015) - mostraram-se também essenciais para delimitar as práticas transnacionais que puderam ser interpretadas desta forma nas entrevistas.

Posto isto, foi possível formular eixos temáticos para o que narraram em comum as entrevistadas, de modo a elucidar os aspectos transnacionais presentes em suas falas. As práticas transnacionais identificadas nas experiências destas mulheres foram as seguintes: uso

---

<sup>12</sup> O roteiro das entrevistas está disponível no Anexo A.

de tecnologias e meios de comunicação para fazer contato; visitas ao Brasil; ensino de português aos filhos; e comidas que remetem afetivamente ao Brasil.<sup>13</sup>

É importante situar que atuei como bolsista de iniciação científica no projeto “Famílias transnacionais: gênero e educação” durante dois anos e, a partir de minha participação, houve a aproximação com as discussões referentes à migração de brasileiras para a Alemanha, sendo que realizei meu trabalho de conclusão de curso sobre essa temática<sup>14</sup> e, depois, desenvolvi meu projeto de mestrado. É também minha colaboração no referido projeto que me permitiu o devido acesso ao banco de dados, já que ele é restrito ao grupo responsável pela pesquisa. Outro aspecto relevante para pontuar é que estive presente durante o período de realização de todas as entrevistas. Apesar de que não as realizei, fui uma das responsáveis pelas transcrições desse material, o que denota uma vez mais a relação de proximidade que tenho com as fontes trabalhadas nesta dissertação.

O processo de transcrição aconteceu sob a supervisão da professora Gláucia de Oliveira Assis, quando eu estava na graduação. É interessante refletir que o momento de transcrição é tão importante quanto a entrevista em si, pois é o momento em que os pesquisadores, de certa forma, “criam” o seu material - neste caso, como historiadora, participei do processo de criação das fontes as quais analiso. A transcrição envolve um procedimento que impossibilita uma ‘total’ reprodução do que foi dito, pois, ao escrever, trata-se de uma outra versão do que é falado pela entrevistada (Magalhães, 2017). Seguindo esta lógica, “o relato transcrito nunca é igual ao que foi falado na gravação e talvez, quanto mais o editamos, maior será essa distância.” (Magalhães, 2017, p. 17). Isso, por sua vez, não impede que haja a necessidade de um comprometimento ético e metodológico para empreender esta tarefa de transcrição.

Em diálogo à historiadora Eugenia Allier Montaño (2020), a coetaneidade traz desafios para o exercício dos historiadores e historiadoras, aqui falando daqueles que pensam a partir da História do Tempo Presente. “Dividir” um mesmo tempo com os sujeitos os quais são por nós pesquisados é, no campo historiográfico, um empreendimento distinto daqueles das historiografias mais tradicionais, que consolidaram a História no meio científico a partir do século XIX (Allier Montaño, 2020). Mas, não deixa de ser importante. Talvez por isso, como pontua François Dosse (2012), a Antropologia e as Ciências Sociais contribuem de

---

<sup>13</sup> Estas práticas transnacionais estão presentes no capítulo 2, a partir dos excertos das entrevistadas que foram destrinchados e discutidos.

<sup>14</sup> O meu trabalho de conclusão de curso no bacharelado em História intitula-se “Brasileiras na Alemanha: o sistema escolar alemão em perspectiva (1998-2021)”. O foco foi analisar as percepções de três mulheres brasileiras, mães na Alemanha, a respeito da experiência de seus filhos no sistema escolar alemão, em diálogo com outras bibliografias que pautam sobre o sistema escolar alemão. Ver Martendal (2022).

formas consideráveis aos historiadores do tempo presente, por serem áreas que estão habituadas a esse exercício.

Cabe ressaltar o compromisso ético com as fontes e a metodologia durante a realização da pesquisa. Essa preocupação torna-se mais delicada para pesquisadores/as da História do Tempo Presente, por conta desta coetaneidade entre os sujeitos pesquisados e os pesquisadores (Allier Montaño, 2020). Desse modo, “a relação do historiador com o passado, o presente, os atores da história, em suma, sua intervenção no mundo em que vive, deve se basear em uma ética da responsabilidade com a alteridade e com a construção e transmissão das verdades possíveis” (Allier Montaño, 2020, p. 203, tradução minha). Portanto, tais relações e dilemas que circunscrevem a escrita da história a partir da HTP trazem consigo um encargo duplo: é ético e político, afinal de contas, a pesquisa tem implicações diretas tanto nas vidas daqueles que são pesquisados como, em muitos casos, na sociedade de modo geral - cabendo ao historiador e à historiadora se responsabilizar com as vicissitudes de sua função (Allier Montaño, 2020).

Neste caso, levando-se em conta que as migrações são pautas importantes na contemporaneidade e, mais que isso, por se tratar de trajetórias. Assim, as questões éticas também estiveram postas por conta da utilização da História Oral, já que as fontes são relatos concedidos por mulheres que estão com suas vidas em curso. E, certamente, foram partes de suas experiências pessoais que foram confiadas ao projeto<sup>15</sup>. No quadro 1, traz-se uma primeira apresentação das entrevistadas, apenas para ressaltar as protagonistas da pesquisa.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Cabe reiterar que o próprio momento da entrevista, em diálogo com Portelli (2001), exerce impacto na forma como são elaboradas as narrativas das entrevistadas. Ou seja, estas mulheres podem mudar suas percepções sobre suas trajetórias, mas as fontes desta pesquisa dizem respeito aos relatos orais elaborados a partir das entrevistas realizadas entre outubro de 2020 e novembro de 2021.

<sup>16</sup> Uma apresentação mais detalhada será feita no primeiro capítulo do trabalho, na seção “2.3 Quem são elas?”.



**Quadro 1: Apresentação inicial das entrevistadas**

<b>Entrevistada</b>	<b>Cidade de origem</b>	<b>Idade no momento da entrevista</b>
Angelina	Belo Horizonte (MG)	30 anos
Ana Luiza	São Paulo (SP)	45 anos
Larissa	Guaratinguetá (SP)	54 anos
Fabiana	Governador Valadares (MG)	43 anos
Silvânia	Cachoeiro de Itapemirim (ES)	54 anos
Vanessa	Alagoinhas (BA)	53 anos
Lívia	São Paulo (SP)	45 anos

Fonte: Elaboração própria da autora

Para além dos preceitos éticos de não identificação - assinados pelas entrevistadas -, ressalto que se levou em consideração o cuidado e a sensibilidade de entender que essas histórias, que pertencem a estas mulheres migrantes, foram analisadas a partir das inquietações da pesquisa, com o devido rigor metodológico aqui descrito. Junto disso, pautou-se um compromisso com a ética e a responsabilidade necessárias no empreendimento de lidar com as vivências narradas por essas mulheres. Como pontua Lohn (2019), a História do Tempo Presente é a história do vivido, do viver e do existir: e aqui se buscou, portanto, trabalhar com essas experiências, com as narrativas e os significados que estas mulheres construíram sobre o seu ‘existir’ no contexto migratório Brasil-Alemanha.

## 2. BRASILEIRAS NA ALEMANHA: MOBILIDADES, AFETOS, GÊNERO E TEMPO PRESENTE

Neste capítulo, busca-se elucidar contornos que relacionam as migrações, o tempo presente e o marcador social gênero, justamente para, nessas tessituras, pontuar e dimensionar a migração brasileira para a Alemanha, relacionando discussões pertinentes para a presente pesquisa, como é o caso das especificidades de se trabalhar a partir da perspectiva da História do Tempo Presente e também dos debates de gênero e de sua relevância no cenários das pesquisas que focam em migrações.

Para isso, primeiramente, faz-se apontamentos a respeito do tempo presente e as migrações; em seguida, elabora-se um panorama das migrações internacionais dos brasileiros emigrantes, com foco no país de chegada das entrevistadas: a Alemanha. Assim, são trazidas informações relevantes a respeito deste destino migratório, além de introduzir o que tem sido pesquisado sobre brasileiros na Alemanha. Por fim, as protagonistas são apresentadas - as sete mulheres brasileiras, naturais de diferentes cidades e estados: Angelina, Vanessa, Mariana, Ana Luiza, Larissa, Livia e Silvânia e, a partir disso, são tecidas considerações a respeito do marcador social gênero, que repercute, inclusive, nas motivações para as migrações .

O Tempo Presente, distante de ser definido enquanto um recorte temporal que indique, simplesmente, o contemporâneo ou o passado próximo (Allier Montano, 2020), é mais amplo. Trata-se de uma leitura que privilegia o entendimento do presente não como sinônimo de atualidade, não é aquilo que somente se vincula ao “imediato”; é, em outro sentido, uma interpretação de que o presente abarca, nele mesmo, temporalidades mais complexas, cuja composição pressupõe uma extensão que é tanto sincrônica quanto diacrônica (Vengoa, 2022). Nas palavras do historiador Hugo Fazio Vengoa, “em suma, a história do tempo presente está preocupada com a inscrição do presente nas profundidades e espessuras/densidades do tempo histórico” (Vengoa, 2022, p. 35, tradução minha). Outrossim, o tempo deve ser entendido a partir de suas camadas, como na analogia de Koselleck (2014), inspirada nas camadas geológicas, em que:

os ‘estratos do tempo’ remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que, apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente. Graças aos ‘estratos do tempo’ podemos reunir em um mesmo conceito a contemporaneidade do não contemporâneo, um dos fenômenos históricos mais reveladores. (Koselleck, 2014, p. 10)

O tempo é espesso, fluido e o tempo presente, em diálogo com François Dosse (2012), não é um outro período que ‘suceda’ à história contemporânea; ele é uma concepção distinta de operação historiográfica. Remete, assim, a uma forma de ‘operacionalizar’ o tempo, compreendendo-o, por exemplo, a partir desses estratos descritos por Koselleck (2014), em que várias temporalidades conformam o presente. Por isso, as percepções, neste caso, das entrevistadas, são importantes, pois elas, em larga medida, são influenciadas pelas experiências do passado, que não se encontram confinadas numa imagem objetificada e cristalizada, mas que produz efeitos no modo como o presente é entendido, descrito e organizado.

Com efeito, dada esta conceitualização de tempo a partir da perspectiva da História do Tempo Presente, cabe pontuar que a relação entre a HTP e as demandas sociais é, em larga medida, inerente ao próprio surgimento do campo, e está posta como um de seus desafios e compromissos, aparecendo de modo recorrente no cerne das reflexões dos historiadores do tempo presente (Delacroix, 2018).

Se, por um lado, o historiador precisa ter um comprometimento em ouvir as demandas que emergem de distintos grupos e interesses; por outro lado, necessita seguir os preceitos teórico-metodológicos do fazer historiográfico para construir suas pesquisas, o que implica - ainda mais pela HTP relacionar-se aos testemunhos e às pessoas vivas - em nem sempre atender às expectativas que advêm das demandas, ou da sociedade de modo geral. Em todo caso, as demandas sociais, que na HTP, em sua tradição historiográfica francesa e alemã, provêm das demandas por memória na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial, hoje em dia tomam outras formas. As migrações, no mundo contemporâneo, trazem distintos debates e uma série de demandas pertinentes, que podem ser relacionadas, por exemplo, às discussões sobre os direitos humanos.<sup>17</sup>

Em 1948, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o artigo 13 afirma que “todo ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado” e que “todo ser humano tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio e a esse regressar”. Ademais, vê-se que também é mencionada a possibilidade do pedido de asilo, como está descrito no artigo 14, em que diz: “todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países”. Nos debates a

---

<sup>17</sup> É relevante ter em conta que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, alicerçada sobre uma concepção de dignidade humana, surge como uma forma de proteger as pessoas diante das ações organizadas no interior das relações dos Estados com seus membros e, inclusive, nas relações que as pessoas possam ter umas com as outras. Os efeitos da Segunda Guerra Mundial foram tão grandes e nocivos que se chegou a um consenso mínimo, consagrado nos seus artigos, afirmando-se um número expressivo de direitos, entre os quais, encontram-se também os direitos migratórios.

respeito de migrações e direitos humanos, os deslocamentos dos sujeitos em condição de refugiados ocupam espaço central (Castro, 2008). A proeminência não é à toa, visto que as migrações e os pedidos de refúgio e asilo<sup>18</sup> têm-se mostrado preocupações latentes, sobretudo a partir da demanda de muitos grupos no decorrer do século XXI - a exemplo dos haitianos em 2011, dos sírios em 2015 e dos venezuelanos em 2017 (Uebel, 2020). O Brasil está inserido nos contextos mencionados, tendo recebido - e continuando a receber - diversos grupos de migrantes com tais características, além de outros fluxos migratórios que têm se direcionado ao país.

Os deslocamentos, em seus diferentes contextos, costumam trazer à tona discussões a respeito dos limites nacionais - das fronteiras. Sobretudo, dá-se foco àquelas pessoas que podem ou não adentrá-las. A pauta a respeito da segurança nacional, centrando-se principalmente na ideia de securitização do Estado, costuma ser vista enquanto preocupação fundamental para os partidos de extrema direita e os seus apoiadores, de modo que enxergam determinadas migrações como ameaças - a exemplo daqueles que se deslocam do Sul Global para os países do Norte Global. Assim, existem aqueles imigrantes que, segundo tal lógica, são bem vindos; ao passo que outros seriam os considerados “indesejados” (Assis, 2022). Como se observa no caso trazido por Assis (2022), a fronteira México-Estados Unidos é, historicamente, um espaço de disputas e que explicita muito da ‘preocupação’ com aqueles que podem ou não entrar no país estadunidense. O crescimento, a nível global, da extrema-direita (Löwy, 2015), institucional e/ou discursivamente, mostra-se relacionado a grande incidência de discursos os quais inferiorizam, por exemplo, imigrantes, de modo a enxergá-los a partir de lentes xenófobas, coloniais e racistas (Severo; Guerra, 2022).

Diante deste cenário, é difícil não pontuar a relevância a respeito das diversas temáticas que as migrações trazem à tona: seja o direito de ir e vir, sejam as relações de trabalho ou também os debates em torno de questões raciais e de gênero que emergem a partir de distintos processos de deslocamento contemporâneos. As mobilidades mostram-se na *agenda do dia*.

---

<sup>18</sup> De modo que consta no site do governo federal brasileiro, as atribuições de migração por refúgio e por asilo apresentam certas distinções entre si. O asilo está necessariamente relacionado à uma perseguição ‘direta’ e de cunho político, sendo concedido somente a partir da comprovação do iminente risco de continuar em seu país. Nesse caso, também é uma característica do asilo o fato de estar relacionado a um ordenamento jurídico regional (como é o caso da América Latina), acrescentando ainda que se refere a um pedido individual e que é necessária a concessão primeiro - caso contrário, a pessoa se encontrará na ilegalidade no país. Já o refúgio diz respeito a uma medida de caráter humanitário, tendo um ordenamento jurídico internacional que é baseado na premissa do ‘universal’. Além disso, é concedido quando se trata da necessidade de oferecer proteção não somente a um indivíduo, mas a um grupo de pessoas. No caso do refúgio, as garantias acontecem antes mesmo da concessão, mesmo que, tanto aqui quanto no caso do asilo, haja um processo de avaliação do pedido (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2014).

Nas migrações, no caso desta dissertação, a dimensão dos afetos foi privilegiada. Os afetos, entendidos a partir da perspectiva de Gonçalves (2020), seriam aqueles “responsáveis por sentimentos de reciprocidade e solidariedade”, de modo que envolve compartilhar sentimentos baseados na mutualidade, na empatia e no desejo de estar presente (Gonçalves, 2020, p. 135). À vista disso, o transnacionalismo é fundamental para pensar esses afetos e, mais que isso, para identificar o que se chama aqui de vínculos com o Brasil. Mas não somente: os afetos também podem ser entendidos, para além da manutenção desses laços com o país de origem, enquanto constituintes de todo o percurso migratório, ligados às experiências do matrimônio e da maternidade na Alemanha.

Assim, pode-se destacar o casamento e a experiência de ser mãe como importantes, sobretudo a partir de um olhar interpretativo que leve em consideração as questões de gênero e dos marcadores sociais da diferença de modo mais amplo, os quais se refletem nas experiências dessas mulheres na Alemanha, bem como em suas próprias motivações para migração.

Para dar conta da dinamicidade e das polifonias que podem ser observadas nos distintos processos de deslocamento, nesta próxima seção serão evidenciadas as migrações internacionais, com o intuito de demonstrar como a Alemanha também se insere enquanto um destino de brasileiros - neste caso, das brasileiras que serão o cerne do presente trabalho.

## 2.1 BRASILEIROS NO EXTERIOR

Desde a década de 1980, têm crescido o interesse na migração por parte dos brasileiros. Estes deslocamentos foram atribuídos, por vezes, às motivações econômicas, tendo em vista o contexto de crise que o Brasil vivenciou dentro da conjuntura de reabertura política, após mais de duas décadas de uma ditadura militar que, ao fim, trouxe inflações e outras dificuldades sócio-econômicas ao país e aos seus nacionais. A partir deste período, redes migratórias brasileiras estavam tomando forma, sobretudo deslocamentos que rumavam aos Estados Unidos (Assis, 2004) (Campos, 2009) (Siqueira, 2009). Mas, a partir das décadas de 1990 e de 2000, diferentes destinos ganharam espaço e destaque no cenário da emigração brasileira, horizonte a partir do qual se pode afirmar que os brasileiros têm consolidado redes migratórias direcionadas a diversos países do mundo (Assis, 2018).

É importante, neste sentido, elucidar destinos relevantes para a emigração brasileira, justamente para que seja possível dimensionar quais têm sido os países mais procurados.

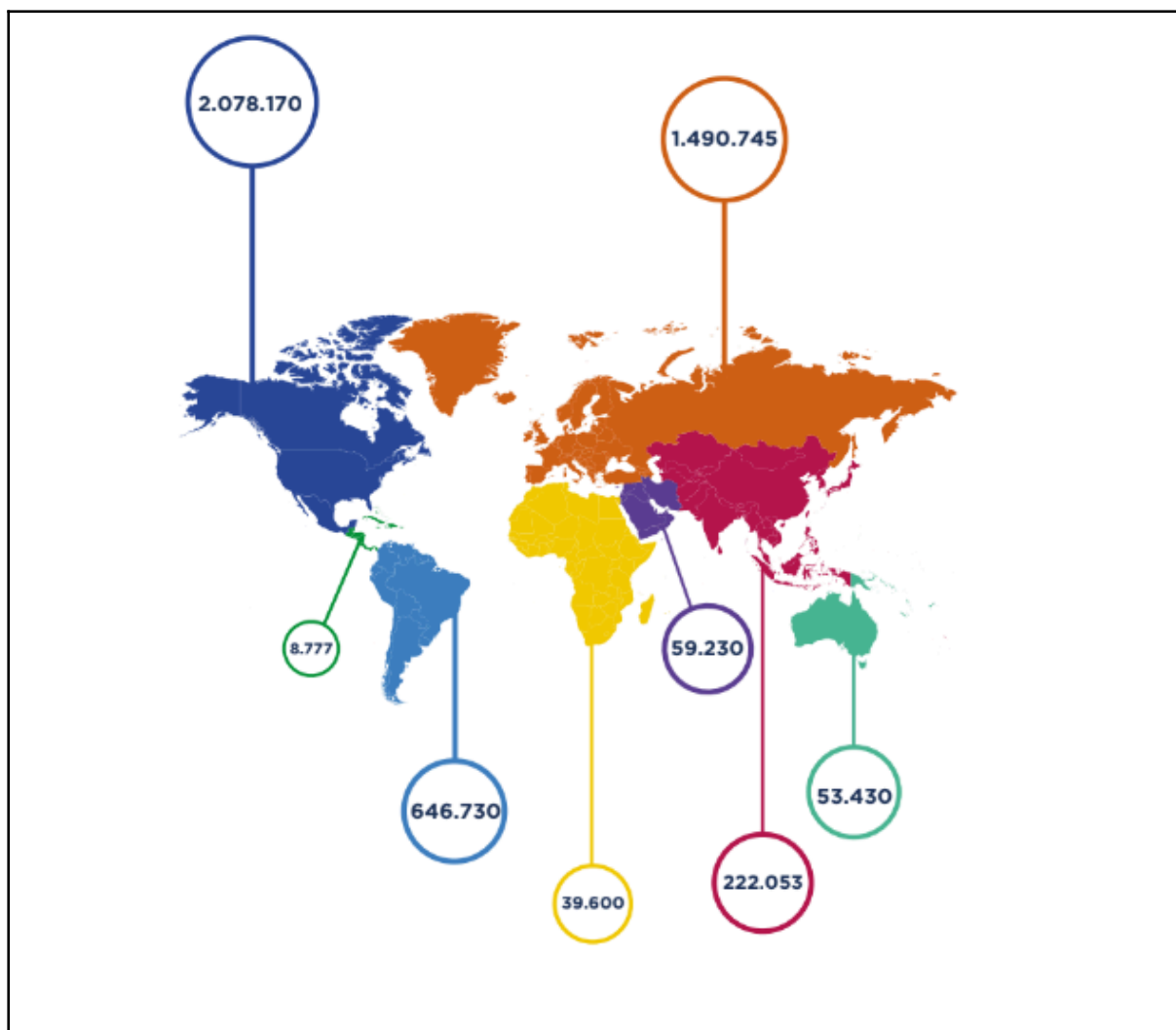
Ademais, é interessante observar os países escolhidos pelos brasileiros justamente porque a emigração para a Alemanha - que está no cerne do trabalho - é um deles, demonstrando que este fluxo têm feito parte do cenário da migração brasileira, de forma a contemplar o contexto contemporâneo dos deslocamentos de brasileiros e brasileiras para o mundo.

Dados do Itamaraty que têm como base o ano de 2022 apontam a seguinte informação: os brasileiros no exterior somam cerca de 4,5 milhões de pessoas. Ao tecer comparações desta soma com os estados brasileiros, consta, no próprio documento do Ministério das Relações Exteriores (MRE), que, em termos numéricos, a quantidade elevaria esta população ao 13º estado mais populoso do país. Assim, é possível notar a relevância quantitativa da emigração brasileira ao aproximá-la das populações dos estados que constituem o país. Logo, nota-se a relevância de pesquisar os brasileiros e brasileiras ao redor do mundo.

Na Figura 1, um mapa do Itamaraty, que também tem 2022 como ano de referência, mostra-se a disposição dos emigrantes brasileiros, no qual se observa, previamente, que o contingente de brasileiros no exterior se concentra especialmente na América do Norte, na Europa e na própria América do Sul.

Nota-se que há grande mobilidade dos brasileiros dentro da própria América do Sul, com 646.730 mil pessoas nestes países que são, majoritariamente, vizinhos ao nosso. Deles, merece destaque o Paraguai, que tem o número de 254 mil brasileiros, com um fluxo já constituído historicamente - tanto do Brasil para o Paraguai quanto o caminho reverso, de paraguaios/as para as terras brasileiras. O continente asiático, por sua vez, traz o índice de 222.053 de brasileiros. O que chama a atenção, quando se verifica para qual parte da Ásia eles se direcionam, é que 206 mil estão no Japão, outro destino migratório que se mostra importante no cenário das migrações internacionais e desta diversificação de destinos.

Figura 1: Distribuição regional das comunidades brasileiras no exterior

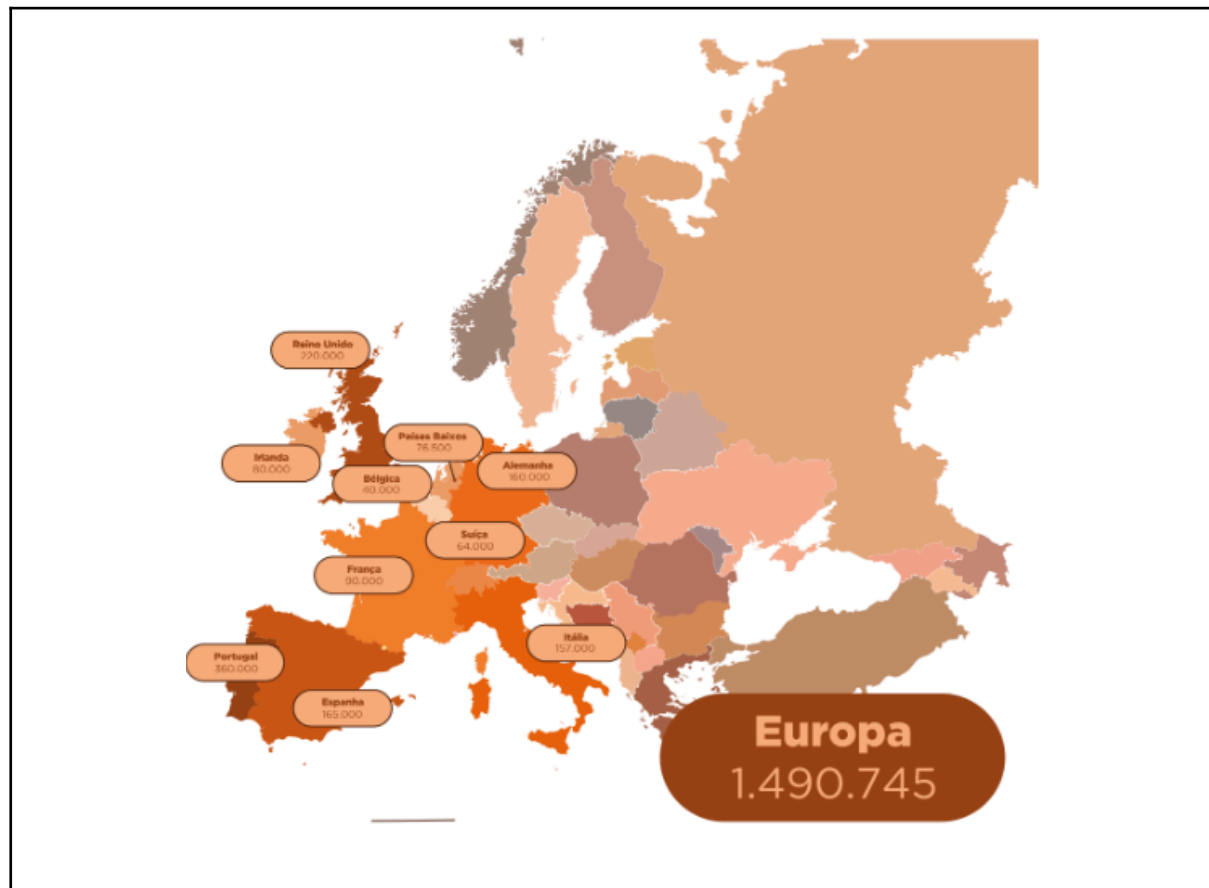


Fonte: Itamaraty (2023)

Como se observa, a América do Norte e a Europa concentram as maiores quantidades de brasileiros em seus territórios. Somente a América do Norte conta com 45,19 % de toda a emigração brasileira, o que corresponde a quase metade da população que sai do Brasil. Em seguida, o continente europeu recebe 32,42% dos brasileiros. O pioneirismo da América do Norte dá-se, sobretudo, pela relevância dos Estados Unidos enquanto um destino migratório robustamente consolidado, que conta com 1 milhão e 900 mil brasileiros oficialmente registrados no país. A Europa tem 1.490.475 brasileiros, número que também é representativo ao pensar nos destinos migratórios escolhidos pelos brasileiros. Na figura 2, no

mapa que foca na Europa, é possível observar a disposição dos países do continente mais procurado pelos brasileiros:

Figura 2: Brasileiros na Europa



Fonte: Itamaraty, 2023

Portugal ocupa a primeira posição, com 360 mil brasileiros registrados em suas terras. O Reino Unido tem 220 mil; a Espanha tem 165 mil; e, como dito, em quarto está a Alemanha, com 160 mil brasileiros. Itália, França, Irlanda e Suíça são países que valem a pena serem mencionados, pois apresentam a respectiva quantidade de brasileiros: 157 mil; 90 mil; 80 mil; e, por fim, 64 mil.

A partir dos dados aqui elencados, é possível corroborar com Assis (2018), que pontua o processo de diversificação dos destinos migratórios escolhidos pelos brasileiros nos deslocamentos internacionais contemporâneos, marcados por uma consolidação que vem se firmando desde o final da década de 1990 e do início dos anos 2000, tendo cada vez mais expandido novos destinos.



A modificação deste contexto, ao sugerir o constante aumento na procura por países para emigrar, pode estar relacionada ao encurtamento das distâncias do mundo que cada vez parece estar mais interconectado (Assis, 2018). O barateamento das passagens aéreas, que têm se tornado acessível para parcelas maiores da população como as classes médias, contribuiu para este cenário. De toda forma, é possível elencar que as transformações nos transportes e aquelas concernentes às tecnologias, as quais têm acontecido de modo cada vez mais acelerado, fazem parte do panorama descrito.

É válido mencionar os Estados Unidos, que ocupam, como dito, posição privilegiada na migração brasileira. Notam-se pesquisas relevantes que investigam esse fluxo, como é o caso de Assis (1995), Assis (2004), Siqueira (2009), Cardoso (2011) e Francisco (2016). A especificidade delas demonstra, principalmente, o direcionamento de brasileiros que saíram de duas cidades distintas, Governador Valadares (MG) e Criciúma (SC) - lugares que se destacam pelo forte interesse na migração para os Estados Unidos. Ressaltam, neste sentido, as conexões do local com o global, de forma que são mensurados os perfis desses imigrantes, por vezes aqueles que migram para trabalhar, juntar dinheiro e retornar ao Brasil, e também os seus projetos, os quais incluem um retorno marcado por empreendimentos em diversos setores na cidade natal, como o do comércio e o imobiliário. Sobretudo Assis (2004) e Francisco (2015) dão ênfase para como se constituem - ou melhor, reconstituem - as relações familiares neste contexto de migração.

Tendo em vista os países para os quais têm se direcionado os brasileiros, infere-se, ainda, que há uma grande busca por oportunidades em outros países, o que significou “o incremento do número de brasileiros com destino a Portugal, Inglaterra, Espanha, Itália e para outros países como França, Alemanha, e Irlanda. Além desses e outras rotas aparecem como Oceania e Nova Zelândia sugerindo outros destinos e outras modalidades migratórias.” (Assis, 2018, p. 5). Outrossim, objetiva-se, a partir deste panorama, inserir a Alemanha - país de imigração das protagonistas da pesquisa -, para reforçar que a emigração brasileira para este destino se dá neste momento das diversificações dos fluxos de brasileiros para o exterior e de busca por novas oportunidades, reafirmando a importância quantitativa e qualitativa dos brasileiros que escolhem a Europa.

As redes migratórias de brasileiros no exterior mostram-se consolidadas. Os brasileiros e as brasileiras migram por distintas motivações e projetos migratórios. Tratam-se de projetos que podem ser afetivos, econômicos ou por estilo de vida. Em diálogo com Assis (2018):

O perfil dos emigrantes também se complexifica no caso da Europa, há um incremento dos migrantes de camadas médias baixas, vindos de cidades médias e pequenas, bem como um aumento significativo da participação das mulheres nesses fluxos, percebe-se no caso delas como essa mobilidade é marcada pela sexualização e exotização e quais as estratégias que elas utilizam para driblar o preconceito e a discriminação. (Assis, 2018, p. 20)

Como Assis (2018) sugere, a busca por oportunidades, em geral, oportunidades econômicas, que signifiquem mais qualidade de vida, levou à consolidação principalmente de Portugal, mas não exclusivamente, uma vez que Inglaterra, Espanha, Alemanha e Itália também aparecem como destinos mais frequentes, tendo-se em conta, fundamentalmente, que o perfil se apresenta como sendo daquele de classe média baixa, oriundo de cidades de pequeno e médio porte. Também, observa-se que, no caso das mulheres, a migração pode ser marcada por sexualização e a exotização, entre outros atributos que levam em conta o marcador do gênero. Para as entrevistadas deste trabalho, ressalta-se que o gênero marca, por exemplo, a própria motivação das migrações, repercutindo na extensão de seus projetos migratórios e em sua permanência na Alemanha - algo que será significativo para as questões que serão tratadas mais para frente.

## 2.2 RUMO AO PAÍS DE IMIGRAÇÃO: A ALEMANHA COMO DESTINO DOS BRASILEIROS

Como dito, em quarto lugar, como destino migratório, que, propriamente, apresenta-se central para este trabalho, está a Alemanha, com cerca de 160 mil brasileiros, segundo os dados disponibilizados em 2023 pelo MRE, que tem como base o ano de 2022. No contexto europeu, a Alemanha é o país mais populoso da União Europeia, atraindo diferentes grupos migratórios - isto é, não apenas brasileiros que buscam a Alemanha como destino migratório, sendo os turcos o maior grupo de imigrantes no país (Bahia, 2013).<sup>19</sup> É também relevante ter em conta que a Alemanha é um dos membros fundadores da União Europeia e, nesta condição, é o seu país mais rico. Na figura 3, vê-se um mapa da Alemanha, de modo a localizá-la na Europa Ocidental. Além de ser o país mais populoso da União Europeia, tem

---

<sup>19</sup> A Alemanha, após a Segunda Guerra Mundial, fomentou a vinda dos chamados *guest workers*, que seriam trabalhadores temporários vindos de diferentes países, como Espanha, Itália, Grécia, Iugoslávia, Marrocos e, majoritariamente, da Turquia. Vindos entre as décadas de 1960 e 1970, chegaram para suprir principalmente a mão-de-obra industrial, em falta na Alemanha que, naquele momento, reconstruía-se. Contudo, apesar de serem chamados para serem trabalhadores temporários, eles continuaram no país, estabelecendo família - sendo que, a exemplo dos turcos, eles se constituem até os dias de hoje enquanto o grupo de imigrantes numericamente maior da Alemanha (Bahia, 2013).

uma extensão territorial que também é significativa quando se compara aos países europeus. Já a figura 4 ilustra as unidades federativas do país que interessa ao presente estudo, assim como as suas respectivas capitais, posto aqui à título de ter uma noção de como é dividida a Alemanha, ressaltando a dimensão de seu território.

Figura 3: Alemanha no mapa da Europa



Fonte: Deutsche Welle - DW (2021)

Figura 4: A Alemanha e seus estados



Fonte: Deutsche Welle - DW (2021)

Tabela 1: Percentual da população brasileira na Alemanha por Estado, 2009-2019

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Suábia	18,24	17,91	17,66	17,51	16,79	16,65	16,70	16,97	16,99	16,79	16,57
Baviera	18,82	18,74	18,77	18,68	18,50	18,30	18,55	18,57	18,29	18,29	18,44
Berlim	8,18	9,07	9,52	9,71	10,22	10,31	10,55	11,57	12,41	13,06	13,86
Brandemburgo	0,76	0,77	0,82	0,81	0,81	0,79	0,86	0,88	0,97	1,03	1,02
Bremen	1,46	1,42	1,38	1,37	1,42	1,39	1,39	1,31	1,28	1,22	1,18
Hamburgo	4,64	4,89	4,96	5,24	5,30	5,06	4,64	4,60	4,52	4,51	4,53
Hessen	9,56	9,29	9,18	8,93	9,14	9,11	8,58	8,65	8,54	8,55	8,41
Pomerânia	0,39	0,37	0,38	0,43	0,46	0,53	0,72	0,65	0,70	0,71	0,66
Bx. Saxônia	6,59	6,74	6,71	6,68	6,64	6,64	6,87	6,84	6,59	6,57	6,47
Vestfália	19,97	19,77	19,84	19,76	19,56	19,73	19,54	19,33	18,99	18,65	18,21
Rh. Pfalz	5,35	5,19	5,11	5,01	4,91	4,67	4,65	4,50	4,34	4,16	4,08
Saarland	1,18	1,11	0,99	0,97	0,97	0,91	0,86	0,91	0,93	0,88	0,86
Saxônia	1,56	1,53	1,42	1,65	1,88	2,38	2,35	1,91	2,02	2,04	2,11
Saxônia An.	0,53	0,56	0,63	0,64	0,72	0,79	0,86	0,68	0,69	0,71	0,70
Sch. Holstein	2,09	1,92	1,82	1,76	1,72	1,73	1,74	1,86	1,87	1,87	1,92
Turingia	0,67	0,71	0,79	0,85	0,97	1,03	1,13	0,77	0,87	0,98	0,98

Fonte: Feijó (2021, p. 84)

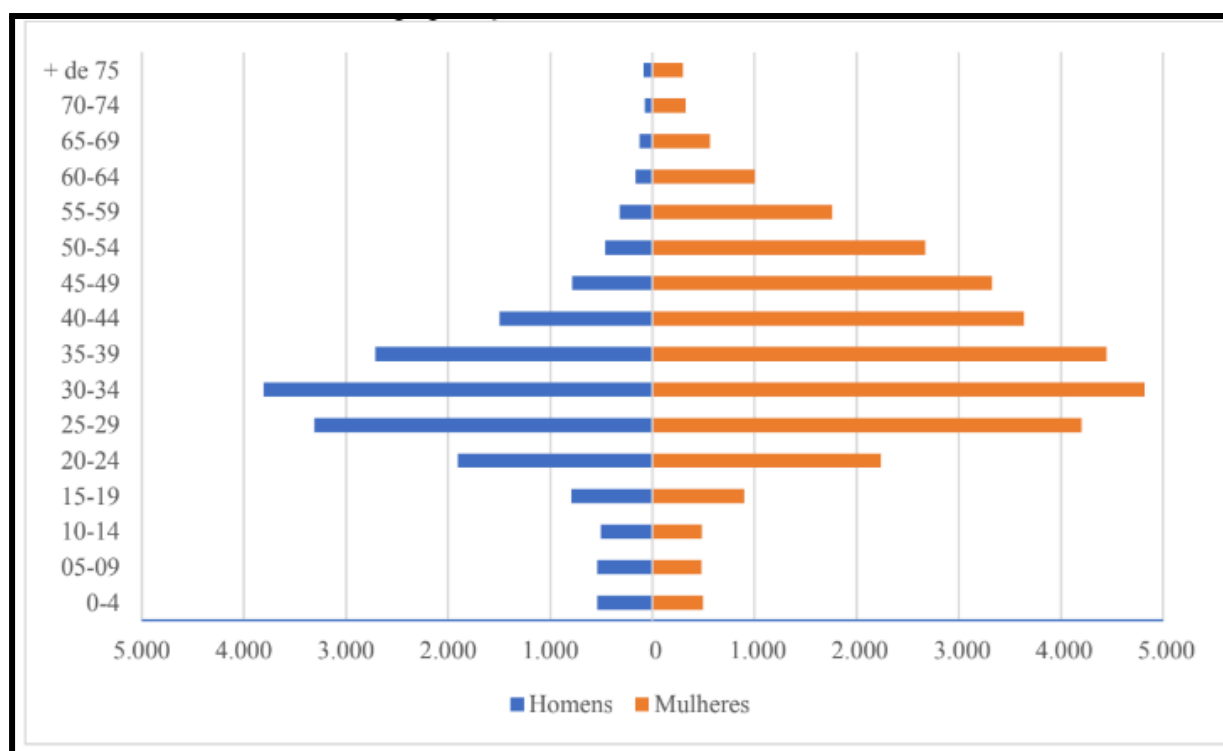
Na tabela 1, encontra-se o percentual da população brasileira na Alemanha por estado nos anos de 2009 a 2019. Percebe-se que nem todos os estados foram contemplados com aumento de brasileiros, em termos de percentual, nesse intervalo de dez anos, mesmo que o total de brasileiros na Alemanha tenha aumentado no período considerado. Além disso, não houve conversão em termos de quais são os estados mais visados pelos brasileiros de 2009 para 2019. O crescimento populacional brasileiro mais expressivo foi no estado de Berlim, que pode ser atribuído ao fato de ser a capital.

Simon Green (2013) afirma que a Alemanha não era necessariamente um país de imigração, mas que, principalmente na última década do século XX e nas primeiras do século XXI, esse panorama esteve em processo de transformação, envolvendo uma série de mudanças relacionadas às possibilidades de aquisição de vistos para entrada no país, onde as leis imigratórias estavam em constantes reelaborações. Nota-se, tanto a partir das elucidações

de Green (2013) quanto ao verificar a página oficial do governo alemão - neste caso, num momento também de mudanças nas leis de migração acontecidas no fim do ano passado -, que a Alemanha tem incentivado a vinda de imigrantes. Todavia, não quaisquer imigrantes: são reforçadas recorrentemente políticas para uma migração descrita como a de trabalhadores qualificados, o que denota o fato de que o país tem buscado se abrir à migração, não obstante com objetivos bastante delimitados e visíveis.

Os brasileiros e brasileiras que migram para a Alemanha, é importante dizer, apresentam perfis diversos, mas, entre eles, um dos que se aparecem são os que chegam ao país já com ensino superior completo (Feijó, 2021), que é o caso de grande parte das entrevistadas. Esse grupo pode ser interpretado como parte da migração qualificada que a Alemanha têm incentivado nas últimas décadas - o que, por sua vez, não os isenta de enfrentar desafios enquanto estrangeiros na sociedade alemã.

Figura 5: Pirâmide etária da população brasileira na Alemanha em 2019



Fonte: Feijó (2021, p. 37)

A pirâmide etária da figura 5 pode ser usada, neste trabalho, como um prelúdio para a análise migratória Brasil-Alemanha com ênfase na classificação de gênero. A idade dos brasileiros e seus respectivos gêneros, correspondentes ao ano de 2019, estão indicados pelas barras, e repara-se que a desigualdade maior inicia-se com idades acima do grupo 15-19 anos,

o que pode já indicar que se trata de um número maior de mulheres que migraram para o país. No grupo 30-34 anos esta diferença populacional é ainda maior. Pensa-se que nos grupos até 10-14 anos tem-se uma equiparação em termos de gênero por se tratarem de crianças/adolescentes que migraram junto com a mãe ou a família, ou ainda, que sejam crianças/adolescentes com dupla nacionalidade, nascidos de mães ou pais brasileiros.

Sobre o deslocamento de brasileiros rumo a este destino migratório, existem pesquisas e trabalhos publicados, a exemplo de Bahia (2013). Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Bahia (2013) tem experiência com os estudos na área das migrações, tendo se debruçado sobre o fluxo de brasileiros para Portugal e realizado pesquisas especialmente acerca das sociabilidades e reconstruções identitárias entre migrantes brasileiros a partir da religião.

Bahia (2013) aponta, baseada no Registro Central de Estrangeiros (RCE) do governo alemão com dados de 2006 para 2007, que, dos 31.461 brasileiros registrados, número que é uma estimativa, 73% são mulheres. Ou seja, ainda que analisar estes números não tenha sido o foco de Bahia (2013), a feminização da migração brasileira para a Alemanha fica subentendida e aparece em trabalhos posteriores de Lidola (2014), Feijó (2021) e Cruz; Falcão; Santos (2022).

O candomblé como um meio para construção de uma identidade brasileira na Alemanha, mais especificamente em Berlim, é um recorte que Bahia (2013) escreveu em alguns trabalhos (2013 e 2016). A partir disso, Bahia (2013) constrói seu argumento para pensar esta religião enquanto parte de uma identidade brasileira que se configura justamente durante a experiência migratória. A religiosidade não é foco do meu trabalho, mas Bahia (2013) ressalta como as identidades desses brasileiros se transformam no contexto migratório - no caso de minha pesquisa, que foca sobretudo nas reconfigurações familiares e nos vínculos que as brasileiras estabelecem com seu país de origem, deve-se levar esse fator em consideração, tendo em vista que os laços afetivos com o Brasil são reformulados durante a experiência migratória, em que se percebe, por exemplo, o arranjo das famílias transnacionais.

Outra característica do fluxo elencada por Bahia (2013) tem relação com os casamentos binacionais - que seriam os matrimônios de brasileiros e brasileiras com cônjuges alemães ou de outra cidadania europeia, que diz respeito a 52% dos brasileiros registrados.. Isso traz para o debate deste fluxo a constituição familiar binacional, a qual não foi explorada por Bahia (2013), mas que foi um apontamento pertinente para esta dissertação - já que maior parte das minhas entrevistadas se inserem nesse perfil.

Existem formas distintas para as brasileiras se inserirem no país de acolhida. Maria Lidola (2014) investigou mulheres brasileiras em Berlim, no mercado de trabalho voltado para depilação corporal - os chamados “Waxing Studios” empreendidos por essas migrantes a partir de 2005 (Lidola, 2014). A pesquisadora alemã, doutora em Antropologia Social e Cultural pela Freie Universität Berlin (2014), é mais um dos nomes que estuda a migração brasileira para a Alemanha. Tanto Bahia (2013) quanto Lidola (2014) são, cronologicamente, as que realizaram as primeiras pesquisas das quais se tem conhecimento na temática. As contribuições de Lidola (2014) permeiam a questão do gênero, já que, segundo Lidola (2014), poucos são os estudos acerca da migração na Alemanha que enfatizam a visibilidade das mulheres nos fluxos, ainda mais com a dimensão de pensar a inserção delas no mercado de trabalho, enfoque que tende a ser muito masculinizado mesmo com os grandes índices de mulheres migrantes (Lidola, 2014). O gênero também tem um papel importante na presente pesquisa, pois essa é uma categoria fundamental para pensar as relações familiares das entrevistadas, a exemplo do matrimônio e da maternidade - que marcam a experiência das migrantes na Alemanha.

Outros dois nomes são os pesquisadores alemães Sarah Fürstenau e Javier Carnicer, sendo que ambos trazem como foco questões educacionais - estratégias migratórias transnacionais de ascensão social de famílias brasileiras a partir da educação. Tanto Fürstenau quanto Carnicer têm doutorado em Ciências da Educação e são docentes na Universidade de Hamburgo. Ambos têm estudos que analisam os mecanismos que se dão no conjunto da família, pensando a educação como um horizonte de melhoras na qualidade de vida dos integrantes de famílias brasileiras - classe média baixa - na sociedade alemã.

No caso de Fürstenau (2015), o foco é no sistema escolar alemão enquanto estratégia de ascensão da família. Dessa forma, analisando esse mecanismo de famílias brasileiras que, mesmo com as dificuldades do sistema escolar alemão<sup>20</sup>, enxergam na educação na Alemanha uma forma de garantir futuramente melhores condições de vida. Já Carnicer (2016) estudou o multilinguismo das crianças das famílias migrantes, em que a aprendizagem de línguas representa um mecanismo de acesso a determinados capitais sociais na sociedade de imigração - no caso do alemão, por ser a língua de comunicação dos espaços como jardim de infância e escola. Porém, representa também um laço que se mantém com as origens, ao

---

<sup>20</sup>As crianças, ao terminarem o 4º ano, com 10 anos de idade, têm um divisor de águas: seu futuro no mercado de trabalho é premeditado de acordo com a indicação do/a professor/a e da escola, entre as três opções que dão continuidade nos estudos das crianças. São elas o *Hauptschule* - ensino técnico; o *Realschule* - escolas "intermediárias"; e o *Gymnasium* - escolas que dão acesso direto às universidades. Os imigrantes estatisticamente apresentam maiores dificuldades no acesso ao *Gymnasium* (Fürstenau, 2015).

pensar o português e a importância que as mães brasileiras atribuem à manutenção da língua materna na criação de seus filhos (Carnicer, 2016).

Fürstenau (2015) e Carnicer (2016) colaboram por trabalharem com a perspectiva transnacional. Os dois têm como preceito teórico o transnacionalismo e as discussões sobre famílias transnacionais, entendendo que as migrantes carregam consigo bagagens das suas experiências quando estavam no Brasil. Compreendem, nesse sentido, que é uma singular vivência de estar entre o Brasil e a Alemanha, já que o que elas trazem consigo do país de origem não é apagado. Essa premissa que aparece nas análises de Fürstenau (2015) e Carnicer (2016) auxilia a pensar esta pesquisa, já que busca-se dialogar com o conceito de famílias transnacionais.

Com formação na Psicologia, Clauber Wellington Pinheiro Torres produziu sua dissertação que foi defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará, com o título *Brasileiros na Alemanha: processos de adaptação, estresse e resiliência*. O trabalho de Torres (2017), que se utilizou de perspectiva quantitativa e também qualitativa (ambas a partir de questionários online), teve como foco a adaptação de migrantes brasileiros que foram para a Alemanha, identificando quais os aspectos mais difíceis ao chegarem ao país de imigração e também quais mecanismos se mostraram positivos para esses sujeitos lidarem com a mudança de lugar. Torres (2017) elenca que a dificuldade com o idioma foi a mais mencionada entre os participantes; já entre os aspectos facilitadores da adaptação foram citados os vínculos com a família de origem e o fato dos participantes considerarem a Alemanha um país estável que apresenta qualidade de vida. É interessante, em especial para a presente dissertação, pensar justamente na importância desse vínculo com a família que Torres (2017) menciona. No caso das entrevistas com as quais trabalha-se aqui, percebe-se também o estranhamento da língua e a necessidade de aprender o alemão. Nota-se, além disso, que o momento de conversar com a família por ligações - em português - demonstra ser importante para matar a saudade e se conectar, apesar da distância, com os familiares e amigos do Brasil.

No trabalho de conclusão de curso de Carina Jéssica de Souza, defendido em 2021 no Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a temática também gira em torno da migração brasileira para a Alemanha. O título é *Brasileiros na Alemanha: um estudo sobre a migração e integração social*. Nele, Souza (2021), a partir do acesso a dados censitários do EUROSTAT, IBGE e Itamaraty e da realização de entrevistas semiestruturadas, analisa a integração de brasileiros ao país alemão, inferindo que as dificuldades percebidas por esses migrantes relacionam-se com o clima na



Alemanha e o idioma, ao mesmo tempo que, positivamente, partilham da percepção de que o Estado alemão é forte e equilibrado em termos de economia.

Souza (2021) utiliza os dados censitários para compreender características da migração brasileira, afirmando que as mulheres são maioria neste trajeto, reforçando o que foi pontuado por Bahia (2013) e Lidola (2014) anteriormente. Além disso, Souza (2021) indica, com base em dados consulares de 2020, que “a Alemanha continua como o 5º país da Europa com a maior população de brasileiros, com aproximadamente 144.120 pessoas.” (Souza, 2021, p. 21). Sobre o trabalho da cientista social, vê-se que há proximidades com o que trouxe Torres (2017), mas, aqui no caso, sob uma perspectiva voltada para a integração.

Glauco Feijó, cientista social e historiador, é um autor importante dos estudos sobre migração brasileira para a Alemanha. Ele teve sua tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília no ano de 2015, intitulada *O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012). Narrativas e discursos de identidades*. Este trabalho foi a primeira aproximação de Feijó (2021) com o assunto. Assim, teve contato com o tema a partir de 2010 e fez diálogos diretos em sua pesquisa com Bahia (2013) e Lidola (2014). Mais recentemente, publicou um livro em que se dedicou exclusivamente a estudar a migração de brasileiros para a Alemanha, um trabalho sobretudo quantitativo, mas que, além disso, analisou cerca de dez entrevistas. Feijó (2021), dessa forma, expandiu sua pesquisa de doutorado para a produção deste livro publicado em 2021, *Retratos do Brasil na Alemanha: 30 anos de imigração*. A obra em questão mostra-se central para os/as atuais pesquisadores/as do tema, pois traz dados variados e atualizados - desde faixa etária, mercado de trabalho, gênero, acesso às universidades - sobre os brasileiros no país, com base no Departamento Federal de Estatísticas da Alemanha.

Entre as contribuições de Feijó (2021), vale ressaltar as análises em que ele abordou o fenômeno da feminização da migração, trazendo gráficos que mostram desde 1990 até 2018 a predominância das mulheres neste deslocamento, algo que autoras como Bahia (2013) divulgaram os primeiros dados a respeito. A questão do gênero, trabalhada em alguns momentos a partir dos dados coletados - como os do mercado de trabalho -, também chamou a atenção no trabalho do historiador. Apesar de serem maioria, as mulheres brasileiras apresentam números mais baixos que os homens quando se trata de oportunidades no mercado de trabalho, mesmo que elas sejam as pioneiras em permissões de residência por tempo indeterminado (Feijó, 2021). Aos imigrantes brasileiros do sexo masculino, “é reservada maior fatia do mercado de trabalho e acadêmico, relações que tendem a apresentar menor índice de fixação definitiva no país de destino, pois vinculadas a contratos e atividades

com prazo para terminar.” (Feijó, 2021, p. 94). Nesse sentido, observa-se um diferencial de gênero entre as migrações de homens e mulheres brasileiros para Alemanha, com maior dificuldade das mulheres de se inserirem no mercado de trabalho.

Acerca das teorias de migração, esta dissertação se distingue do modo como Feijó (2021) interpreta os migrantes. É notável que Feijó (2021) partiu de preceitos de teorias assimilacionistas, as quais entendem que o migrante perde suas raízes à medida que se insere na sociedade de imigração. O posicionamento neste trabalho é crítico quanto a essas interpretações, principalmente porque, em consonância ao transnacionalismo - tal qual, por exemplo, Fürstenau (2015) e Carnicer (2016) - parte-se do pressuposto de que as experiências migratórias e a formulação de identidades são mais complexas do que os preceitos de “aculturação” assimilacionistas permitem compreender - até porque os sujeitos em deslocamento mantêm relações afetivas com seu país de origem, de modo que isso se mostrará presente no decorrer deste trabalho, principalmente a partir das práticas transnacionais percebidas nos relatos orais das entrevistadas.

O último trabalho identificado sobre o percurso Brasil e Alemanha é dos pesquisadores Eduardo Picanço Cruz, Roberto Pessoa de Queiroz Falcão e Aurélio José dos Santos. Os três, que têm formação na área das Engenharias e também da Administração, analisaram um questionário online com mais de seiscentas respostas, além de alguns grupos de Facebook de brasileiros na Alemanha. No artigo que publicaram em 2022, ressaltam características apontadas anteriormente - como a feminização do fluxo e os casamentos entre mulheres brasileiras com homens alemães. Cruz; Falcão; Santos (2022) também apontam para a importância de pesquisas que trabalhem com entrevistas. Assim, indicam que, a partir de dados coletados através de Survey ou daqueles do tipo censitário que são por vezes disponibilizados, é importante fazer estudos qualitativos com entrevistas. Outros trabalhos aqui pontuados, como os de Lidola (2014), Fürstenau (2015), Carnicer (2016) e também a minha pesquisa, trabalham a partir de entrevistas. E, aqui, portanto, o intuito é contribuir para estas análises qualitativas a partir dos próprios sujeitos e de seus relatos orais.

### 2.3 QUEM SÃO *ELAS*?

A fim de melhor visualizar informações gerais a respeito dessas mulheres, fiz um quadro (Quadro 2). As entrevistadas, como é possível notar, residem todas há, pelo menos, 10

anos na Alemanha, chegando a completar, em muitos casos, mais de 20 anos de estadia no país de migração<sup>21</sup>.

Das sete entrevistadas, Ana Luiza, Vanessa e Angelina não migraram por conta de relacionamento afetivo com um alemão. As demais, quatro delas, migraram por terem conhecido no Brasil um companheiro alemão - no trabalho ou na universidade -, ou seja, foi uma migração que pode ser compreendida dentro do escopo das chamadas migrações por amor (Lima; Togni, 2012). Ana Luiza e Vanessa migraram por conta de oportunidades de estágio na Alemanha, que surgiram no Brasil quando tinham cerca de 18 anos e 22 anos de idade respectivamente. Ao estudarem na Alemanha, tinham a previsão de retornar ao Brasil, mas lá começaram a trabalhar, como foi o caso de Vanessa. Ou então continuaram estudando, como foi o caso de Ana Luiza, que cursou pedagogia e emendou em um doutorado em interculturalidade. Além disso, a faixa etária das entrevistadas é de 30 a 54 anos de idade e corresponde às suas respectivas idades no momento da entrevista. O perfil das entrevistadas demonstra que elas migraram geralmente com idades entre 18 a 36 anos com exceção de Angelina, que migrou adolescente, aos seus 15 anos, junto de sua mãe, que namorou no Brasil um alemão e decidiu emigrar para viver com ele na Alemanha, pois lá era o vínculo de trabalho do companheiro.

Vanessa migrou para a Alemanha com 18 anos de idade; Ana Luiza com 22; Larissa e Fabiana foram com 26 anos; Livia com 36; e Silvânia com 43. Vale dizer que, dentre as entrevistadas, Silvânia é a única que tem um histórico de outras migrações. Ela foi para a Alemanha, como dito, aos 43 anos, em 2010. Mas, migrou em 1999, com 21 anos, para os Estados Unidos, onde trabalhou com faxinas e estudou inglês; depois de retornar ao Brasil, conheceu o companheiro alemão e viveu aqui com ele por cerca de 5 anos no país. No entanto, migrou outras vezes, como em 2005, para a China, a fim de acompanhar o marido que se mudava frequentemente a trabalho - motivo pelo qual o casal migrou para a Alemanha também.

Sobre raça, pontua-se que três são mulheres negras, Ana Luiza, Silvânia e Livia. Larissa, Fabiana, Angelina e Vanessa são mulheres brancas. Ainda que todas elas sejam brasileiras - e a nacionalidade é um marcador social primordial -, a raça traz especificidades na experiência migratória, por acentuar socialmente, por vezes, a identificação dessas mulheres enquanto estrangeiras na Alemanha. No relato de Silvânia, a entrevistada traz a seguinte fala:

---

<sup>21</sup> Para apresentá-las, serão feitas alusões, às vezes indiretamente, aos seus projetos migratórios. Porém, eles são mais detidamente abordados no segundo capítulo da dissertação.

S: Quando eu cheguei, minha sogra me abraçou e aí de quem fizesse, falasse qualquer coisa de mim e do Hugo. Tá entendendo? Ela nos defendia. Mas eu observava que nas ruas, por exemplo, **eu era uma negra que dirigia um carro bom, eu era a negra que vestia a roupa um pouquinho melhor, eu era a negra que frequentava restaurante que não tinha estrangeiros**, tá entendendo? **Eu era um pouquinho de incômodo para as pessoas quando eu chegava em certos ambientes**, porque existem certas lojas, até hoje a gente conversa, eu converso muito com o meu esposo, existem certas lojas que não é para imigrantes que não é... Agora que os imigrantes estão entrando nessas lojas, agora os imigrantes começaram a frequentar esses restaurantes. [...] eu frequentava os restaurantes junto com a minha sogra, junto com meu esposo. Eu ia para as lojas fazer compras em lojas que não entravam tantos estrangeiros, tá entendendo? Então eu ia com meu esposo. Então quer dizer foi um espaço... o meu esposo não percebe, mas a gente percebe quando te olham contrário. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021, grifo meu)

É nítido na fala de Silvânia que a questão racial impactou suas experiências na Alemanha, de modo que deixou evidente ter percebido espaços em que poucas pessoas negras frequentavam. Ela não somente fala da raça em si, mas associa ao fato de ser estrangeira e de estar presente em espaços onde quase não se enxergavam essas pessoas. Tanto por ser uma mulher negra quanto por ser uma estrangeira, esses se mostram fatores de diferenciação, até mesmo com os alemães sentindo estranhamento pela sua presença, como é ressaltado por ela<sup>22</sup>. Essa não é uma exceção: debates como o de Assis; Siqueira (2021) ressaltam o processo de racialização que as brasileiras - de maneira mais geral, as mulheres latinas - enfrentam quando migram:

Quando partem rumo à Europa, as mulheres brasileiras, assim como outras mulheres latinas e do Caribe, enfrentam um processo de racialização e sexualização. A racialização é um processo com raízes no passado colonial, atualizada no presente, que implica a subalternização das mulheres do ponto de vista social e político que identifica um grupo étnico-racial como distinto ou diferente de uma determinada população por marcadores ligados à cultura étnica ou a características físicas. A racialização se concretiza no cotidiano por meio de processos que configuram a caracterização de um grupo de acordo com uma hierarquização racial. (Assis; Siqueira, 2021, p. 3)

Ainda sobre a questão racial e os seus desdobramentos nas experiências migratórias, cabe ressaltar o comparativo que a mesma entrevistada, Silvânia, fez com sua experiência anterior nos Estados Unidos nos dois trechos que seguem:

<sup>22</sup> Ressalta-se que, para aprofundar estas análises, pode-se cogitar levar em conta mais do que um marcador social da diferença: no caso, de modo a englobar gênero, raça e nacionalidade, seria possível se valer da interseccionalidade. A interseccionalidade, por sua vez, traz a possibilidade de articular diferentes marcadores que vão para além do gênero e que também contribuem para a complexificação das análises. Advinda dos debates do feminismo negro, de modo que reitera Akotirene (2022), as contribuições de bell hooks, de Angela Davis e de Lélia González são exemplos que têm pertinência para o presente debate, principalmente partindo da raça. No âmbito das migrações, a interseccionalidade também é levada em conta, a exemplo de trabalhos como de Dahleh et al (2023) e Piscitelli (2008).

G: E nos EUA, a questão racial? Você teve algum problema? alguma dificuldade? Preconceito?

S: Nos EUA eu vivi, como posso fazer, em uma comunidade fechada. Porque eu sai daqui, a minha prima já frequentava uma igreja evangélica lá. Então ela já tinha um grupo de amigos. Eu sai daqui, do Brasil, e fui parar dentro desse grupo, em uma comunidade já formada de brasileiros que frequentavam a igreja, aquela rotina. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021)

G: [...] As pessoas saiam daqui sem pensar nas questões de classificação racial, sem pensar na sua cor e chegavam nos Estados Unidos e as pessoas nos identificam, nos classificam racialmente. Você sentiu essa experiência nos Estados Unidos? Percebeu isso? Se deu conta disso naquela época?

S: Não, interessante. Naquela época, nos EUA eu não lembro de ter sofrido nenhum preconceito. Porque na Alemanha sim, mas nos EUA eu não lembro de ter sido vítima de preconceito. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021)

Vê-se, a partir da forma que ela conta sobre os Estados Unidos, como a entrevistada narra o seu cotidiano, ressaltando que convivia, majoritariamente, ao lado de brasileiros, portanto, afirma que seria mais difícil a percepção de preconceito. Ou seja, percebe-se que, atribuindo a essas sociabilidades nas terras estadunidenses, Silvânia não chegou a mencionar situações como as que trouxe sobre a Alemanha. Mas, como visto em excertos anteriores sobre o país germânico, ela demonstrou sentir o impacto de ser negra e estrangeira em suas experiências. Em partes, é possível atribuir-se ao fato de que, na Alemanha, ela migrou sem conhecer brasileiros, sem uma efetiva rede que lá estava. Como foi com o marido alemão, o convívio dela, desta vez, esteve vinculado à família dele e aos ambientes que eles frequentavam.

Sobre a escolaridade das entrevistadas, é interessante ressaltar que todas elas têm formação de nível superior. O diferencial é que algumas delas migraram já com ensino superior completo, como foi o caso de Fabiana - formada em biologia no Brasil; de Lívia, com o MBA em comércio exterior e logística internacional; Larissa, com sua formação em secretariado executivo; e Vanessa, que se formou também na área de comércio exterior. Ana Luiza é doutora, e toda sua trajetória acadêmica, na área da pedagogia, foi realizada na Alemanha. Já Silvânia fez um curso de Inglês na época em que foi para os Estados Unidos, o que a habilitou para lecionar na área após seu retorno ao Brasil, sendo que, neste momento, trabalhou como secretária bilíngue. Por último, Angelina, a mais nova das entrevistadas, está cursando o nível superior no país germânico, matriculada num curso que a qualificará tanto para pedagoga quanto para professora de espanhol. Dadas as escolaridades destas mulheres, é válido pontuar que suas origens, no Brasil, remetem às classes médias, em que elas tiveram oportunidades para estudarem. Ana Luiza, Angelina e Silvânia, por exemplo, conseguiram

estudar no exterior, mas todas as entrevistadas fizeram cursos superiores ou técnicos - seja na Alemanha, seja no Brasil, com exceção de Silvânia, que cursou nos Estados Unidos, em sua migração anterior.

É importante ressaltar que essas mulheres casaram, em sua maioria, com homens alemães - à exceção de Angelina, casada com um brasileiro; e de Ana Luiza, casada com um sérvio, o que fica visível no Quadro 2. O casamento binacional, caracterizado por Bahia (2013) enquanto as relações estabelecidas, geralmente matrimônios, entre cônjuges de nacionalidades diferentes, parece uma característica recorrente entre a maior parte das entrevistadas. O casamento e a maternidade são marcadores das experiências dessas brasileiras na Alemanha. Se a mobilidade não foi necessariamente aquela denominada 'migração por amor' (Lima; Togni, 2012), como é o caso de Angelina, de Ana Luiza ou de Vanessa, ainda assim é plausível afirmar que o casamento e sobretudo a maternidade mostraram-se como fatores decisivos para a extensão do projeto migratório e para a consequente afirmação de que não pretendem voltar ao Brasil para morar, decisão compartilhada por todas as entrevistadas.

É interessante pontuar, de modo que foi elencada a nacionalidade de seus maridos, que todas elas vivenciam relações heterossexuais, portanto, todas as sete são casadas com homens e, ainda que Angelina e Ana Luiza tenham maridos que não são alemães, todas moram no país germânico e lá estão estabelecidas, com seus filhos, os quais são importantes nestas experiências migratórias.

As brasileiras são mães na Alemanha: Angelina é mãe de um menino de 4 anos de idade; Ana Luiza teve três filhos, com respectivamente 18, 15 e 9 anos; Larissa teve dois, um de 26 e outro com 19; Fabiana se tornou mãe de duas meninas, 15 e 12 anos, e de um menino, 4; Livia é mãe de uma menina e de um menino que são gêmeos, com 8 anos; Silvânia tem um filho de 16; e Vanessa tem uma filha de 14 anos<sup>23</sup>. Reforça-se que o marido e os filhos marcam, dessa forma, a vivência dessas mulheres na Alemanha. De modo geral, essas mulheres saíram do Brasil quando jovens. No país, ficaram os seus pais, seus irmãos, seus tios, seus primos e seus amigos, e elas partiram em direção à Alemanha, seja para viver uma história de amor, seja para estudar.

---

<sup>23</sup> Idades dos filhos e filhas das entrevistadas correspondem à idade dos mesmos no ano em que foi realizada a entrevista. Cabe ressaltar também que elas, majoritariamente, tornaram-se mães na Alemanha, com exceção de Silvânia, que teve seu filho no Brasil, durante o período que ficou com seu marido no país, antes de ir para a Alemanha. No momento que emigrou, seu filho era um bebê de menos de um ano de idade.

**Quadro 2: Quadro das entrevistadas**

<b>Entrevistada</b>	<b>Idade</b>	<b>Origem</b>	<b>Cidade alemã</b>	<b>Nacionalidade do marido</b>	<b>Ano de migração</b>	<b>Raça</b>
Angelina	30 anos	Belo Horizonte (MG)	Siegen	brasileiro	2008	branca
Ana Luiza	45 anos	São Paulo (SP)	Berlim	sérvio	1998	negra
Larissa	54 anos	Guaratinguetá (SP)	Munique	alemão	1993	branca
Fabiana	43 anos	Governador Valadares (MG)	Koblenz	alemão	2004	branca
Silvânia	54 anos	Cachoeiro de Itapemirim (ES)	Cidade próxima a Koblenz	alemão	2010	negra
Vanessa	53 anos	Alagoinhas (BA)	Duisburgo	alemão	1986	branca
Lívia	45 anos	São Paulo (SP)	Hamburgo	alemão	2012	negra

Fonte: elaboração própria da autora

Como é possível observar no Quadro 2, as entrevistadas não partiram da mesma cidade no Brasil, por vezes nem do mesmo estado. Quando se trata das cidades alemãs para a qual migraram, esse fator também é perceptível. Larissa foi para Munique; Ana Luiza mora em Berlim - para ser mais exata, em suas proximidades, mas não deu o indicativo de que cidade seria; Lívia vive em Hamburgo; já Vanessa, está em Duisburgo, que é nos arredores de Dusseldorf; Angelina está em Singen; e, por último, Fabiana, no momento da entrevista, deu o indicativo de que estava Koblenz, sendo que Silvânia indicou morar em uma cidade próxima a essa, porém não a identificou. Portanto, como as cidades de origem e também as de destino são diferentes, torna-se difícil que neste trabalho se analise de modo a pensar em um perfil mais homogêneo em termos de lugares de origem e de migração - sendo o principal fator em comum os países, Brasil e Alemanha, e o fato de terem, majoritariamente, marido alemão.

## 2.4 O AMOR ROMÂNTICO E O CASAMENTO: ESTRATÉGIAS FEMININAS NA MIGRAÇÃO

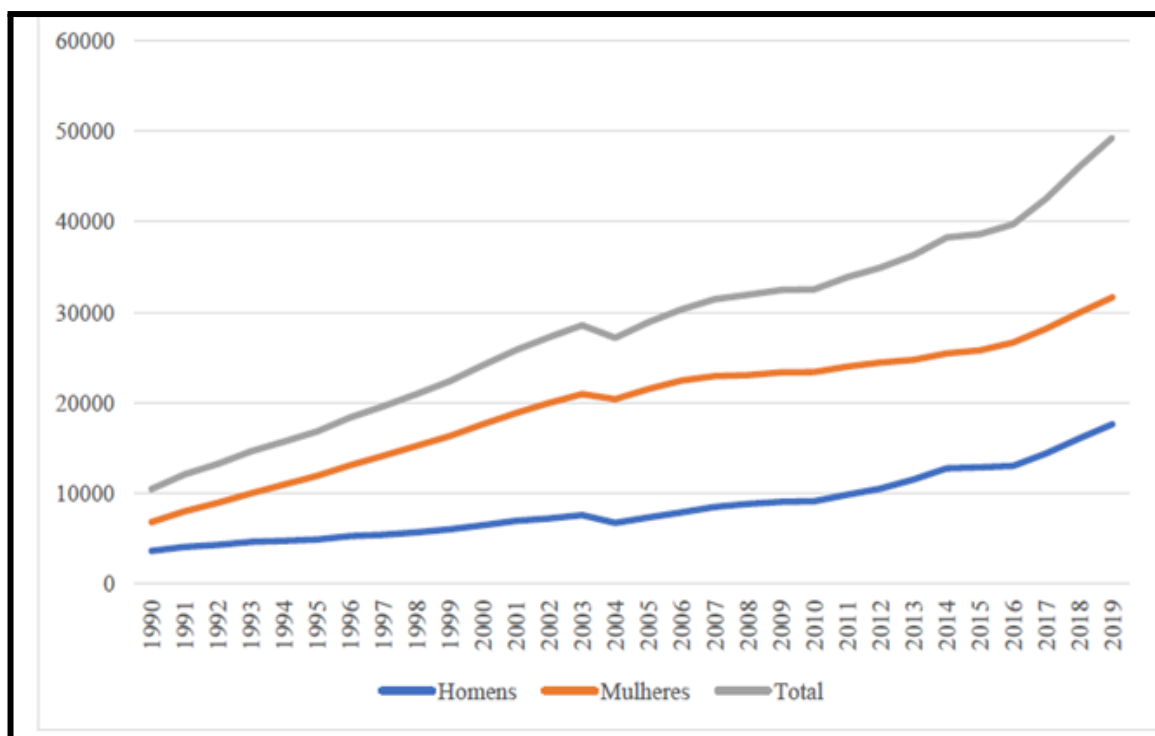
De modo que já foi pontuado, quatro das sete entrevistadas migraram por amor, sendo que seis das sete vivem relações que podem ser entendidas como casamentos binacionais. Estes últimos seriam, em diálogo à Bahia (2013), as relações afetivas que se mantêm com alguém de outra nacionalidade. Neste caso, mulheres brasileiras com homens alemães - configuração que é mais comum do que homem brasileiro com mulher alemã, ao pensar nas terras germânicas como destino migratório (Bahia, 2013), o que pode estar relacionado à predominância de mulheres neste fluxo (Feijó, 2021). O trajeto Brasil-Alemanha, portanto, mostra-se feminizado, sendo notável na Figura 6, em que se observam números mais elevados de brasileiras entre 1990 a 2019 que foram para o país do que no caso dos homens brasileiros.

A feminização das migrações, segundo Marinucci (2007), é uma característica relevante no cenário mundial quando se pensam as mobilidades, já que não ocorre somente no itinerário aqui pesquisado. Mais do que isso, é interessante ressaltar que, até meados dos anos 1970, pouco se estudavam as mulheres nos processos migratórios: por conta disso, as pesquisas realizadas nesta década e nas anteriores a ela foram denominadas posteriormente de *gender blind*. Em seu sentido literal, cegas quanto ao gênero, já que, naquele momento, não foi do interesse dos estudiosos das migrações trazer o gênero ou até mesmo outros marcadores como a raça enquanto questões de pesquisa (Assis, 2007). Quanto ao processo de invisibilização feminina, Assis (2007, p. 349) traz a seguinte colocação:

[...] por que as experiências dessas mulheres não foram incorporadas nos estudos de migração? Uma das explicações [...] era que os homens representavam a maioria nos fluxos internacionais e, mesmo quando havia predominância de mulheres (como no caso dos irlandeses para os Estados Unidos no século XIX), essas não tiveram suas experiências tratadas como objeto de análise. (Assis, 2007, p. 349)

Figura 6: Gráfico dos brasileiros e brasileiras na Alemanha (1990-2019)





Fonte: Feijó (2021, p. 26)

Desse modo, nota-se que as mulheres não necessariamente estavam ausentes numericamente nas migrações. Além disso, quando estudadas nas mobilidades, as mulheres eram vistas de modo secundário que não enquanto protagonistas de suas experiências migratórias, já que, supostamente haveria características distintas e opostas, nas quais os homens seriam “aqueles mais propensos a tomar riscos; e as mulheres, por outro lado, associadas à ideia de serem aquelas que ficam, que ‘guardam’ a comunidade para manter uma certa estabilidade” (Martendal, 2022, p. 27).

Marinucci (2007) elenca, portanto, que a feminização das migrações deve ser entendida tanto pelo aumento da mobilidade das mulheres no mundo contemporâneo, que tem de fato crescido quantitativamente; quanto como uma resposta aos estudos das migrações que invisibilizaram-nas nos deslocamentos, e que, desde então, têm trazido mudanças e transformações positivas para as teorias da migração<sup>24</sup>, as quais têm reforçado, nas pesquisas,

<sup>24</sup> Sobre as teorias da migração, vale ressaltar “o caso das teorias economicistas [que] apontava enquanto o motivo da migração as questões relacionadas ao trabalho, elencando os homens como os principais atores. Para esses teóricos, as mulheres seriam agentes passivas e que não participaram ativamente do fluxo migratório para cuidarem de seus filhos e suas casas.” (Martendal, 2022, p. 30). Já sobre as teorias dos estruturalistas, o gênero não era nem mesmo cogitado, tendo em vista o escopo de suas análises perpassarem principalmente as classes - mesmo que, no capitalismo, seja necessária também uma discussão sobre a mulher e as condições de trabalhos vivenciadas por elas (Martendal, 2022).

a importância do gênero como marcador social que reverbera no entendimento sobre os deslocamentos<sup>25</sup>.

Nos debates que compõem as discussões sobre gênero - sem o foco específico nas migrações - diferentes estudiosas feministas podem ser citadas por suas contribuições, principalmente no que diz respeito às reflexões as quais explicitam o seu impacto nas sociedades ocidentais, complexificando o entendimento desta categoria analítica que é relevante também para pesquisas da área da História. Outrossim, em diálogo à Scott (1995), ressalta-se, a partir do gênero, a possibilidade de compreender determinados privilégios construídos historicamente, os quais exercem influência nos diferentes papéis sociais atribuídos às mulheres e também aos homens. É neste sentido que pontua Joan Scott (1995), historiadora estadunidense, quando evidencia a importância de trazer o gênero sob a forma de uma ferramenta analítica:

Na sua utilização mais recente, o termo "gênero" parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual". O termo "gênero" enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo 'gênero' para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. (Scott, 1995, p. 72)

Segundo Scott (1995), os sujeitos não *têm*, necessariamente, as experiências: eles são indivíduos que se constituem *mediante* às experiências. E, de modo que é pontuado no excerto supramencionado, o gênero, mais do que uma diferença biológica, traz como alicerce formas diferentes de experienciar o mundo, havendo uma menção, por exemplo, às normativas da feminilidade. Ao aproximar das experiências das entrevistadas, é interessante elucidar que, para melhor compreender as trajetórias migratórias destas mulheres, o gênero mostra-se relevante. No caso delas, nota-se que boa parte migrou 'por amor' - amor o qual têm consonância, no mundo ocidental, com os ideais de um amor romântico, que tem como uma de suas características uma relação monogâmica e a construção de uma família com o cônjuge (Gonçalves, 2020). Quando o amor não foi o precursor da mudança para a Alemanha, ainda assim, mostrou-se importante para a escolha de continuar vivendo no país germânico, sendo o

<sup>25</sup> O livro "Gênero e mobilidades no tempo presente", organizado por Gláucia de Oliveira Assis, Beatriz Padilla e Thaís França, publicado em 2021, pode ser citado enquanto um exemplo recente do crescimento dos debates a partir do gênero nas experiências migratórias contemporâneas, reunindo diferentes autores e autoras, com distintos destinos migratórios em questão.

casamento e a maternidade outros dois atributos que costumam se relacionar às normativas da feminilidade e, neste caso, constituem as próprias experiências migratórias das entrevistadas. Esse foi o caso de Ana Luiza, que emigrou para estudar - cursando o doutorado - , de modo que afirmou:

G: Então você não tem projeto a médio prazo de retornar ao Brasil?

A.L: Na verdade não, por causa da minha família, por causa do meu marido, vamos dizer, se não fosse ele eu poderia pensar, eu amo o Brasil também, mas como a gente tá nesse compromisso junto de família, não encaixa, pode ser uma coisa de falar que vai ficar meio ano (Entrevista realizada por Gláucia Assis em novembro de 2021)

A entrevistada, neste caso, ainda que não tenha migrado por amor, ressaltou que, por conta da família, como é o caso do marido e de seus filhos, a vida seria imaginada na Alemanha. Ressalta, portanto, o que denominou de compromisso com a família, que ela e o marido juntos constituíram no país germânico. Ou seja, mesmo que o amor não tenha motivado seu deslocamento, ele se mostra um fator influente para a continuidade da vida na Alemanha.

De todo modo, é importante que se ressalte a autonomia destas mulheres, que escolheram viver essa experiência de amor e, para isso, optaram por emigrar para a Alemanha<sup>26</sup>. Ou seja, a conjuntura da migração deve levar em conta também suas decisões e desejos pessoais. Ainda que o projeto migratório seja também compartilhado ou envolva outras pessoas, como o companheiro, estas mulheres demonstraram o desejo por essa experiência - ressaltando, por vezes, o amor, seja na partida, seja no decorrer da vida que estabeleceram na Alemanha. Nota-se isso no relato de Fabiana:

G: Então...você considera que você migrou por amor? Foi uma migração por amor?

F: Considero sim, considero. Considero que foi uma migração por amor. Eu não vim pra cá com a intenção de um estudo, de um trabalho, é claro que depois veio tudo isso na nossa cabeça, né, essa procura pra fazer mestrado, eu cheguei a procurar, né, nós fomos numa outra cidade aqui que não é a nossa, nós fomos procurar tudo isso, mas aí os planos foram outros, os planos ao redor, no caminhar, foi mudando, né. Mas foi uma migração por amor (risos). (Entrevista realizada por Gláucia Assis em outubro de 2020).

---

<sup>26</sup> Existem outros contextos de migração e até mesmo de relacionamento de mulheres brasileiras, ou, de modo geral, latinas, com homens europeus. Há casos em que se acentuam relações hierárquicas, muitas vezes ligadas a questões como o tráfico internacional de mulheres, que migram e sofrem diferentes tipos de violência, sendo enganadas neste processo. Hazel (2011) menciona situações como essa em seu trabalho. Reitero, contudo, que este não é o caso das entrevistadas da presente dissertação.

Fabiana ressalta que, realmente, escolheu migrar por amor. Reforça, inclusive, que, depois, até cogita outros planos na Alemanha, como o de estudar, mas não foi isso que a levou a emigrar. Em outro momento da entrevista, ela ainda ressalta que, se não fosse por amor, ela dificilmente teria feito uma ‘loucura’ dessas, tendo em vista que, quando estava no Brasil, em sua cidade natal (Governador Valadares/MG), cogitava, no máximo, mudar-se para a capital, Belo Horizonte. No caso de Silvânia, ela menciona o seguinte:

S: Aí depois que eu conheci o meu esposo eu já sabia que a gente não ia ficar lá né. Ele ficou 5 anos no Brasil nesse projeto e eu junto. Nesses 5 anos, a gente se conheceu, a gente namorou, a gente noivou, a gente casou e nós tivemos um filho, em 5 anos.

G: No Brasil?

S: Aqui no Brasil, a gente decidiu ter um filho brasileiro ta entendendo?

G: Aí que legal!

S: Meu filho tinha 3 meses quando a gente se mudou de lá, então quer dizer, foi planejadinho ter um filho no Brasil. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021)

Silvânia conta que conheceu seu marido no Brasil, na empresa em que trabalhava. Ele, um homem alemão, tinha sido contratado temporariamente para prestar serviços lá. Os dois se conheceram, começaram a namorar e, de modo que ela trouxe em seu relato, noivaram e casaram no Brasil, sendo que ficaram por volta de cinco anos no país. Nestes planos, é interessante como Silvânia afirma que a decisão de ambos foi ter um filho nascido no Brasil, ou seja, brasileiro. E, no decorrer desse planejamento, o bebê dos dois nasceu nas terras brasileiras - indo quando bebê para a Alemanha, junto de seus pais.

Nestes casos, as migrações por amor e os casamentos binacionais, portanto, trazem à tona facetas das mobilidades contemporâneas e, aqui especificamente, com o recorte de pensar as mulheres nas migrações. Como visto, a família mostra-se importante para elas. No entanto, as entrevistadas também guardam afetos e mantêm relações com aqueles que ficaram no Brasil. Assim, no capítulo que segue, o foco serão as reconfigurações desses vínculos com o país de origem, os quais estão no cerne desta dissertação.

### **3. RECONFIGURANDO OS VÍNCULOS, REFAZENDO PROJETOS: OS LAÇOS COM O BRASIL NO IR E VIR ATLÂNTICO AFORA**

Associadas às questões das migrações, encontram-se ainda certos conceitos que são primordiais para discutir migração e famílias transnacionais, tais como identidade, memória e projeto migratório. Para pensar identidade, tece-se diálogo com Hall (2003), a fim de mensurar a complexidade dessas identidades em movimento, justamente por conta do percurso migratório que as complexifica. Já para trabalhar com a categoria da memória, traz-se Candau (2021); e, para projeto migratório, pensa-se a partir de Almeida (2018), entrelaçando essas discussões ao analisar as experiências narradas por essas mulheres. Desse modo, pôde-se averiguar de que forma as entrevistadas constroem, a partir de suas subjetividades, os seus percursos migratórios: aqui com foco na forma como narraram suas relações com o Brasil.

Percebeu-se que os vínculos com o Brasil marcam as experiências migratórias das mulheres brasileiras entrevistadas. Esses laços são notados especialmente nas relações com aqueles familiares ou amigos que ficaram no Brasil. Ou seja, mesmo que elas estejam com suas vidas estabelecidas na Alemanha, as conexões com o Brasil são importantes e visíveis sobretudo a partir da reconfiguração dos laços familiares com aqueles do país de origem. Essas relações têm sido caracterizadas como famílias transnacionais, que são aquelas “cujos membros vivem distantes a maioria do tempo, mas que juntos querem atingir o bem-estar comum/coletivo, baseado na união/unidade, mesmo além das fronteiras” (Bryceson e Vuorela, 2002, p. 3).

Neste capítulo, busca-se caracterizar e enxergar as práticas transnacionais e os sujeitos envolvidos nelas. De visitas anuais à utilização dos meios de comunicação, os quais mudam com o passar dos anos, a manutenção de laços com os familiares que ficaram no Brasil atravessa muitas dessas práticas mencionadas. O objetivo do capítulo é, portanto, descrever as práticas transnacionais nas experiências das brasileiras na Alemanha, de modo que se note como esses mecanismos podem ser compreendidos enquanto constituintes dos rearranjos familiares nas migrações - direcionando-se à noção de famílias transnacionais.

A partir da experiência de Angelina, Vanessa, Mariana, Ana Luiza, Larissa, Livia e Silvânia, serão mobilizados excertos de suas entrevistas, buscando-se discutir as práticas transnacionais que essas mulheres brasileiras apresentam para a manutenção e reconfiguração dos laços com o Brasil, evidenciando junto disso os membros de suas famílias e como elas

elaboram essas relações. Para isso, o capítulo traz, primeiramente, apontamentos que levam em conta noções como a memória, retomando sobre a história oral. Em seguida, aborda-se a transnacionalidade e a noção de arranjos familiares. Neste momento em que se discute a transnacionalidade, são feitas as análises das práticas transnacionais identificadas nos relatos orais das entrevistadas, em que se ressalta a contribuição das TIC's para os laços transnacionais; as viagens regulares rumo ao Brasil e a importância da língua materna; além dos afetos que remetem ao Brasil através dos alimentos. Por fim, reforça-se as configurações familiares dessas mulheres, relacionando-as aos seus projetos migratórios e as famílias transnacionais neste início do século XXI.

### 3.1 HISTÓRIAS (CO)MOVEDORAS: MEMÓRIAS EM CONTEXTO TRANSNACIONAL

A história oral fez-se fundamental ao lidar com as experiências das mulheres brasileiras. Os relatos orais aproximam-nos de facetas da subjetividade que, por vezes, outros tipos de fontes não possibilitam. Thomson (2002), em seu trabalho pioneiro a respeito dos estudos de migrações e da importância da história oral, reiterou que as entrevistas, com suas características próprias, permitem uma aproximação com aspectos qualitativos das experiências migratórias, os quais dados estatísticos, por exemplo, dificilmente atingiriam.

A partir dos relatos dos sujeitos migrantes, torna-se possível 'humanizar' suas trajetórias e dar sentido às suas experiências. Segundo Thomson (2002):

O testemunho pessoal oferece singulares 'vislumbres do interior vivido nos processos de migração'. Outras fontes revelam a criação, implementação e contestação da migração e da política de 'assuntos étnicos', ou os padrões estatísticos de movimento, assentamento, emprego e previdência social. O testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram 'a complexidade do real processo da migração' e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades. (Thomson, 2002, p. 345)

Essa complexidade apontada por Thomson (2002) está ligada aos 'mundos internos' dos migrantes, que permitem investigar aquilo que diz respeito às suas subjetividades. Subjetividades essas que podem ser compreendidas como "sentimentos, fantasias, esperanças e sonhos - de indivíduos, famílias e comunidades [que] informa e molda a experiência da migração em todos os seus estágios, e é por sua vez transformada por essa experiência."

(Thomson, 2002, p. 349). Nesse sentido, as ‘idas e vindas’ fazem parte da memória e são constituídas no decorrer de suas falas, a partir das atribuições de sentido que são elaboradas durante a entrevista, como também pontua Portelli (2001) e Frotscher (2011) ao discutirem a importância da história oral. Esse tipo de material apresenta potencial para diferentes contribuições qualitativas - aqui com o objetivo de pensar especificamente a respeito das configurações familiares dessas brasileiras e dos seus laços com o Brasil.

As subjetividades dessas mulheres estão no cerne do presente trabalho. E, de modo que foi reiterado acima, a história oral traz contribuições relevantes para os estudos das migrações, tendo em vista que permite a elucidação de memórias e significados que são atribuídos pelos próprios migrantes a respeito de suas experiências de deslocamento.

O título deste subcapítulo, que traz a expressão histórias (co)movedoras, desta forma, relaciona-se com essas subjetividades: com os ‘mundos internos’ (Thomson, 2002) das entrevistadas. Thomson (2002) fez o uso deste trocadilho, de modo que explicita:

“Histórias (co) movedoras” é um jogo de palavras simples, porém útil, sobre a história oral da migração. Estas histórias orais têm como foco central a experiência física do movimento entre lugares. Estão frequentemente impregnadas com a emoção da separação, e são profundamente comovedoras para o narrador e para sua audiência. E as próprias histórias estão constantemente evoluindo e em movimento, apresentando histórias vivas em todo sentido do termo e sendo recurso e oportunidade únicos para o entendimento social e histórico. (Thomson, 2002, p. 359-360)

Esses relatos orais, portanto, comovem e se movem, sendo que, no momento da entrevista, evocam suas memórias, que vêm e vão em suas atribuições de significados. Logo, é tanto a partir de Thomson (2002) quanto de Candau (2021) que se buscou entender as memórias. Candau (2021, p. 201) afirma que “a pluralidade das memórias é o corolário de uma pluralidade de mundos e uma pluralidade de tempos”, de forma a reiterar que “essas memórias plurais, móveis e mutáveis, são mobilizadas para tentar construir as identidades” (Candau, 2021, p. 201).

Neste sentido, no decorrer deste capítulo, à medida em que são demonstradas as práticas transnacionais das entrevistadas, é importante levar em conta tais contribuições de Candau (2021), pois auxiliam a evidenciar as relações entre as memórias que evocam as sete brasileiras e as identidades reivindicadas neste contexto migratório. Ou seja, a partir dessas práticas interpretadas a partir do transnacionalismo, é possível enxergar, nos relatos orais, tais identidades as quais ressaltam o fato de que, simbolicamente, estas mulheres estão *entre* Brasil e Alemanha. Assim, as relações com o Brasil e com aqueles que ficaram são

constituintes das famílias transnacionais no século XXI, mas também indicadoras dessas identidades que se reformulam justamente numa conjuntura de migração - de modo a enfatizarem e reivindicarem estes sentidos de brasilidade, seja a partir da manutenção da língua materna, seja através dos alimentos que remetem ao Brasil - ou seja, a partir destas práticas transnacionais.

Giovânia, nascida em Cachoeiro de Itapemirim (ES) e que emigrou para a Alemanha por ter se casado com seu companheiro alemão, faz a seguinte colocação “parece assim que nosso **coração tá sempre dividido**. Eu tô lá, mas eu sinto falta daqui. Eu tô aqui, mas eu sinto falta de lá” (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021). A colocação da entrevistada faz parte de um excerto maior, em que ela busca descrever como se sente em relação ao Brasil e também à Alemanha:

S: A gente construiu aqui na Alemanha, então a gente construiu e eu me sinto em casa porque eu participei desse processo de construção de lar. Mas a gente também construiu um lar no Brasil, eu participei desse processo de construção de lar do Brasil. Então quando eu tô no Brasil, eu tô em casa. Nosso apartamento que eu construí com o meu esposo tudinho, mas só que eu sinto saudade da Alemanha. Quando eu tô na Alemanha aqui bem assim, eu morro de saudade do Brasil tá entendendo? Então parece assim que nosso coração tá sempre assim dividido. Eu tô lá, mas eu sinto falta daqui. Eu tô aqui, mas eu sinto falta de lá. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021)

Esse trecho condiz com discussões importantes para pensar na configuração familiar transnacional. O excerto permite que se tenha subsídio para dimensionar a complexidade dessa relação que as entrevistadas estabelecem com o Brasil e com o país germânico. Não é uma desconexão com o país de origem, ainda que se tenha partido; mas também há um sentimento de pertencimento que não se limita somente ao Brasil.

É interessante como Giovânia evidenciou que fez parte do processo de construção do lar no Brasil, ao mesmo tempo que reforça ter construído um lar na Alemanha. Esse *coração dividido*, nas palavras dela, emergiu para descrever a saudade que se faz presente quando está em ambos os países - ora saudade de um dos seus lares, ora a saudade do outro. Ela se sente em casa no Brasil, de forma que também se sente em casa na Alemanha. Assim, tecer análises a partir do transnacionalismo, sobretudo com a noção de famílias transnacionais, mostrou-se pertinente para construir análises que permitam compreender esses vínculos e essas experiências ‘entre’ Brasil e Alemanha.

Mais do que isso, o trecho parece corroborar para esta identidade que se constrói em contexto migratório, como foi antes trazido. Em diálogo à Hall (2003), mesmo que, na



conjuntura dos trabalhos do autor, tenha a especificidade de se trabalhar a diáspora caribenha, é notável que a reconstrução nas formulações identitárias também está presente quando se trata destas brasileiras, como é o caso de Silvânia. Assim, envoltas neste contexto de mobilidade, remete-se à Alemanha com afeto; ao mesmo tempo que, de certa forma, parece se estreitar esses laços com o país de origem, Brasil. Ressalta-se, portanto, essas conexões que são múltiplas e laterais (Hall, 2003).

Essa experiência que complexifica o pertencimento das migrantes também veio à tona na fala de Silvânia quando ela falou sobre o seu filho e sobre como ele também demonstra a importância que atribui ao Brasil, ainda que cresça na Alemanha:

S: [...] muitos dos livros que a gente comprava para ler para ele e com ele eram sobre integração, sobre cores, sobre peles, sobre racismo. A gente sempre introduziu esses tipos de temas nas leituras infantis dele. Então quer dizer, meu filho cresceu se aceitando bem. Até hoje, ele tá com 16 anos, se você pergunta qual a sua nacionalidade ele fala “eu sou brasileiro”. Mas eu falo “Mas você é 50% alemão”, “Eu sei que sou 50% alemão, mãe, pelo lado do meu pai, **mas eu sou brasileiro**”, tá entendendo? Ele guarda aquele orgulho [...] (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021)

Silvânia trouxe em seu relato que, no cotidiano de seu filho, buscou incentivá-lo a se aceitar, remetendo principalmente à raça, já que ele é um menino negro e havia, portanto, uma preocupação maior por parte da mãe. No momento da entrevista, ele já é adolescente e se vê como brasileiro, ressaltando os seus laços com o Brasil - ainda que, como Silvânia comentou lembrá-lo, ele também é alemão. E o rapaz, mesmo que saiba de sua origem alemã, ressalta ser brasileiro, *ele guarda aquele orgulho*.

Esse sentimento pode ser entendido enquanto um incentivo, certamente, por parte da própria mãe, que, a partir das visitas ao Brasil e do ensino de português, por exemplo, de certo modo fomenta esse pertencimento e essa identificação que o garoto demonstra. Silvânia também associa ao fato de ser latina e de perceber que seu filho também demonstrava toda uma corporeidade que é vinculada aos latinos, como é visível no excerto “eu sabia como essa questão latina da gente era muito forte, meu filho visita minha família no Brasil, ele sabe como é outra atmosfera, então ele traz isso dentro dele.” (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis em setembro de 2021). Ana Luiza, durante a entrevista, traz colocações interessantes para pensar as identificações com o Brasil:

(Ana Luiza andando pela casa e entrando no quarto de Tadeu)

A.L.: Ó, aqui o quarto do Tadeu (mostra a bandeira do Brasil), eu nunca impus nada mas tem esse quadro do Salvador Lacerda e da Avenida Paulista está vendo? (Mostra quadros pendurados no quarto)

G: A sua mãe é de Salvador?

A.L.: Não, ela não é, mas a gente tem um vínculo muito forte com Salvador, porque a gente adora a Bahia, eu e minhas irmãs...

G: Eu também adoro a Bahia, lindo esse quarto, adorei esse quarto.

(Entrevistada andando em direção ao quarto de Márcio)

A.L.: E o Márcio tem isso, o Márcio todo moderno, que é o mais velho, também tem aqui a bandeira do Brasil (mostra a bandeira) e da Sérvia (mostra a bandeira da Sérvia).

G: Que legal!

A.L.: Não tem bandeira alemã, aí eu falei para ele: “você não vai para bandeira alemã?”, ele falou: “não”, e eu não falei nada, eu nunca me intrometi, isso aqui é o quarto deles e eles adoram assim esse negócio, tem as identidades né, os grandes tem mais com certeza do que o mais novo, porque ele é um pouquinho outra fase, porque você tem uma casa, estava integrado no bairro, é uma outra... você tem uma outra sensação de casa, de estar, de identidade. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Durante a entrevista, Ana Luiza quis mostrar à professora Gláucia o quarto dos seus filhos, de modo a se deslocar de onde estava sentada para a conversa. Assim, vê-se o desejo da entrevistada de ressaltar a relação que os rapazes têm com o Brasil, o que denota a identificação e o pertencimento os quais sentem pelo país de sua mãe. Até porque, no caso dos filhos mencionados no excerto, eles são os mais velhos e já visitaram o Brasil diversas vezes. Tão interessante quanto essa relação com o Brasil é a mãe dizer que os questionou, perguntando por que não teria uma bandeira da Alemanha também. Neste caso, ali aparecem tanto a bandeira do Brasil quanto a da Sérvia, o que ressalta as vivências dessa família, a qual tem conexões que envolvem três países distintos - outro indicativo destas conexões que são múltiplas (Hall, 2003).

### 3.2 ENTRE BRASIL E ALEMANHA: A TRANSNACIONALIDADE EM QUESTÃO

Migrar significa, entre muitas coisas, ‘deixar’ uma vida para trás e ir em direção a um outro lugar, que, em geral, não é *familiar* à pessoa. Mas, ainda assim, migrar significa levar consigo *bagagens* que não somente aquelas que estão na mala: as relações familiares com os que ficaram no país de origem são constituintes dessa ‘bagagem imaterial’, no sentido de que existe aquilo que é difícil ‘empacotar’, mas que está *entre* as cidades de origem e o destino

migratório (Levitt, 1998). *Entre* dois lugares, ainda que haja uma distância Atlântico afora, como é o caso das brasileiras que vieram para a Alemanha entre o final do século XX e o início do XXI, já que, como dito, há um sentimento de pertencimento que se vincula tanto ao Brasil quanto à Alemanha. É nesse âmbito que tenho direcionado o olhar para as entrevistadas e as suas relações familiares e com o Brasil. Assim, nesse contexto de migração existe uma reconfiguração dos laços afetivos com a família, com aqueles que no Brasil ficaram. Para isso, é necessário conceitualizar os arranjos familiares. Como evidencia Angelin (2012, p. 52, grifo meu):

As redes de parentesco, fundamentadas através de relações familiares, têm como característica os laços fortes primordiais, responsáveis pela maior parte do apoio social aos membros da comunidade. Os laços tendem a ser mais fortes quando a rede é composta por parentes imediatos, como irmãos, sobrinhos, tios, avós, pais, cujas relações são fortemente concentradas, capazes de fornecer amplo suporte. [...] as principais características de redes familiares consistem nos seus laços fortes, calcados na intimidade dos indivíduos, na **frequência dos contatos, bem como na reciprocidade das trocas emocionais.**

Entende-se, em diálogo com Angelin (2012), que os arranjos familiares estão, como foi pontuado, relacionados aos laços considerados fortes, e que geralmente dizem respeito aos vínculos familiares de maior proximidade, o que foi chamado de ‘parentes imediatos’. Além disso, tal qual destaquei no excerto, a frequência do contato e a reciprocidade dos afetos, das trocas emocionais, são igualmente relevantes para pensar os rearranjos/reconfigurações dos laços nesse contexto de distância entre os familiares, como é o caso das brasileiras na Alemanha e os seus familiares no Brasil.

O paradigma transnacional, portanto, agrega no entendimento desses vínculos dos migrantes com os seus familiares que ficaram no país de origem, já que, ao migrar, não há uma ‘transferência’ de lealdade de uma nação para a outra (Francisco, 2016). As relações e a vida no país de destino são mais complexas do que isso, “o que ocorre é que eles [imigrantes] são, em diferentes graus, integrados nos países de destino, ao mesmo tempo em que se mantêm conectados aos seus países de origem, o que se define como a própria condição da transnacionalidade” (Francisco, 2016, p.159). É sob esse enfoque que busquei compreender as experiências migratórias das entrevistadas, em diálogo ao transnacionalismo de Schiller et al (2019).

A relação com os familiares é, dessa forma, repensada e moldada a partir da distância entre aqueles que partem e aqueles que ficam. Elton Francisco (2016), ao pesquisar brasileiras e brasileiros de Governador Valadares (MG) que foram rumo aos EUA entre final do século

XX e início do século XXI, reforça quais são as estratégias estabelecidas e os novos arranjos familiares em decorrência dessa mobilidade.

Francisco (2016) pontua que foram repensados, naquele contexto, os laços de afeto e cuidado a partir de maternidades e paternidades transnacionais. Nesse sentido, essas parentalidades transnacionais rompem convenções sociais a respeito do que é ser pai e o que é ser mãe. Francisco (2016) argumentou ainda que as famílias transnacionais demonstram que a ‘instituição’ família vai além daquela nuclear e burguesa que passa a ser o modelo familiar especialmente a partir do século XIX.

É pertinente ressaltar que já se sabe que as noções de família são mais amplas e complexas do que a da norma familiar burguesa, ainda que esta última seja uma representação familiar comum e marcadamente influente, partindo de uma ideia de homem provedor e da mulher que exerce os cuidados da casa e dos filhos (Arend, 2013). Vale levar em conta, por exemplo, as transformações familiares no Brasil entre 1980 e 2000, mensuradas por Arend (2013). As mudanças acontecidas após o período da redemocratização foram, a título de exemplo, o divórcio, que passou a ser previsto em lei; além da popularização do anticoncepcional nas famílias de classe média brasileiras, o que permitiu que a maternidade acontecesse a partir de um planejamento. Esses são dois exemplos, mas possibilitam que se pense sobre novas configurações familiares possíveis, que não se restringem somente às experiências migratórias, nas quais por vezes pareçam mais nítidos os (re)arranjos familiares.

Aqui, penso família a partir da noção de arranjos familiares, como pontuada acima por Angelin (2012), em que os parentes imediatos - como pai, mãe e irmãos - destacam-se enquanto importantes na reconfiguração familiar transnacional das entrevistadas, entendendo que justamente existem as trocas emocionais e a frequência no contato entre esses familiares e as entrevistadas. Além disso, levo em conta as ponderações de Assis (2004) a respeito das famílias em contextos migratórios, necessárias para um olhar mais cauteloso aos rearranjos familiares das brasileiras aqui analisadas, justamente para não entender a migração como uma ruptura familiar, interpretação essa que costumava, segundo Assis (2004), levar ao entendimento equivocado de que famílias se desestruturavam em contextos de migração.

Como práticas transnacionais vinculadas às reconfigurações familiares e às relações das entrevistadas com o Brasil, é possível elencar a partir das entrevistas diferentes mecanismos utilizados na manutenção desses laços, os quais puderam ser segmentados a partir dos seguintes eixos: uso de tecnologias e meios de comunicação para fazer contato; visitas ao Brasil e ensino de português aos filhos; e comidas que remetem afetivamente ao Brasil. Desse modo, eles serão destrinchados nas subdivisões que seguem.

### 3.2.1 AS TIC'S CONTRIBUINDO PARA OS LAÇOS TRANSNACIONAIS

Sobre o mecanismo de entrar em contato com familiares através da tecnologia e dos meios de comunicação, vale reforçar o impacto da *internet* nas experiências migratórias, sobretudo quando se trata de pensar nos mecanismos que as entrevistadas utilizam para manter o vínculo com o Brasil. Acerca das tecnologias e de como afetam as migrações, deve-se ressaltar que:

o advento da internet e das comunicações sem fio modificou o comunicar, afetando as esferas econômica, social e, também, tecnológica. No contexto das migrações, **a internet proporciona espaços transnacionais em que há uma conexão** entre diferentes culturas. Percebe-se, portanto, um papel central das tecnologias digitais nos movimentos migratórios, seja para a criação de redes no local de destino, seja para a **manutenção de laços no país de origem**. Estudar esses usos delinea a própria experiência da migração. (Dahleh et al, 2023, p. 6-7, grifo meu)

Como é evidenciado no trecho acima, as tecnologias trazem consigo formas outras de se relacionar com as pessoas, refletindo-se também nas experiências migratórias. Entre as entrevistadas, todas elas afirmam que mantêm contato com seus pais, irmãos, tios ou primos através do *Whatsapp*, por exemplo.

A entrevistada Angelina, no decorrer de sua experiência migratória, viveu 6 anos na Alemanha com sua mãe e seu padrasto, tendo cursado e concluído o ensino médio lá, já que foi para a Alemanha quando tinha 15 anos. Filha de pais separados, seu pai morava no Brasil. Com sua mudança de país, a relação com o pai passou por transformações:

A: Quando eu vim pra Alemanha com a minha mãe eles meio que acordaram que uma vez por ano no mínimo tinha que vir no Brasil visitar o meu pai, então algumas vezes eu fui com a minha mãe, algumas vezes eu fui sozinha acompanhada por alguma aeromoça, um responsável da companhia aérea quando a minha mãe não podia ir, **então eu sempre vim no Brasil uma vez no ano**, eu não mantinha muito contato assim com.. até meu pai, vou dizer que era bem raro, **eu acho que eu tenho o problema da saudade, se cê não fala, cê não sente**, se cê não vê, cê não sente, então eu tentava nem ver [...]. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021).

Angelina já morava com a mãe no Brasil, mas lá tinha a possibilidade de ver o pai numa dinâmica diferente desta estabelecida a partir do momento em que foi para a Alemanha. Nota-se que a filha menciona o acordo dos pais sobre visitas anuais ao Brasil. Contudo, ela

destacou que esse contato com o pai era marcado mais por esses momentos no Brasil, evitando outras *formas de entrar em contato* quando estava na Alemanha. O motivo seria relacionado à saudade, de modo que destaquei a fala de Angelina, em que ela reforça o fato de não falar para não intensificar a saudade. É o modo como Angelina buscou adaptar a relação com seu pai diante da migração e da distância nesse primeiro momento. Esse mecanismo nem sempre é observado entre as migrantes, sendo que a maior parte delas reforça a importância daquele contato ‘cotidiano’ via *Whatsapp*. Em outro momento da entrevista, inclusive, Angelina contou que isso mudou e hoje em dia prefere que o contato aconteça frequentemente, por meio de mensagens instantâneas, como o já mencionado *Whatsapp*.

Silvânia relatou a importância de se sentir próxima aos seus pais. Além disso, a entrevistada Larissa também discorreu a respeito de conversas e ligações como forma de se manter próxima aos familiares no Brasil. Essa comunicação, também intermediada por mensagens instantâneas, pode ser percebida nos excertos de ambas as brasileiras a seguir:

S: Agora meus pais, não tem condições de vir, não. Aí a gente que vai visitá -los. E hoje em dia, quando a gente morava nos Estados Unidos, nosso contato era através de carta e telefonema, hoje em dia você liga no *Whatsapp*, você está conversando com eles né? Quer dizer, a tecnologia nessa área vem para facilitar a comunicação.

G: Você enviou muitas cartas para o Brasil nesses anos?

S: Nossa, muitas cartas. Era a comunicação né? Mas hoje em dia é tudo no dedinho, manda mensagem, conversa, vídeos, a gente acompanha através do vídeo como eles estão. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021)

G: E como é que chega umas notícias do Brasil para você? Como é que você se mantém em contato com o Brasil?

L: Eu leio muito na internet, converso também com outras brasileiras, ou a família dá uma notícia ou outra, e ainda tenho amigos no Brasil.

G: Como é que você se mantém contato com eles agora?

L: WhatsApp é muito bom né, porque você pode trocar mensagens, você pode fazer chamada com vídeo, tá sempre ali né.

G: E como é que foi essa sua transição das cartas para o WhatsApp? Para o Skype? Para o email? Como é que você foi se adaptando a isso?

L: As cartas, como eu disse, os meus pais escreveram, aí o meu pai faleceu e a minha mãe começou a escrever mais devagar, ela foi deixando, e daí já tava mais fácil para telefonar, a gente se falava muito por telefone, depois ela adoeceu, ficou 4 anos na cama, aí ela não conseguia mais escrever, não fazia mais nada, e com as outras pessoas aí foi entrando primeiro Orkut, depois foi o Facebook, WhatsApp, e aí foi indo, realmente não recebo mais cartas, infelizmente. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

As conversas e ligações via *Whatsapp* marcam, portanto, segundo seus relatos, esse contato com os familiares que estão no Brasil. Tanto Silvânia como Larissa falaram a respeito das cartas que costumavam escrever para os seus pais. Ambas as entrevistadas migraram antes do início do século XXI, então é notável como mencionaram a mudança na forma de manter os laços com os familiares. Durante as entrevistas, é interessante salientar que ambas mulheres demonstraram um carinho pelas cartas, o que parece evidenciar o quão importante foram elas para a comunicação de famílias com membros migrantes. Assis (1995), ao analisar cartas de emigrantes valadarenses que foram para os Estados Unidos, afirma que as cartas não só possibilitam um “mergulho no subjetivo” por parte dos pesquisadores que utilizam-nas na realização de seus trabalhos, como também são marcantes para o migrante que a escreveu e, claro, para a família que a recebe:

As cartas escritas para a comunicação pessoal podem também ser analisadas como relatos de intimidade, à medida que os emigrantes ao escreverem aos seus amigos e parentes o fazem de forma quase confessional, revelando projetos, decepções, alegrias e tristezas do projeto de "fazer a América". Desta forma, revelam aspectos subjetivos da experiência migratória permitindo reconstruir o que estou denominando, de subjetividade no processo migratório. (Assis, 1995, p.8)

Assis (1995) remete aos projetos de ‘fazer a América’ e aos sentimentos envolvidos nessas experiências migratórias valadarenses, que se distingue do perfil de migração do trabalho aqui produzido. Mas, provavelmente as cartas que Silvânia e Larissa escreveram estão repletas de menções à saudade e à vida que foi sendo estabelecida aos poucos na Alemanha. Larissa relembra:

G: Você escrevia cartas?

L: Muitas, eu tenho todas as cartas que minha família mandou, que meus amigos me mandaram, eu tenho todas.

G: Não acredito!

L: O meu pai me escrevia uma semana contando um diário e tal da família toda, na semana seguinte era minha mãe que escrevia, eles revezavam, e eu escrevia toda semana contando das minhas descobertas, dos erros que eu cometi, dos meus medos, da saudade e tudo mais.

G: Ai que bonito, hein, como é que foi isso? Você tem as cartas do teu pai também? Da sua mãe?

L: Tenho todas, tenho tudo. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Esses excertos reafirmam a importância atribuída à comunicação através das cartas, as quais fizeram essa conexão *entre lugares*, tal qual o título do trabalho de Assis (1995): estar aqui...estar lá... É evidente que os meios de comunicação transformaram-se ao longo do tempo e Larissa, com uma experiência de mais de 20 anos na Alemanha, vivenciou vários deles. Escreveu cartas, e sua fala a respeito dessa época demonstrou a importância de ter recebido e escrito nesses anos, os quais marcaram sobretudo o início de sua jornada migratória. Ou seja, vê-se que ela rememorou com emoção essa época, em que a saudade e as dificuldades com o idioma foram momentos delicados do começo dessa trajetória na Alemanha. O contato a partir das cartas, nesse sentido, permitiu que ela se aproximasse, mesmo longe, de seus entes queridos. A entrevistada Vanessa também ressaltou a troca de cartas com seus familiares, tecendo comparações com o presente:

V: [...] não existia a possibilidade de comunicação que nós temos hoje um minuto de ligação para o Brasil, custava caro as cartas demoravam uma semana para chegar, então quando eu sentava escrevia, eu escrevi para minha mãe quase todos os dias então ela tem uma coleção das cartas. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Como dito, as novas formas de fazer contato foram gradativamente trazendo a sensação de diminuição das distâncias e, de fato, as mensagens e ligações instantâneas do *Whatsapp* hoje em dia marcam uma outra forma de experienciar esses vínculos e matar as saudades. Ressalta-se, deste modo, as redes sociais, a saber *Facebook* e *Instagram*, incluindo aquelas que são exclusivamente para a troca de mensagens, como *Whatsapp*, enquanto ferramentas que auxiliam na manutenção de relacionamentos, já que atuam no intuito de minimizar a nostalgia ou a saudade (Dadalto, 2024). Ou seja, nota-se o uso das tecnologias da informação nas experiências migratórias para uma manutenção reconfigurada dos laços com os familiares do país de origem, de modo que elenca também Gonçalves (2020).

Em consonância a Gonçalves (2020), “os voos mais baratos, a internet, os celulares e os outros meios de comunicação ampliam a dimensão transnacional das migrações.” (Gonçalves, 2020, p. 95). Notou-se, como vimos, a relevância da internet, dos celulares e dos meios de comunicação em geral para a manutenção dos vínculos familiares transnacionais. Mas, vale reiterar que as visitas são outro mecanismo notável a partir da análise das entrevistas e, de fato, o barateamento das passagens aéreas, sobretudo no decorrer do século XXI, refletiu no maior trânsito de pessoas (Assis, 2018).



### 3.2.2 AS VIAGENS AO BRASIL E A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA MATERNA

Poder visitar os familiares no Brasil é, para as entrevistadas, uma prática necessária no rearranjo dos laços, lembrando que, no início deste subcapítulo, Silvânia já mencionava sobre se sentir ‘*em casa* no Brasil’, ainda que narrasse sobre sentir que seu coração é dividido *entre* Brasil e Alemanha. Livia menciona a respeito de suas visitas regulares ao Brasil:

G: E você tem planos de ir ao Brasil por agora?

L: Eu vou na semana do carnaval, eu vou no dia 23 de fevereiro.

G: Ai que coisa boa.

L; E fico até dia 10 de março, mas eu vou sozinha, eles vão esquiar e eu cansei de ficar com a bunda gelada e daí eu vou para o Brasil. Para o Brasil curtir a minha mãe sozinha, porque quando eles estão lá eu não consigo fazer essas coisas burocráticas de documento, banco e eu vou para fazer essas coisas e curtir a minha família sozinha.

G; Você tem, você tem investimentos no Brasil?

L: Eu tenho casa ainda no Brasil, minha casa está alugada. E eu tenho um pouco de investimento no Brasil.

G: Mas a casa você tinha antes de migrar, não era um investimento que você fez depois que migrou?

L: Não, não. A casa eu tinha antes. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

É interessante notar como Livia pontuou sobre querer se afastar um pouco do inverno na Alemanha para se aproximar do Brasil, que parece lhe soar mais familiar, apesar de ter se estabelecido na Alemanha há muitos anos. O clima, no caso o ‘calor’ brasileiro, não é encontrado no país germânico, e é motivo de uma aproximação afetiva com o Brasil no momento da visita. Além disso, ela mencionou o feriado do Carnaval, que seria a data de sua vinda. Mesmo que ela pouco tenha dito sobre o Carnaval, essa é uma época marcante do calendário brasileiro e foi o momento escolhido para agendar a visita.

A entrevistada falou sobre os familiares e também sobre ter uma casa no Brasil, sendo esse seu lar antes de ter ido para a Alemanha. Ainda que, em outros momentos da entrevista, Livia tenha afirmado que não pretende voltar a morar no Brasil, é interessante notar que as relações com o país de origem são mantidas e evidenciadas durante essas vindas ao país, em

que ela mata a saudade da família, mas onde também continua mantendo o seu imóvel, que é sempre uma possibilidade de estadia para ela, seu marido e seus filhos quando vêm junto para o Brasil. A respeito da vinda de seus filhos e da relação deles com o Brasil, Livia comentou:

G: E eles gostam de vir ao Brasil? Vem com regularidade? Eu sei que teve o problema com a pandemia agora, mas qual é a relação deles com o Brasil?

L: Eles **adoram o Brasil, se você perguntar eles vão falar que são brasileiros**. O Pedro costuma falar que é mais brasileiro do que alemão, mas ele, eles adoram o Brasil e a gente vai pelo menos uma vez por ano. Pelo menos, tirando a pandemia. Mas eu acho que eles já foram 8 vezes para o Brasil.

G: É, a pandemia é um ponto fora da curva na nossa vida, em todos os sentidos.

L: Sim. E a minha mãe vem todo ano, nas férias de verão, porque eles tem 6 semanas de férias, daí normalmente eu faço 3 semanas com eles e a gente vai viajar e depois vem a minha mãe ficar com eles. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021, grifo meu)

Sua filha e seu filho, gêmeos de 8 anos de idade, visitam o Brasil, segundo Livia, com regularidade. Mais do que isso, eles se mostram ligados afetivamente ao país da mãe, já que a entrevistada ressaltou o fato de eles se sentirem brasileiros, *mais brasileiro do que alemão* no caso de Pedro, o que chama a atenção. Possivelmente, a proximidade das crianças com o país foi incentivada a partir dessas vindas, além de que Livia menciona a ida da avó das crianças para a Alemanha, o que também reforça esses laços.

Ana Luiza também comentou sobre suas visitas ao Brasil, evidenciando que costuma tirar suas férias no país. A viagem, que antes faziam somente ela e o esposo, torna-se também uma viagem em família, sobretudo depois da maternidade. A seguir, o trecho de Ana Luiza a respeito dessas vindas:

A.L: Eu sempre voltei, todo ano, eu sempre fiz férias no Brasil todos os anos e depois que começaram a vir os filhos, eu fiquei com o meu marido, nós fomos 7 anos juntos sem filhos, com os filhos também, todo ano, depois que virou dois filhos aí de dois em dois anos, porque a passagem é muito cara, é uma viagem cara, e aí eu sempre procurei ir de dois em dois anos, agora com a pandemia a gente ficou com o intervalo um pouco maior, esse daqui já tá 3 anos, (aponta para o filho atrás), foi em 2018. A última vez que a gente foi junto, e esse ano eu fui sozinha na pandemia, já não levei as crianças por causa da pandemia [...] Aí eu tive esse contato indo para o Brasil, **levando as crianças para o Brasil, sempre achei muito importante, assim com a minha mãe e com meu pai, e minha mãe sempre veio para cá, ela vinha todo ano**, ela passava as férias de verão aqui, e eu sempre assim alguma vez ficava um mês, então a gente manteve assim. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021, grifo meu)

Ana Luiza lembrou que a pandemia impediu a realização de mais viagens ao Brasil, até porque se exigia, por exemplo, uma quarentena no momento de chegada, além de todas as medidas sanitárias que precisavam ser tomadas durante o isolamento social por conta da COVID-19. Mas, mesmo com a dificuldade da pandemia, a entrevistada viajou uma vez, sozinha. É interessante ver o trecho grifado, em que Ana Luiza falou da importância que ela atribuiu ao contato de seus filhos com o Brasil, ou seja, eles participaram e participam de várias viagens de férias para o Brasil. O que foi possível elucidar também é a vinda de seu pai e sua mãe à Alemanha, o que parece ser outro indicativo desse vínculo que foi mantido apesar da distância, sendo as visitas momentos marcantes das relações familiares transnacionais.

Por sua vez, Silvânia trouxe à tona a importância de uma regularidade nas visitas que faz ao Brasil. Desde o início de sua trajetória migratória na Alemanha, buscava fazer visitas anuais ao Brasil, até a pandemia, do mesmo modo que Ana Luiza também mencionou essa ‘quebra’ das visitas ao Brasil, ainda que nesse caso ela tenha ido uma vez mesmo na pandemia, diferentemente de Silvânia. Chamou a atenção no excerto abaixo o fato de que ela reforçou a respeito da necessidade de estar perto de sua família. A entrevista, ao falar dessas visitas, fez as seguintes pontuações:

G: E você falou que vai ao Brasil regularmente, de 2 em 2 anos? 1 vez por ano? Como é que é?

S: Eu vou para o Brasil todo ano. Mas só que desde de 2019, que eu não vou.

G: Não tem jeito né?

S: Todo ano eu não deixo porque... os meu esposo mesmo sabe, ele é compreensivo nessa área . Como ele ficou... ele viveu no Brasil 5 anos com a gente, então ele observou como é o meu relacionamento com a minha família. **Ele sabe que eu preciso do contato familiar, eu tenho que recarregar a energia.** (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021, grifo meu)

A partir do excerto nota-se como Silvânia conversou com o companheiro sobre as visitas ao Brasil, afirmando que ele entende a importância da relação dela com o Brasil e com a família. É interessante como ela fez a associação do contato familiar com o ‘recarregar as energias’, ou seja, essas visitas e essa proximidade física com o Brasil mostraram-se essenciais para que Silvânia se sentisse bem, buscando estar no seu país de origem mesmo depois de muitos anos morando fora. Sobre datas comemorativas como as de final do ano, Silvânia comentou:

G: Você acha que vem no final do ano ao Brasil?

S: Se eu não for... Aí ficam as chantagens emocionais, a **família dividida** é isso. A gente não vai estar de férias do período escolar, meu filho tem duas semanas de férias. Só que duas semanas de férias para fazer uma viagem para voltar no Brasil sendo que ele vai ter que ficar em quarentena lá pelo menos uns dias, então não compensa ele ir. Aí quando eu falo que vou passar o Natal lá e ele vai ficar com o pai e o avô, aí tem a maior chantagem emocional. Mas acho que... tem 15 anos que não passo o natal com a minha família, sabe? Eu sempre vou em julho que é período longo de férias, férias de verão, né? Aí esse ano eu falei que ia no Natal, só que ta uma chantagem emocional aqui tremenda, aí eu acho que de repente eu passo o Natal aqui e vou depois, no dia 27, estourando no início de Janeiro. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021)

As negociações nesses rearranjos familiares são evidenciadas a partir do que trouxe Silvânia acima, já que as datas de fim de ano são um momento o qual costuma ser compartilhado com os familiares próximos - que, nesse caso, estão em lugares distantes. Como estava no contexto de pandemia e estava se preparando para ir sozinha, Silvânia mencionou a ‘chantagem emocional’ do filho, pois o intuito seria passar o Natal no Brasil, algo que ela não faz há muitos anos. Porém, diante de negociações, aparentemente Silvânia afirmou que iria ao menos estar durante a virada de ano no Brasil. Essa viagem, de modo que é visível, representaria mais do que rever o seu país: a vontade de celebrar datas especiais ao lado de familiares que estão distantes demonstra todo o afeto envolvido e mantido ao longo dos anos, afetos esses reconfigurados a partir da distância e reafirmados em ocasiões como a dessa viagem.

Larissa também falou sobre as visitas e como auxiliam na manutenção desses laços com os familiares que no Brasil ficaram:

G: Então, você manteve esses laços?

L: Sim, com certeza.

G: E com que frequência você vai ao Brasil?

L: Antes da pandemia, eu ia anualmente.

G: Eles sempre foram juntos?

L: Sempre.

G: E gostam do Brasil?

L: Muito, gostam muito e eu acho, também, assim, que é um ponto positivo para eles, essa proximidade com a família, pelo fato deles dominarem o idioma, quando a gente ia para o Brasil, que eles eram menores, eles participavam de uma instituição que tinha jogos de futebol, tinha outras atividades, e eles participavam de tudo, as pessoas ficavam olhando assim, às vezes falavam “fala uma coisa em alemão”, aí eles falavam alguma coisa, mas eles falavam “mãe, eu não gosto que eles ficam perguntando as coisas em alemão”, mas é porque quando eram menores eles tinham pouco de sotaque, hoje em dia perderam, hoje em dia eles falam, penso eu, como brasileiros, não é carregado, não é aquelas coisas que eles falam de vez em quando,

eles falam no dia a dia. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Larissa fazia viagens anuais ao Brasil e, quando perguntada sobre as crianças irem junto, afirmou que sim. Não só viajavam junto com a mãe, como também participavam de atividades no Brasil que envolviam, por exemplo, o futebol. No excerto acima, Larissa falou a respeito do sotaque dos filhos, do fato de falarem e dominarem bem o português, o que pareceu ser motivo de orgulho para a mãe. As vindas frequentes ao Brasil certamente proporcionaram aos seus filhos uma familiaridade com a língua portuguesa, o que talvez seja, em partes, o motivo pelo qual falam ‘sem sotaque’, segundo as impressões de Larissa. Além da vinda para o Brasil, é interessante mencionar a vinda de familiares para a Alemanha, como é o caso de Vanessa:

V: [...] tem 14 anos [a filha] e quando ela nasceu minha mãe me deu um grande presente. Minha mãe não podia vir, eu falei para você, minha mãe tem problema de saúde, minha irmã mais velha é advogada com três filhos também não podia vir ficar comigo. Minha outra irmã na época trabalhava numa empresa de agronomia, meu irmão não ia ser de grande serventia para mim porque (risos) ele ia ser de grande serventia se fosse para fazer churrasco, fazer comida, feijoada ou limpar a casa, mas não de verdade para cuidar de um bebezinho, não ia ser não. Aí minha mãe mandou para ficar comigo uma grande amiga nossa, minha irmã e minha mãe deram uma passagem para ela e ela veio ficar 3 meses comigo.

G: Uma amiga sua lá de Alagoinhas?

V: Uma amiga nossa de Salvador que veio e ficou aqui, adorou e ela falou assim “Ah se eu pudesse eu ficava mais tempo aqui” e foi ótimo e ela veio um mês antes da Iara nascer, ou seja, ficou comigo e quando a Iara nasceu ela ainda ficou dois meses.

G: Ah, faz toda diferença. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Nota-se que, em um momento sensível e de importância na vida de Vanessa, aquele em que sua filha nasceu, ela não pôde contar com a vinda de sua mãe para a Alemanha. Ela viria para ajudá-la e apoiá-la no seu pós-parto, com sua bebe recém-nascida. Na impossibilidade de sua vinda, a mãe auxiliou com a passagem aérea para que uma amiga, também do Brasil, viajasse para a Alemanha e ficasse com Vanessa. Pode-se elencar que essa viagem também diz respeito às práticas transnacionais, ligadas às famílias transnacionais. Nesse caso, a vinda foi planejada para auxiliar Vanessa a ter uma rede de apoio que, de certa forma, era-lhe familiar.

Junto dessas visitas que reconfiguram esses laços, aproximando também seus filhos do Brasil, vale acrescentar que o ensino do português para as crianças é outra prática transnacional possível de observar ao longo das entrevistas com as brasileiras, de modo que foi trazido também para este subcapítulo, pela proximidade que tem a língua com as visitas regularmente realizadas.

Todas as entrevistadas são mães - tornaram-se mães na Alemanha -, depois de se casarem com os seus respectivos companheiros. Os filhos, neste caso em maioria crianças com mães brasileiras e pais alemães, inserem-se desde cedo na sociedade alemã, a partir do *kindergarten*, que seria próximo a uma experiência de creche. O *kindergarten* é um momento marcado pelo início de uma maior interação com outras crianças e com professoras (Carnicer, 2016). Nota-se que, por haver esse contato dos filhos com a sociedade alemã, já que eles nasceram e cresceram na Alemanha, essas mulheres atribuíram importância ao ensino do português para os seus filhos, sobretudo enquanto mecanismo para reforçar o vínculo com o Brasil (Carnicer, 2016). Ao incentivarem seus filhos a aprenderem o português desde cedo, é possível notar que há relação com uma intenção de manutenção de laços com o Brasil, inclusive por ter em mente que impulsiona a aproximação das crianças com os familiares - como avós, tios e primos - que ficaram no Brasil.

Ensinar o português, contudo, não se mostrou um processo simples para essas brasileiras, pois existiram momentos de resistência na família alemã do marido, como foi o caso da experiência de Larissa. Abaixo, ela discorre:

L: [...] a minha sogra, ela falava assim “ah, o menino nunca vai aprender alemão, ele vai ter problema na escola, ele vai ter dificuldade com essa sua língua, você tem que falar com ele em alemão”, e eu falei “não, de jeito nenhum”, bati o pé e continuei, e não me arrependo de jeito nenhum, **o meu maior orgulho é que os meninos falam perfeitamente português**, eles são alfabetizados também, tinham os caderninhos, eles tinham livros em português e eu trazia DVD do Brasil, a minha irmã mandava muita coisa quando eles eram menores, eles sempre tiveram muito contato com a língua e depois, agora com o WhatsApp, eles escrevem com a família em português, às vezes eles vêm me perguntando “mãe, eu escrevi isso aqui direito?”, sabe?

G: Eles continuam falando em português com você?

L: Continuam (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021, grifo meu).

Percebe-se a situação vivenciada com a sogra, alemã, quando disse à Larissa que ensinar português dificultaria a socialização e inserção de seu filho na escola na Alemanha. Fica implícito que ser migrante ou demonstrar, de alguma forma, que se é filho de migrante,

pode gerar maiores dificuldades de inserção na sociedade alemã, neste caso em específico na escola, o que é confirmado a partir de estudos, a exemplo de Fernández-Kelly (2012), Fürstenau (2015) e Martendal (2022), acerca do sistema escolar alemão e de sua característica hierarquizante com os filhos de imigrantes<sup>27</sup>.

A entrevistada estava bastante convicta da importância do ensino de português ao seu filho, por isso reforçou sobre o trânsito de livros e DVD 's vindos do Brasil, com o intuito de incentivar e aproximá-lo da língua portuguesa. A frase em destaque denota o orgulho sentido por Larissa ao afirmar que ambos os filhos dominam o português, mantendo também o contato com os familiares no Brasil.

A língua materna dessas mulheres, como pode ser percebido, é o português. Em seu trabalho a respeito do multilinguismo em famílias transnacionais de origem brasileira na Alemanha, Javier Carnicer (2016) salienta que falar português representaria “um elo vital das crianças com a mãe. [...] como uma parte essencial da identidade. De fato, alguns entrevistados aludem a outros filhos de brasileiros que, segundo eles, não falam português, como crianças que ‘não são brasileiras, não mais de descendência brasileira’.” (Carnicer, 2016, p. 28), e isso se mostra presente no que relatam as sete entrevistadas, pois elas falarem português significa cultivar a relação de seus filhos, os quais são uma geração nascida na Alemanha, com o Brasil.

A possibilidade de que os filhos aprendam o português é, desse modo, fundamental quando se pensa nas reconfigurações familiares transnacionais das entrevistadas. Seguindo o raciocínio das análises de Carnicer (2016), a língua é também um ‘capital simbólico’ que implica em acessos ou exclusões de determinados espaços ou contextos, a exemplo das escolas<sup>28</sup>. No caso das brasileiras analisadas em meu trabalho, vale entender o português enquanto capital simbólico ao interpretar o domínio da língua portuguesa como a materialização de uma efetiva comunicação e relação mais próxima com os familiares que ficaram no Brasil, nesse laço e afeto reconfigurado com avós, tios e primos no contexto de uma distância física.

Em seu trabalho, Carnicer (2016) traz um excerto de uma das entrevistas com as quais trabalhou, em que a mulher diz:

---

<sup>27</sup> Sobre o impacto de ser imigrante no sistema escolar alemão, ver Fernández-Kelly (2012) e Fürstenau (2015). Sobre o sistema escolar alemão e o modelo tripartite que segmenta as crianças em diferentes tipos de ensino aos 10 ou 12 anos, ver Martendal (2022, p. 51-65).

<sup>28</sup> Aqui, o autor se refere sobretudo à importância do domínio do alemão por parte das famílias brasileiras, já que implica em maiores possibilidades de uma melhor inserção na sociedade alemã.

Se eu não ensinar para meus filhos a língua portuguesa, eu estou excluindo a minha família. Então quer dizer que eles só vão aprender a língua da família do pai, a língua alemã. Então para mim o meu modo de vista é assim: se os meus filhos não falam a minha língua materna, então eles não vão ter contato nenhum com os meus irmãos, com a minha família do Brasil; isso para mim é sem chance, é muito importante. (Carnicer, 2016, p. 28)

A entrevistada acima ressaltou que, caso os filhos não tivessem domínio do português, seria possível que isso soasse quase como uma exclusão de sua família, por serem brasileiros como ela. Não só as visitas para o Brasil são vistas como importantes pela mulher: é necessária a possibilidade desse vínculo que se dá também a partir do idioma, até porque compartilhar uma língua vai além de apenas uma compreensão discursiva, pois está diretamente relacionada com aspectos culturais, os quais fazem com que as pessoas se aproximem (Carnicer, 2016). Silvânia e Livia comentaram, respectivamente, a respeito do ensino da língua portuguesa aos seus filhos:

S: E sempre fiz questão de manter o relacionamento com meus pais e a minha família. A gente tem um vínculo bem íntimo com os familiares e eu sempre tive esse propósito. Que quando o meu filho... Eu conheci várias crianças que iam visitar o Brasil e chegavam lá e não conseguiam se comunicar com ninguém e era horrível para a criança e era horrível para os familiares. Então eu quis que o meu filho fosse diferente da história dele. E realmente é muito legal. Claro que eles falam que o meu filho fala com sotaque, eu não percebo. Mas a gente tá no Brasil e eles falam que eu falo português com sotaque, eu acho interessante isso. Assistir um filme quando todo mundo tá rindo, ele demora um pouquinho para pegar, tá entendendo? Ele convive aqui comigo, mas é diferente da coletividade. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, setembro de 2021)

G: E como é que foi isso? Ensinar o português para eles, a questão...

L; Para mim foi natural, pra mim foi natural porque eu falo com eles em português, eu não consigo... **é a minha língua, é a língua que eu me expresso**. Então se eu tiver que brigar com eles quando eu estou brava, não dá para ficar traduzindo, eu tenho que falar em português e eu não fiz nenhum esforço assim extra para eles aprenderem. Eu lia historinha quando eles eram pequenos em português, a Galinha Pintadinha foi o hit aqui de casa quando eles eram pequeninhos, eles conhecem todas as músicas de crianças em português. Eu acho que mesmo sem saber o significado eles cantam todas. Mas, eles foram, estão sendo alfabetizados agora na escola, o meu filho ainda não lê tão fluentemente como a Lia, mas a Lia lê muito bem, a minha menor, tá lendo também livro em português, ela lê e entende. O Pedro não. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021, grifo meu)

No primeiro excerto, Silvânia falou sobre o vínculo do seu filho com os seus pais e com a sua família, o que é possível relacionar em alguma medida ao domínio português e do incentivo dessas relações com os parentes no Brasil. Para isso, ela citou a história de outra família, narrada para mostrar justamente o que ela não queria que acontecesse no caso da sua própria. Sua fala se aproxima com aquela trazida acima no trabalho de Carnicer (2016), em



que, caso não ensine o português, a consequência seria uma dificuldade de cultivar esses laços com avós, tios, primos e outros parentes da família materna.

No caso de Lívia, é interessante como ela pontuou que ensinar o português aconteceu naturalmente, reforçando que, no automático, ela fala português com suas crianças. A frase que destaquei mostra que a brasileira definiu a língua portuguesa como *minha língua*, ou seja, faz parte de quem ela é e de como ela se relaciona no convívio diário, especialmente com seus filhos. Lívia mencionou que, se vai brigar com as crianças, é como se não fizesse sentido precisar traduzir, o que aproxima os gêmeos do português no dia-a-dia. Além disso, chama a atenção o fato de as crianças também lerem em português, ouvindo também músicas infantis que fizeram sucesso com o público infantil no Brasil, evidenciando como, a partir desses mecanismos como músicas e livros, incentiva-se o domínio do português e cultiva-se, portanto, essa relação afetiva com o Brasil.

### 3.2.3 OS SABORES DO BRASIL

Relações afetivas com o país podem ser notadas quando se observa outro aspecto: a relação das brasileiras com os alimentos. Enquanto último dos mecanismos identificados de vínculo com o Brasil, está o modo como essas mulheres estabeleceram proximidade afetiva com o país também através da alimentação. A seguir, um excerto de Vanessa:

G: Vocês continuam indo ao Brasil, tirando a pandemia, como é que foi a pandemia?

V: 2 anos sem ir para casa eu tô aqui sofrendo. Meu kit nordestino já acabou (risos).

G: Qual que é o seu kit nordestino básico?

V: Meu kit nordestino básico são 5 kg de farinha da minha cidade.

G: Torrada?

V: Torradinha, fininha, vindo de lá de Alagoinhas de onde eu nasci. A minha farinha eu trago farinha de lá e trago farinha de tapioca que eu acho que você conhece. O resto tudo a gente encontra aqui: paçoquinha, goiabada. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

Vanessa falou que estava sendo difícil ficar sem visitar o Brasil por conta da pandemia. Junto disso, reforçou que o ‘kit nordestino’ dela estava acabando, fazendo uma alusão da importância atribuída aos alimentos que consome na Alemanha, mas que são oriundos de suas idas ao Brasil. As farinhas que ela traz recorrentemente se mostraram essenciais no seu cotidiano na Alemanha, e vêm diretamente da sua cidade de origem,

Alagoínhas (BA). Os alimentos podem trazer memórias afetivas, e é comum que sejam evidenciadas em contextos migratórios por conta dos sentimentos que remetem ao lugar de origem. Maria das Graças Brightwell (2010) traz contribuições interessantes a respeito da relação entre comida, memórias, afetos e migração:

Os atos de comprar, preparar e comer alimentos familiares, para um imigrante, podem mexer com emoções e memórias profundas, estabelecendo uma conexão com outros tempos e lugares. Estas memórias podem trazer saudade de lugares, pessoas e experiências anteriores, incitando o desejo de voltar ao país de origem. Ou talvez estas lembranças sejam dolorosas, melhor que sejam esquecidas... As evocações gustativas também podem servir **para aproximar aquilo que se deixou – através da lembrança proporcionada pela comida mantêm-se vivas na memória** as coisas prazerosas e importantes da vida. Estas memórias formam, portanto, uma **ponte entre o velho e o novo**. A familiaridade proporcionada pela busca de ingredientes, o modo de preparar os alimentos e a maneira como são consumidos auxilia no processo de adaptação, proporcionando que **a pessoa se sinta em casa** em um país estranho. (Brightwell, 2010, p. 28, grifo meu)

Ainda que Vanessa tenha mencionado, por exemplo, sobre a paçoquinha e a goiabada poderem ser encontradas na Alemanha, as brasileiras comentaram que os preços não costumam ser os mais acessíveis e, mais do que isso, notou-se que o sentimento não está somente em consumir o alimento: o fato de terem elas mesmo trazido de uma viagem ao Brasil, ou terem recebido de algum familiar e amigo que as visitou na Alemanha, dá outra dimensão para a relação afetiva com a comida. A familiaridade que é proporcionada, as lembranças que são capazes de trazer: o afeto e a relação com o Brasil podem, nesse sentido, ser percebidos a partir dessa atribuição de sentido que Vanessa deu às farinhas vindas de Alagoínhas. Ou seja, um alimento vindo diretamente de sua terra natal traz memórias, ou também um sentimento de nostalgia, que outros alimentos não são capazes de proporcionar. Fabiana também menciona a importância dos alimentos que são associados a lembranças do Brasil:

F: [...] então é paçoça e goiabada, esses dias a Gabriela fechou a cara pra mim porque eu não queria dar goiabada pra ela, tinha um monte de doce aqui e ela queria a minha goiabada, acho o cúmulo do absurdo um negócio desses, eu digo “minha filha, eu sou brasileira pura, você é só metade” e ela “não, mas eu também gosto”, aí eu “não, mas pera aí, tá errado um negócio desses”, aí imagina, eu tenho que esconder – deixa eu falar baixo agora – eu tenho que ir lá pro porão pra poder comer minha paçoça escondida, porque a família inteira quer e eu acho, imagina, traz uma paçoquinha só e tenho que dividir com esse monte de gente aqui. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, outubro de 2020)

Fabiana afirmou que adora paçoça e goiabada, trazendo consigo depois de visitar o Brasil. Além disso, elenca que sua filha também quer comer esses doces, mas reivindica, em tom de brincadeira, que quem é a brasileira é ela, Fabiana. Por isso, disse que acaba indo ao

porão para poder comer os seus doces, já que a quantidade levada para a Alemanha acabava não sendo muita. Ao comer a paçoca, Fabiana se sentiu mais próxima de suas origens, como vimos em diálogo com Brightwell (2010). Ana Luiza, em sua entrevista, falou a respeito da alimentação no seu cotidiano na Alemanha:

A.L: [...]muitas vezes ele [marido] faz feijão, quando ele faz **eu faço um arrozinho, já põe uma farofinha para mim**, ele gosta de comer com pão, tipo sopa, joga pão dentro, um filho gosta de comer com pão, eu sempre quando vem o feijão às vezes eu como como sopa, mas normalmente eu faço um arrozinho, então assim é **misturado**, e aí tem as comidas das crianças né, que é o que? é macarrão, pizza, espaguete bolonhesa, pizza, o pequenininho ama sushi, é bem misturado. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021, grifo meu)

Ana Luiza falou do arroz, do feijão e da farofinha como parte do dia-a-dia alimentar em sua casa, ao mesmo tempo que definiu a alimentação dos seus filhos e de seu marido como variadas. Seu marido é sérvio, então a entrevistada ressaltou em outros momentos que considerava seu lar um espaço marcado pela interculturalidade, o que também se reflete, segundo Ana, na alimentação da casa. Dentro dessa diversidade de alimentos, o arroz e o feijão, por exemplo, mostraram-se presentes. Assim, é possível dialogar com o trabalho de Assunção (2023) a respeito da alimentação de brasileiros em Boston:

A alimentação desempenhava um papel central no cotidiano destes sujeitos. Reproduzir as práticas alimentares que tinham no Brasil - por meio da sensorialidade, principalmente do gosto - constituía uma estratégia importante para a manutenção de seu projeto migratório. Mais do que a construção de uma identidade, participava de um processo constante de reafirmação/reconstrução dos laços sociais que procuravam manter com o Brasil, principalmente os familiares. (Assunção, 2023, p. 197)

No caso das brasileiras na Alemanha, notou-se que também existe essa relação afetiva com os alimentos que remetem ao Brasil, entendendo que fazem com que essas mulheres sintam-se mais próximas do país. Seria, nesse sentido, um dos mecanismos de manutenção dos laços com o Brasil e, inclusive, com os seus familiares que lá estão, pois existe essa afetividade, por exemplo, ao serem trazidos os alimentos após uma visita ao Brasil - aos familiares que estão no país natal. Fabiana também recorda de haver grupos no Facebook, com o objetivo de dar dicas sobre alimentos que brasileiros podem encontrar na Alemanha:

F: [...] gente que chega há pouco tempo no Brasil e que tava acostumado a comer alguma coisa ou passar alguma coisa no rosto e aqui não encontrou, aí tem toda esse troca de experiência, tem aquele outro grupo que é, como é que fala? Brasilei.... não

to lembrando o nome do grupo mas é um grupo relacionado mais à alimentação brasileira, então “gente eu to procurando um feijão preto pra fazer a feijoada, onde eu encontro? Me ajudem”, aí a sim é um grupo só pra falar da parte de alimentação. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, outubro de 2020)

No cotidiano na Alemanha, nota-se que estas brasileiras por vezes se encontram - elas com os filhos e os maridos. Assim, juntam-se num mesmo espaço, em que falam e se sentem confortáveis ao utilizarem o português, onde seus filhos interagem e elas leem histórias também em português para as crianças. Nesses momentos, elas narraram que trazem comidas típicas brasileiras, como essas mencionadas em outros contextos por elas, como a paçoca, a goiabada, entre outros doces, a exemplo do brigadeiro - cada uma levando uma preparação para compartilharem entre si.

G: Mas esse grupo de brasileiras, como é que encontrou, como é que foi esse grupo?

F: Então, é aquela rede né, de uma que conhece a outra, que conhece a outra, que conhece a outra, até que alguém ali dentro fala “vamos juntar e passar a nossa cultura para os nossos filhos”, então, por exemplo, eu conheci na escola duas brasileiras, uma que era uma senhora e outra mais jovem, essa mais jovem casou e teve filhos e a gente manteve esse contato, aí de repente ela conheceu uma outra brasileira, que conhecia uma outra, aquela coisa assim, e os nossos filhos, é claro que eles estão em uma ambiente quase que noventa por cento mais alemão né, então eles encontram com mais alemães e a possibilidade de aprender o alemão é muito maior do que de aprender o português né, então por isso que a gente montou esse grupinho, onde elas teriam a oportunidade de ver outras pessoas também falando o português e não só a mãe.

G: Então foi uma iniciativa de vocês? Não tem nenhuma coisa institucionalizada não?

F: Aqui na minha cidade não, mas tem isso institucionalizado em outras cidades sim, por exemplo Frankfurt eu acho que tem, em Berlim também tem, que eu sei né, mas aqui, oficial mesmo, não tem, isso é uma coisa que nós montamos e eu, por ter licenciatura e tal, tomei a frente e aí eu levava historinhas, eu contava historinhas, eu ensinava o abecedário todo em português, musiquinhas, essas coisas assim.

G: Funcionava onde?

F: Funcionava às vezes era na minha casa, às vezes na casa de uma outra menina que tem um salão assim, uma casa também um pouco maior. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, outubro de 2020)

Neste sentido, esses momentos de reunião das brasileiras com outras brasileiras, ao que foi possível perceber a partir dos relatos orais destas mulheres, torna-se possível a partir de duas formas. A primeira seriam os vínculos com as brasileiras que elas conhecem no decorrer do percurso migratório na Alemanha, por estarem na mesma cidade - cultivando então uma amizade. Já a segunda seria através de grupos de *Facebook*, em que por vezes é frequentemente destas interações virtuais que elas se aproximam e, com esta forma de se

conectarem, buscam sincronizar suas distintas agendas para se reunirem num mesmo espaço. Pensando nessa interação entre elas, às vezes datas comemorativas, como aniversário, são precursoras para esses encontros. Larissa traz à tona sobre o seu aniversário:

G: Vocês têm um grupo virtual? Vocês têm um grupo de mulheres brasileiras? É isso que eu tô curiosa, ou vocês se encontram ocasionalmente?

L: Ocasionalmente, ou quando eu faço aniversário eu chamo todas.

G: E quando você faz as festas você faz comida brasileira? Como é que é? comida brasileira? Comida alemã?

L: É muito legal, porque é só coisa brasileira e geralmente uma traz brigadeiro, outra traz beijinho [...] outra leva kibe, outra leva coxinha e assim a gente faz a festa. (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, novembro de 2021)

É curioso pois, principalmente em situações como esta última descrita, elas estão localizadas em diferentes cidades - ou até estados federativos - da Alemanha. Portanto, o empreendimento necessário para que acontecessem estes encontros mostra-se ainda maior, haja vista o tamanho do país alemão, o que leva a dimensionar a importância destas práticas no cotidiano dessas mulheres.

Outrossim, elas demonstram que a realização destes encontros torna-se, com o tempo, mais difícil de acontecer. À medida em que a família cresce, à medida em que estas mulheres se inserem no mercado de trabalho: esses se mostram enquanto fatores que influenciam a dificuldade de manter as reuniões com a frequência que elas gostariam. Mais do que isso, essa distância por vezes aparece como impeditivo para a realização destes encontros. Os filhos estarem na escola é algo que elas reforçam como um fator que também dificulta maiores possibilidades de agenda, além de que, por crescerem, as crianças muitas vezes não demonstram o mesmo interesse para essas reuniões.

Ademais, elas narram esses momentos como importantes principalmente nos primeiros anos de estabelecimento na Alemanha, quando há menos rede de apoio e quando os desafios para viver em outro país se mostram mais latentes - no sentido de um país com uma língua totalmente distinta, um clima severamente mais frio, em que é mais difícil se sentirem acolhidas, até mesmo por terem migrado sem estabelecimento de redes prévias na Alemanha.

Assim, sob a premissa do transnacionalismo (Schiller et al, 2019), visualizou-se como são mantidas as relações familiares a distância, a partir de reconfigurações, pontuadas também junto da ideia de rearranjos familiares (Angelin, 2012). Dessa forma, o papel dos meios de comunicação, como o *Whatsapp*; as visitas regulares ao Brasil; a importância do ensino de

português aos filhos; e a relação afetiva com o Brasil, através dos alimentos, conformam as práticas transnacionais dessas mulheres e permitiram uma melhor compreensão a respeito de como funcionam esses arranjos familiares entre as brasileiras na Alemanha com os seus familiares no Brasil.

Essas práticas identificadas puderam, porventura, explicitar que é possível compreendê-las como reconfigurações de laços correspondentes às características das famílias transnacionais. Talvez não no sentido de alguns trabalhos como o de Levitt (1998), em que as remessas sociais, materiais e imateriais<sup>29</sup> conectaram a cidade de migração com a cidade de origem; tampouco no sentido de Francisco (2016), em que a maternidade e a paternidade transnacionais foram exercidas pelos valadarenses que emigraram para os Estados Unidos, com os seus filhos permanecendo no Brasil. Mas, a transformação dos meios de comunicação, em que mensagens e ligações são feitas entre pessoas do outro lado do mundo, dá indícios e respaldo para entender que essas mulheres brasileiras na Alemanha apresentaram em suas experiências características de famílias transnacionais nas relações por elas estabelecidas. Os laços com o Brasil mostraram-se constantemente reivindicados, reafirmados a partir das práticas transnacionais descritas e exploradas ao longo do capítulo.

Vale reforçar que não há garantias ou previsões de que essas características familiares transnacionais permanecerão ao longo dos anos. O que se pode dizer é que, no momento, essas famílias, através dos relatos orais dessas mulheres, mostraram interesse em manter os vínculos com o Brasil, com o adendo de que os filhos das entrevistadas também parecem se sentir próximos ao país - um afeto que, aparentemente, ultrapassa a geração das brasileiras que foram para a Alemanha, estendendo-se aos seus filhos e filhas.

### 3.3 PASSADO, PRESENTE E FUTURO: AS FAMÍLIAS TRANSNACIONAIS NO SÉCULO XXI

Demonstraram-se, ao longo do capítulo, as práticas transnacionais identificadas nos relatos orais das sete entrevistadas. Dessa forma, infere-se que tais características mostram-se condizentes com as famílias transnacionais, ainda que, ao que parece se indicar, denotam certas especificidades as quais podem estar relacionadas ao contexto dessas experiências. Ou

---

<sup>29</sup> O trabalho de Peggy Levitt (1998) traz considerações importantes a respeito de dominicanos de Miraflores que migraram para Boston, nos EUA. A autora trabalha com a ideia de remessas sociais enquanto “a forma como ideias e práticas são remodeladas nos países de acolhimento” (Levitt, 1998, p. 926), influenciando também, a nível microsociológico, ideias, valores e crenças no país de origem.

seja, as vivências descritas por estas mulheres perpassam tanto o final do século XX quanto as primeiras décadas do século XXI e tomam forma na Alemanha.

Esse período em que estão inseridas as experiências migratórias é marcado por um contexto que leva em conta, por exemplo, eventos de grande impacto mundial. Dito isso, é interessante levar em conta que:

O aumento do contingente de pessoas se deslocando deve ser associado ao contexto político global em questão para possíveis explicações. Em larga medida, na contemporaneidade as respostas para isso têm relação direta com o fim da Guerra Fria e com a queda do Muro de Berlim em 1989 - a queda do Leste Europeu de modo geral. (Martendal, 2022, p. 18)

Na mesma conjuntura, nota-se que há uma repercussão no aumento das migrações internacionais, as quais foram impulsionadas também nesse momento, sobretudo pensando na ‘reordenação’ mundial após a Guerra Fria (Feijó, 2021) e na globalização que foi ‘diminuindo’ distâncias e possibilitando, ainda mais, o deslocamento entre longas distâncias (Assis, 2007). Além disso, esse é também um contexto de transformações nos meios tecnológicos, o que pode ser notado quando foram descritas as práticas transnacionais das entrevistadas, entre as quais está o uso das TIC’s para a comunicação com aqueles que ficaram no Brasil. As transformações tecnológicas, inclusive, puderam ser percebidas através dos relatos das entrevistadas. Assim, na década de 1990, o uso - esporádico - do telefone e da comunicação a partir de cartas, foi mencionado pelas entrevistadas. E, com o passar dos anos, as tecnologias mediadas por elas para se manter em contato com os familiares passaram pelas alterações mais recentes - utilizando-se, hoje em dia, de aplicativos para conversar instantaneamente, como o *Whatsapp*.

A partir destas práticas que puderam ser analisadas nos relatos orais de Angelina, Larissa, Vanessa, Fabiana, Giovânia, Lívia e Ana Luiza, percebe-se uma noção de brasilidade reivindicada na forma como essas mulheres elaboram suas relações com o Brasil. Brasilidade no sentido de remeterem, afetivamente, ao país de origem a partir destas práticas transnacionais descritas no capítulo, que fazem com que se ‘aproximem’ com o Brasil.

Neste sentido, uma identidade que remete a esta brasilidade é constituída justamente no contexto migratório destas mulheres. Ou seja, por terem a experiência do deslocamento, esta identidade atribui determinados sentidos que as conectam, na Alemanha, com o Brasil. Em consonância à Rocha-Trindade (2006), seria uma identidade que é recriada, em que:

as identidades dos grupos e comunidades imigradas em terra estrangeira acabam por revestir características híbridas de dupla pertença, podendo esta afirmar-se por via de traços simbólicos exteriormente expressos ou, simplesmente, por uma teia de ligações afectivas à cultura e à terra dos seus ascendentes. Serão, em qualquer dos casos, identidades recriadas. (Rocha-Trindade, 2006, p. 90)

Com a experiência das entrevistadas, é possível notar as especificidades das relações que são entendidas enquanto famílias transnacionais. Os meios de comunicação mencionados, em suas aceleradas transformações, contribuem para que haja um ‘ir e vir’ maior das entrevistadas entre a Alemanha e a sua terra natal. Não significa que virão sempre ao Brasil, pois, à medida que a família cresce, torna-se mais difícil manter a mesma frequência de visitas. Fabiana demonstra isso em seu relato, em que fala “[...]a princípio a intenção era ir todo o ano para o Brasil, aí foi diminuindo, foi aumentando a quantidade de gente na família, foi ficando até mais difícil financeiramente.... então passou a ser a cada dois anos, a cada dois anos eu tava indo ao Brasil, aí eu matava a saudade do Brasil (Entrevista realizada por Gláucia de Oliveira Assis, outubro de 2020).

Porém, essas visitas continuam acontecendo, ainda que, tanto pela pandemia como por estas questões de envolver uma viagem internacional, que exige maior investimento em termos financeiros, alterem a sua regularidade. Ademais, tem o fato de que os filhos estudam e há a rotina de trabalho. Neste sentido, é necessária toda uma logística para que a viagem efetivamente aconteça.

Pontua-se isso para mensurar que é possível elencar transformações nas configurações dos laços que são mantidos pelas famílias transnacionais. Neste sentido, vale um comparativo com alguns trabalhos que demonstram certos projetos migratórios marcados por constituições transnacionais de vínculos, em que, por exemplo, se investe na terra natal com ‘remessas’, posteriormente voltando para sua cidade de origem (Schiller et al, 2019) (Levitt, 1998). Demonstra-se, portanto, que, no caso das famílias aqui estudadas, parece que as distâncias, ao se encurtarem nestas décadas iniciais do século XXI - por conta da intensificação da globalização no mundo contemporâneo (Barros, 2019) -, possibilitam que não necessariamente haja um projeto de retorno ao seu país, ou mesmo que tenham as ‘remessas’, já que apresentam um outro perfil de migração.

Talvez caiba dizer que não se trata de uma inexistência propriamente dita de um projeto de retorno: mas sim um projeto migratório que, no decurso da migração - em que há dinamicidade e onde as projeções se alteram -, estendeu-se. Se, por um lado, não havia a certeza de que viveriam tanto tempo na Alemanha, o projeto tomou outras formas com o



passar dos anos, já que elas estão há mais de uma década lá. Nesse sentido, em diálogo com Almeida (2013):

Importante ressaltar que esse “projeto” não é algo estático. Ao contrário, só faz sentido usar a noção de projeto migratório no âmbito desta argumentação se o entendemos em seu caráter dinâmico, como um planejamento que se atualiza e se reatualiza nas diferentes etapas do deslocamento. (Almeida, 2013, p. 93)

Neste caso, compreende-se que esta mudança no projeto migratório ressalta a maleabilidade das configurações transnacionais neste século XXI. Ou seja, essas mulheres brasileiras, de certa forma, fomentam esses laços transnacionais, ou melhor, as práticas transnacionais que no capítulo foram descritas. Práticas as quais podem ser pensadas como (re)configurações familiares transnacionais: são famílias transnacionais no contexto das mobilidades contemporâneas e que, neste caso, estenderam seus projetos na Alemanha. Todavia, essa extensão não significa necessariamente o afastamento físico e simbólico do Brasil, já que, pelas visitas regulares, pode-se dizer que elas ‘vêm e vão’.

Ainda sobre os projetos migratórios, Almeida (2018) enfatiza distintas escalas as quais estão envolvidas na constituição e, certamente, na reformulação deles:

o projeto migratório é resultado de uma negociação permanente que advém de diferentes escalas (da conjuntura econômica ao grupo social, da rede migratória aos parentes que ficaram na origem), mas também aponta para a dimensão subjetiva, pois numa perspectiva individual o projeto resulta de uma construção do agente sobre um “porvir migratório”, através de suas representações e de suas leituras sobre a realidade, no local de origem e no destino. (Almeida, 2018, p. 7)

Dessa forma, vê-se que os projetos são reconstituídos no decorrer da experiência migratória e, certamente, estão envoltos das subjetividades que permeiam os migrantes: aqui, no caso, das sete brasileiras na Alemanha. O porvir migratório supramencionado, ao pensar nas projeções que se fazem, pode ser relacionado aos conceitos de espaço de experiência e de horizonte de expectativas do historiador Reinhart Koselleck (2006).

Antes, faz-se importante definir essas duas categorias, que estão interconectadas. Espaço de experiência e horizonte de expectativas, nesse sentido, são conceitos relacionais: ou seja, eles interagem entre si, sem ter como pensá-los separadamente, já que “não se pode ter um sem ter o outro: não há expectativas sem experiência, não há experiência sem expectativa” (Koselleck, 2006, p. 307). Por sua vez, o espaço de experiências pode ser compreendido como o ‘passado atual’: trata-se daquilo que se recorda e se incorpora ao presente, de modo que não necessariamente seguirá uma ordem cronológica sequencial

(Koselleck, 2006). Desse modo, elas “se superpõem, se impregnam umas das outras. E mais: novas esperanças ou decepções retroagem, novas expectativas abrem brechas e repercutem nelas. Eis a estrutura temporal da experiência, que não pode ser reunida sem uma expectativa retroativa.” (Koselleck, 2006, p. 313). A experiência, portanto, interliga passado e presente a partir das recordações e, nesse sentido, parte-se dela para a conformação do horizonte de expectativas.

Por outro lado, há o horizonte de expectativas, que seria, nesta lógica, o futuro presente, em que “horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado” (Koselleck, 2006, p. 311). Assim, pode ser compreendido enquanto as projeções do *hoje* que se direcionam ao futuro. Logo, a partir das experiências - do espaço de experiências - é possível projetar as expectativas (Koselleck, 2006).

É tendo esses conceitos por base que o projeto migratório, principalmente a partir do porvir migratório elencado acima em diálogo à Almeida (2018), pode ser entendido em conjunto a essas categorias. Já que, para a realização de um projeto migratório, parte-se de experiências e subjetividades, as quais devem ser entendidas como espaço de experiências. No caso do próprio porvir migratório, é possível associá-lo ao horizonte de expectativas, porque ele é uma projeção que é realizada a partir dessas experiências. É desse modo que convém compreender a elaboração dos projetos migratórios. Esses que, como dito, são mutáveis - assim como o próprio horizonte de expectativas, o qual traz consigo as dinamicidades elaboradas a partir das experiências.

Em diferentes momentos do trabalho, mencionaram-se as extensões dos projetos migratórios das entrevistadas, que residem, majoritariamente, há mais de uma década na Alemanha. Inicialmente, elas não tinham por intuito permanecerem por tanto tempo no país. Sobre a alteração do projeto migratório, é interessante ressaltar o relato de Fabiana:

F: Eu acho que agora a vida é aqui mesmo, é aqui na Alemanha mesmo, mas assim, a gente queria muito ter essa condição de ir sempre ao Brasil, não de ficar assim dois anos, três anos sem ir ao Brasil, a gente queria que esse contato com a família, com a minha cultura fosse mais vezes, porque assim, dois anos é muito tempo, três anos é muito tempo... (Entrevista realizada por Gláucia Assis em outubro de 2020)

Fabiana, que migrou por amor e constituiu família com seu esposo alemão - os dois tiveram três filhos juntos -, respondeu dessa maneira, elencada acima, quando lhe foi perguntado sobre o retorno para morar no Brasil. Vê-se, a partir do excerto, a sua afirmação de que agora a vida é na Alemanha. Ela demonstra suas ressalvas, no sentido de reforçar que

gostaria de visitar mais vezes o Brasil, para não ficar tanto tempo sem ver os familiares. Contudo, o seu projeto migratório de fato estendeu-se. Nesse sentido, é interessante também levar em conta o que disse Larissa:

G: E o seu projeto agora... em algum momento você teve um projeto de retornar ao Brasil? De passar um tempo no Brasil? Você e o seu marido já pensaram sobre isso? Como é essa ideia? ou seus filhos?

L: Antes dos meus filhos terem namoradas, eles diziam que iam morar no Brasil (risos), antes, hoje em dia não mais, e meu marido no começo queria muito ir para o Brasil, inclusive teve uma oportunidade de trabalho em Belo Horizonte, o nosso filho mais novo era bem pequenininho e o mais velho tava no primeiro ano de escola, tava no segundo ano escolar, não teria tanto problema pelo fato dele dominar o idioma, mas acabamos colocando no lápis os prós e os contras e acabamos ficando aqui, e eu não me arrependo nem um pouco [...]. (Entrevista realizada por Gláucia Assis em novembro de 2021)

Larissa, que também migrou por amor e teve dois filhos na Alemanha, com seu esposo alemão, trouxe à tona sobre não cogitar mais o retorno ao Brasil, de modo que é notável a extensão do seu projeto migratório. Ela mencionou que, se fosse para voltar, teria sido no momento em que houve oportunidade de trabalho do marido em Minas Gerais. É curioso que Larissa falou sobre os filhos dizerem, quando menores, que morariam no Brasil. De certa forma, as crianças talvez falassem isso porque, ainda que não houvesse mais o intuito de se estabelecerem no país de origem - por parte de Larissa e de seu marido -, o vínculo com o Brasil foi mantido e incentivado ao longo dos anos, a partir das práticas transnacionais as quais permearam esse capítulo. No caso de Ana Luiza, segue-se o excerto:

G: E com relação ao Brasil, agora você tem três filhos aí, você foi para estudar, fez o doutorado, aí vieram os filhos e você acabou ficando, mas você tinha projeto de voltar ao Brasil? Tem projeto de voltar? Como é que é isso? O que foi acontecendo com esse projeto?

A.L: Então, isso quando me fixei mesmo com o meu marido, a gente tava namorando e tudo, mas quando a gente decidiu ter filho e ficar juntos mesmo, apesar da gente já morar junto, para mim foi uma decisão de ficar aqui já, de tipo não me fixar ao Brasil, de ficar aberta para morar aqui, ver o que acontece, mas não de pensar que ia voltar, que talvez era antes ainda na época do estudo né. Eu me distanciei dessa ideia de voltar no momento que eu realmente casei e decidi criar uma família com ele. Isso já tava certo para mim, isso foi ficando cada vez mais forte com a nossa família, de que a Alemanha, Berlim, era o nosso centro, por ele ser da Sérvia e eu ser do Brasil foi uma coisa que a gente abraçou. Aqui é o lugar neutro praticamente, então até hoje essa minha postura, se não fosse meu marido eu até poderia pensar trabalhar no Brasil, começar a pesquisar, quem sabe morar em Floripa, Campinas, mas casada eu não vejo essa possibilidade, no começo eu já não impus, hoje em dia já praticamente não vejo porque conheço ele, não vejo ele...(Entrevista realizada por Gláucia Assis em novembro de 2021)

Ana Luiza, que emigrou para estudar e chegou a concluir, inclusive, o seu doutorado na Alemanha, reforça, quando perguntada sobre a possibilidade de voltar ao Brasil, que isso não seria mais cogitado. Nesse sentido, a entrevistada atribui que, desde o momento em que se casou e começou a constituir uma família na Alemanha ao lado do seu marido - de nacionalidade sérvia -, o projeto migratório se estendeu oficialmente.

É na Alemanha que ela construiu essa família e, mais do que isso: por ela ser brasileira e seu marido ser sérvio, é interessante que Ana Luiza entende a Alemanha - no caso, a cidade de Berlim - como o *centro* deles, o lugar que seria *neutro*. Por fim, ela faz menção de que, casada, ela não vê essa possibilidade. A entrevistada ressalta conhecer o marido e, por não terem decidido pelo Brasil em momentos anteriores da relação dos dois, seria difícil enxergar este enquanto um horizonte de expectativas.

Desse modo, nota-se que o casamento e a maternidade - ou seja, sua família no país germânico - mostram-se relacionados à extensão do projeto migratório. Ela volta a mencionar, em outros momentos que, se não fosse o marido, não seria tão distante a ideia de voltar ao Brasil. Mas, finaliza dizendo que, nos seus atuais planos - aqueles no momento da realização da entrevista -, voltar ao Brasil seria somente temporariamente.

É relevante pontuar que os horizontes de expectativa das entrevistadas, em sua definição alijada a Koselleck (2006), não enxergam a volta para o Brasil: centram-se em viver na Alemanha, ou melhor, em lá permanecer. No entanto, em suas subjetividades, vê-se que suas recordações - seus espaços de experiências - rememoram frequentemente o Brasil, ressaltando a importância que tem o país de origem, mesmo que estejam estas mulheres distantes Atlântico afora.

Por fim, é possível inferir que as práticas transnacionais mantidas, as quais foram descritas e analisadas anteriormente, sejam, dessa forma, mecanismos de ‘aproximação’ com o Brasil - e, certamente, indicativas das (re)configurações familiares transnacionais marcadas pelo contexto do início do século XXI. Logo: e por que não dizer que, ainda que a Alemanha seja demonstrada enquanto parte desse horizonte de expectativas, não seriam esses laços mantidos com o Brasil indícios de que, mesmo que seja de uma forma diferente, o Brasil também conforma os seus horizontes de expectativas?

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tratou de migrações e de afetos. Suas protagonistas foram mulheres: sete mulheres brasileiras, nascidas em distintas cidades e até mesmo estados, que variam entre São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Elas migraram para a Alemanha, entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, o que significa afirmar que diz respeito ao contexto da migração contemporânea de brasileiros rumo à Alemanha.

A problemática que esteve ao centro desta pesquisa foi a seguinte: quais as práticas transnacionais podem ser percebidas na experiência migratória das mulheres brasileiras (em sua maioria, casadas com estrangeiros) vivendo na Alemanha? De que modo essas práticas se relacionam com as caracterizações teorizadas nos trabalhos que pensam as famílias transnacionais?

As fontes, é importante reforçar, foram relatos orais destas sete mulheres, que provêm de entrevistas pertencentes ao banco de dados da pesquisa “Famílias transnacionais: gênero e educação” - um convênio da CAPES no Brasil com o DAAD na Alemanha. As conversas foram realizadas de forma remota entre outubro de 2020 e novembro de 2021, durante a pandemia de Covid-19, e eu atuei como bolsista do projeto - por isso, tive acesso ao material, além de que participei do processo de transcrição. A partir das fontes, a centralidade foi, portanto, as memórias e os significados que essas mulheres elaboraram ao longo de seus relatos orais, de modo que se fez diálogo com a metodologia da história oral. Assim, o trabalho teve caráter qualitativo, a partir de entrevistas semiestruturadas.

Para compreender as práticas transnacionais mobilizadas por essas mulheres, a dissertação seguiu um percurso que contou, além da introdução e de uma seção em que foram explicitadas considerações metodológicas, com dois capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Brasileiras na Alemanha: mobilidades, afetos, gênero e tempo presente”, foi trazido um panorama das migrações internacionais dos brasileiros, de modo a explicitar que, a partir da emigração brasileira impulsionada principalmente a partir da década de 1980, novos destinos migratórios emergiram. Ou seja, os países de chegada dos brasileiros se diversificaram, de modo que a Alemanha está inserida nesta conjuntura: ocupa o 4º lugar dentro dos destinos daqueles e daquelas que saem do Brasil rumo à Europa. As pesquisas que têm focado a respeito dos brasileiros na Alemanha foram também trazidas no

capítulo. Além disso, foram tecidas relações entre as migrações e o Tempo Presente, ressaltando a complexidade das camadas temporais que conformam o tempo. Nesse sentido, defendeu-se a importância dessas interpretações a respeito do tempo para pensar nas subjetividades e experiências envolvidas nos contextos de migração; de modo que se reforçou: as migrações estão na *agenda do dia*. Dando continuidade, buscou-se apresentar as entrevistadas, encaminhando-se para um debate que se relaciona ao gênero, justamente dimensionando a relevância dele enquanto categoria para os estudos das migrações.

O segundo capítulo, “Reconfigurando os vínculos, refazendo projetos: os laços como Brasil no ir e vir Atlântico afora”, deu continuidade às discussões do trabalho, pois se encaminhou para efetivamente dar conta das proposições centrais da dissertação. Essas que, por sua vez, relacionam-se à transnacionalidade, a partir das práticas transnacionais percebidas nos relatos das entrevistadas, nas quais se constituem as configurações familiares transnacionais. Para isso, o capítulo foi iniciado reforçando, uma vez mais, a história oral e a memória, que foram importantes para o entendimento desses laços com o Brasil. Em seguida, foi trazido à tona sobre a transnacionalidade em si, buscando definir o que seriam as famílias transnacionais a partir de noções como a de arranjos familiares. Posto isso, foram destrinchadas as práticas transnacionais percebidas nos relatos das entrevistadas. Portanto, segmentou-se a análise focando, primeiramente, no papel das TIC’s na manutenção desses laços; em seguida, deteve-se acerca da realização de viagens regulares ao Brasil, acrescentando também a importância que se atribui à língua materna - no caso, o português; e, por fim, o enfoque foi nas relações afetivas com os alimentos que, no cotidiano vivenciado na Alemanha, ‘relembra’ e trazem memórias de afeto sobre o Brasil.

Para finalizar o capítulo, buscou-se entrelaçar as discussões realizadas ao longo do mesmo, com o intuito de ressaltar que se tratam de famílias transnacionais nas primeiras décadas do século XXI. Nisso, mobilizou-se, inclusive, categorias de Koselleck (2006) - a saber, espaço de experiências e horizonte de expectativas. Neste sentido, elas foram relacionadas também à noção de projetos migratórios, de modo que se evidenciou a extensão dos mesmos na trajetória migratória das entrevistadas. Essa mudança nos projetos migratórios, que por vezes eram incertos quanto a permanecer na Alemanha, não significa, no entanto, que as conexões com o Brasil não se fizessem primordiais para estas mulheres: demonstrou, justamente, o quanto essas práticas transnacionais são relevantes para a forma com que elas se relacionam com os familiares do país de origem e, de maneira geral, acentuando a própria identificação com o Brasil.

Espera-se que esta dissertação colabore na produção científica da área de História do Tempo Presente, fazendo um convite para que surjam novas pesquisas sobre a migração de brasileiros - ou, aqui neste caso, *brasileiras* - para a Alemanha. É a partir de análises qualitativas como as que propus que novas questões de pesquisa podem emergir e, possivelmente, permitir estudos de fôlego maior, por exemplo, quanto aos perfis migratórios para a Alemanha. Ainda, espera-se ter contribuído com as discussões sobre famílias transnacionais em se tratando da migração de brasileiros, em especial pois, neste trajeto Brasil-Alemanha, desconhecem-se pesquisas que tenham priorizado as configurações familiares. Nesse sentido, o intuito foi tecer aprofundamentos a respeito das configurações familiares e das identidades na migração a partir de uma perspectiva transnacional, justamente com o objetivo de ampliar outras possibilidades de pesquisa sobre esse deslocamento recente e que tem sido estudado, como aponta Bahia (2013), há uma década.

De certa forma, houve o intuito de ressaltar a importância dos deslocamentos na contemporaneidade, os quais se mostram pertinentes para serem estudados, tendo em vista o número elevado de brasileiros que têm migrado para as diversas partes do mundo, seja em direção à Europa, seja dentro da própria América ou mesmo rumo aos países asiáticos - de modo que somam, ao total, quase 4,5 milhões de pessoas, segundo os dados do Itamaraty com base no ano de 2022. Como dito, as contribuições partem da História do Tempo Presente, e as migrações contemporâneas merecem a atenção dos historiadores e historiadoras.

As práticas transnacionais que foram descritas ao longo do segundo capítulo denotam a relevância do trabalho, ao levar em conta, sobretudo, os afetos e as famílias transnacionais. Portanto, vale destacar a própria perspectiva do transnacionalismo, o qual complexifica o entendimento dos migrantes - neste caso, das migrantes -, de modo que ressalta esses vínculos com mais de um país. Mesmo na Alemanha, os laços com o Brasil são reforçados. Assim, objetivou-se contribuir para uma melhor compreensão das (re)configurações familiares - ou seja, das famílias e destes afetos - em um contexto de migração.

Nesta dissertação, reforçou-se, por um lado, o gênero, que se fez fundamental, principalmente por se tratarem de mulheres na migração. Contudo, novos aprofundamentos a partir dele são possíveis e auxiliariam em uma melhor compreensão dos relacionamentos afetivos, como é o caso dos casamentos binacionais, no contexto de migração. Enfatiza-se, também, que, em novas pesquisas, se houver a possibilidade de fazer entrevistas, tanto esses enfoques quanto porventura outros relacionados, neste caso, às brasileiras na Alemanha, seriam de grande relevância para entender os perfis e as motivações migratórias das mulheres

brasileiras neste fluxo. Elas são maioria em comparação aos homens brasileiros no referido deslocamento (Feijó, 2021).

As histórias dessas mulheres, remetendo ao trocadilho de Thomson (2002) pontuado no segundo capítulo, são, de fato, histórias (co)movedoras: tratam-se de suas experiências subjetivas que, por certo, comovem; ao mesmo tempo, são dinâmicas, movem-se: de modo que foi possível perceber isso quando foram elucidados os projetos migratórios - os quais se estenderam, com a permanência na Alemanha. Tratar dessas experiências, ou melhor, dos significados que essas brasileiras atribuem às suas experiências (Portelli, 2001), reforça as especificidades e a importância de análises que se baseiam nos relatos orais. De toda forma, cabe ressaltar que a presente dissertação, direta ou indiretamente, trabalhou com memórias, identidades, gênero e família e teve, enquanto uma interessante contribuição, elucidar as configurações familiares transnacionais destas mulheres nas primeiras décadas do século XXI: seus projetos e suas reformulações, os quais partem de seus espaços de experiências e se refletem em seus horizontes de expectativa, onde cabe a Alemanha. Mas em que, certamente, não falta lugar para o Brasil (Koselleck, 2006).



## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 151 p., 2022.
- ALLIER MONTAÑO, Eugenia; ORTEGA, César Iván Vilchis; OVALLE, Camilo Vicente, (Coord.) **En la cresta de la ola**. Debates y definiciones en torno a la historia del tiempo presente. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Bonilla Artiga Editores, 2020.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Identidade e projeto de imigrantes brasileiros/as na França. **Anais**, p. 1-18, 2018.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. O fluxo migratório Brasil-França na “era da mobilidade”. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 62 - 94. jan./jun. 2014.
- ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. **Au revoir, Brésil**: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980. Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2013, 437p..
- ANGELIN, Paulo Eduardo. **Mulheres migrantes no contexto das fronteiras de gênero e arranjos familiares**. Tese (Doutorado). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2012, 256p.
- A POPULAÇÃO. **Deutsche Welle**, 8 abril 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-popula%C3%A7%C3%A3o/a-897963>>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- AREND, Silvia Maria Fávero. Ainda vivemos como nossos pais?. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 21, p. 144-164, 30 nov. 2013.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre “a mulher brasileira”, p. 1-22. In: Dossiê Mulheres Brasileiras Migrantes: a des/re/construção do(s) corpo(s) brasileiro(s). **Cadernos Pagu**, n. 63, 2021.
- ASSIS, Gláucia Oliveira. Os indesejados do século XXI: crianças desacompanhadas detidas na fronteira México-EUA. **Revista Tempo e Argumento**, v. 14, n. 36, 2022.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. Emigrantes brasileiros/as em mobilidade na virada do século XX para o século XXI: a diversificação dos destinos. In: Bogus, Lucia; Baeninger, R.. (Org.). **A**

**nova face da emigração internacional no Brasil.** 1ed. São Paulo: Educ, 2018, v. 1, p. 235-264.

ASSIS, Gláucia; CANELLA, Francisco; MARTENDAL, Laís; SILVA, Isadora Oliveira da. Os projetos migratórios de brasileiras/os na Alemanha no século XXI e as configurações de famílias transnacionais. **Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, 2023.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; PADILHA, Beatriz; FRANÇA, Thais (Orgs.) **Gênero e mobilidades no tempo presente.** Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2021.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Casamentos entre brasileiras e holandeses: Considerações sobre o papel dos filhos nos processos de decisão sobre migrar ou retornar para o país de origem. **Leopoldianum**, v. 39, n. 107-9, p. 49-68, 2013.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Migrantes por amor? Ciclo de vida, gênero e a decisão de migrar em diferentes fases da vida. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, p. 63-80, 2016.

ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski de. Comida, migração e trabalho: um estudo das práticas e saberes alimentares com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: ZANINI, Maria Catarina Chitolina; SANTOS, Miriam de Oliveira (orgs.). **Alimentando existências: o trânsito de pessoas, experiências e comidas.** Cachoeirinha: Editora Fi, 2023, p. 194-218.

BAHIA, Joana. Brasileiros em Berlim: sociabilidades e identidades em construção, p.87-120. In: **Migrações internacionais: valores capitais e práticas em deslocamento.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

BAHIA, Joana. Deus tem passaporte? Os delicados fios que tecem as relações entre socialização religiosa, educação e motivações migratórias. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam. **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios.** São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 100-126.

BARROS, José D'Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, p. 1-30, 2019.

BRASIL. Ministério de Relações Exteriores. **Comunidade brasileira no exterior - Estatísticas 2022.** Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidade-brasileira-no-externo-2013-estatisticas-2022>. Acesso em 12 de fevereiro de 2024.

BRIGHTWELL, Maria da Graça. Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade. **Travessia - revista do migrante**, n. 66, p. 21- 32, 2010.

BRYCESON, S., e VUORELA, U, The Transnational Family. *New European Frontiers and Global Networks*, Nova Iorque, **Berg**, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** São Paulo: Contexto, 2021.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **Voltando para a casa: a inserção dos retornados na cidade de Criciúma (1995 - 2009).** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

CARNICER, Javier. Multilinguismo e educação em famílias transnacionais entre o Brasil e a Alemanha. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam. **Um olhar sobre as diferenças: a interface entre projetos educativos e migratórios**. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 18-34.

CASTRO, Mary Garcia. Migrações internacionais, direitos humanos e o aporte do reconhecimento. **REMHU** (Brasília), v. 31, p. 7-36, 2008.

CARVAJAL, Julia Cerda. Las familias transnacionales. **Revista Espacios Transnacionales**. Nº 2. Janeiro-junho, 2014.

CRUZ, Eduardo Picanço; FALCÃO, Roberto Pessoa de Queiroz; SANTOS, Aurélio José dos. Brasileiros na Alemanha: motivações, perfil dos imigrantes e questões para debate. **População e Sociedade**, v. 38, p. 118-141, 2022.

DADALTO, Maria Cristina. Sentidos de proximidade na relação de migrantes brasileiras e brasileiros mediados pelos smartphones. **Simbiótica. Revista Eletrônica**, 11(1), 53–63, 2024.

DAHLEH, Simone Munir; OLIVEIRA, Luiza Dias de; BRIGNOL, Liliane Dutra. Migração e Interseccionalidade: desafios em pesquisas com mulheres migrantes e usos de tecnologias digitais. **Ação Midiática**, n. 23, 2023.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L'histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 5-23, 2012.

FEIJÓ, Glauco Vaz. **Retratos do Brasil na Alemanha: 30 anos de imigração**. Campinas: Pontes Editores, 2021, 354 p..

FEIJÓ, Glauco Vaz. **O Brasil lá fora: a invenção de nacionalidades brasileiras na Alemanha e em Portugal (1989-2012)**. Narrativas e discursos de identidades. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2015, 480 p..

FERNADEZ-KELLY, Patricia. The Unequal Structure of the German Education System: Structural Reasons for Educational Failures of Turkish Youth in Germany. **Spaces Flows**, p. 1-17, 2012.

FIGUEIREDO, T. C. S. de. Imigração brasileira contemporânea: brasileiras e brasileiros na Espanha. **Cadernos CERU**, 30 (1), p. 201-240, 2019.

FRANCISCO, Elton. **Famílias transnacionais de origem mineira: trajetórias, experiências e estratégias de vida que cruzam fronteiras nacionais (1984-2014)**. Tese de doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. **História Oral**, v. 14, n. 1, 2011

FÜRSTENAU, Sarah. Educação transnacional e posicionamento social entre o Brasil e a Europa. Um estudo qualitativo com famílias migrantes, p. 69-86. In: BAHIA, Joana;

SANTOS, Miriam (orgs.). **Migração, redes e trajetórias entre a Alemanha e o Brasil**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

GONÇALVES, Catarina. **Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro, 2020, 286p..

GREEN, Simon. Germany: A changing country of immigration. **German Politics**, v. 22, n. 3, p. 333-351, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAZEU, Marcel Theodoor. **Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: identidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade na Amazônia**. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI, p. 31-46. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto: PUC-Rio 2014.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas, pp. 305-327 In: **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.

LIMA, M. A.; TOGNI, P. Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. **Ipotesi - Revista de Estudos Literários**, v. 16, n. 1, 2012, pp.135-144.

LEVITT, Peggy. Social Remittances: Migration Driven Local-Level Forms of Cultural Diffusion. **The International Migration Review**, vol. 32, no. 4, 1998, pp. 926–48.

LIDOLA, Maria. Negotiating Integration in Berlin’s Waxing Studios: Brazilian Migrants’ Gendered Appropriation of Urban Consumer Spaces and ‘Ethnic’ Entrepreneurship, p.1-30. **Journal of Contemporary History**, 2014.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a história do tempo presente: uma história do vivido. In: REIS, Tiago Siqueira et al. (Org.). **Coleção história do tempo presente**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, v.1, p. 11-26.

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, p. 652-664, 2015.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (org.). **História oral e migrações: método, memória, experiências**. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

MARINUCCI, R.. Feminization of migration. **REMHU** (Brasília), v. XV, p. 5-22, 2007.

MARTENDAL, Laís. **Brasileiras na Alemanha**: o sistema escolar alemão em perspectiva (1998-2021). Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, 74p. 2022.

Ministério da Justiça e Segurança Pública - Governo Federal do Brasil, 2014. **Entenda as diferenças entre asilo e refúgio**. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/entenda-as-diferencas-entre-refugio-e-asilo#:~:>

Nações Unidas - Brasil, 2020. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91601-declara%C3%A7%C3%A3o-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 11 de março de 2024.

OS ESTADOS FEDERATIVOS. **Deutsche Welle**, 9 abril 2024. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/os-estados-federados/a-893135>>. Acesso em: 1 jun. 2024.

PARELLA, Sônia. Los vínculos afectivos y de cuidado en las familias transnacionales: migrantes ecuatorianos y peruanos en España. **Migraciones Internacionales**, Barcelona, v. 4, n. 2, p. 151-188, dez. 2007.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em: 14 jan. 2024.

PORTELLI, Alessandro. História oral como gênero. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 22, p. 9-36, 2001.

RIVAS, Ana María Rivas; TORRALBO, Herminia Golzálvez (orgs.). **Familias transnacionales colombianas**: transformaciones y permanencias en las relaciones familiares y de género. Madri: Catarata, 2009.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Recriação de identidades em contextos de migração, p.75-90. In: LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (orgs). **Discutindo identidades**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 27, 2020, p. 1-18.

SEVERO, Denise Osório; GUERRA, Paula. Extrema-direita, xeno-populismo e colonialidade:: discursos de ódio e colonização do imaginário no presente. **Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura**, v. 5, n. 1, p. 55-76, 2022.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Towards a definition of transnationalism. **Annals of the New York academy of sciences**, v. 645, n. 1, p. ix-xiv, 1992.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. **Cadernos CERU**, v. 30, n. 1, p. 349-394, 2019.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, Adriana Casini. Um zoom nos desafios metodológicos de fazer História Oral em tempos de pandemia: confluências e adaptações tecnológicas de uma investigação de História da Educação. **História Oral**, 25(2), 153–172, 2022.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOUZA, Carina Jéssica de. **Brasileiros na Alemanha**: um estudo sobre a migração e a integração social. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Ciências Sociais. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 43p., 2021.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, dez. 2002.

TORRES, Clauber Wellington Pinheiro. **Brasileiros na Alemanha**: processos de adaptação, estresse e resiliência. Dissertação de Mestrado em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Belém: Universidade Federal do Pará, 89p, 2017.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Migrações Internacionais no Brasil: Agendas Política Externa e Legislação Migratória em Tempos de Rupturas e Continuidades. **Revista Da Faculdade De Direito Da Universidade Federal De Uberlândia**, v. 47, n. 2, 2020. <https://doi.org/10.14393/RFADIR-v47n2a2019-48050>.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, 2014, p. 200-220.

VENGOA, Hugo Fazia. La historia del tiempo presente: composición, temporalidad y pertinencia. In: MÜLLER, Angélica; IEGELSKI, Francini. **História do Tempo Presente**: mutações e reflexões. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022, p. 29-52.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A prática etnográfica e seus dilemas: ética, escrita e publicações. In: **35º Jornada Acadêmica Integrada** p. 95-116. Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

### Fontes:

A., Angelina. **Entrevista I** (novembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Zoom, 2021. 2 arquivos mp4 (1 arquivo de 40min e 1 arquivo de 1h50min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

A.L., Ana Luiza. **Entrevista II** (novembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Zoom, 2021. 1 arquivo mp4 (2h4min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

F, Fabiana. **Entrevista III** (outubro de 2020). Entrevistadoras: Gláucia de Oliveira Assis e Sueli Siqueira. Google Meets, 2020. 1 arquivo mp4 (2h17min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

L., Larissa. **Entrevista IV** (novembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Zoom, 2021. 1 arquivo mp4 (1h40min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

L., Livia. **Entrevista V** (novembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Zoom, 2021. 1 arquivo mp4 (1h39min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

S., Silvânia. **Entrevista VI** (setembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Microsoft Teams, 2021. 1 arquivo mp4 (1h36min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

V., Vanessa. **Entrevista VII** (novembro de 2021). Entrevistadora: Gláucia de Oliveira Assis. Zoom, 2021. 1 arquivo mp4 (2h48min). Entrevista concedida ao Projeto Famílias transnacionais: gênero e educação da CAPES e DAAD (Departamento de Apoio à Pesquisa da Alemanha).

## ANEXO A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Roteiro-base de Entrevista<sup>30</sup>

**Nome**

**Anos de migração**

**Já retornou?**

**Religião**

**Escolaridade**

**Estado civil ao migrar**

**Estado civil atual**

Bom dia! Agradeço sua disponibilidade para participar do nosso estudo, nos auxiliando a compreender sobre a trajetória de brasileiros que migram para Alemanha. O objetivo desta pesquisa é compreender as estratégias educacionais das famílias nos espaços sociais transnacionais entre o Brasil e a Alemanha. Não existem perguntas e respostas certas ou erradas, vamos conversar sobre sua vida aqui na Alemanha e no Brasil. Caso algum ponto da conversa lhe cause algum constrangimento fique à vontade para interromper o assunto ou, até mesmo, a entrevista. Mais uma vez, obrigada pela sua valiosa participação. Você permite que a entrevista seja gravada? **(Consentimento)** Nós garantimos **sigilo e anonimato**.

6. Vamos começar sobre sua vida no Brasil antes de emigrar. Conte-me: como era? Onde você nasceu? Onde morava antes de migrar ? (Como foi sua infância, juventude? Onde morava? Como era sua família?)

7. No Brasil como foi sua vida escolar? (onde estudava, como era sua relação com a escola? Tinha algum projeto educacional? Na sua família, como era pensada a educação?) Quantos anos de escolaridade e até que ano estudou? Qual a escolarização de seus pais?

---

<sup>30</sup> Este foi o roteiro-base utilizado nas entrevistas que compuseram o projeto “Famílias transnacionais: gênero e educação”. Foram realizadas, desse modo, entrevistas semiestruturadas. Por isso, cabe salientar que, ainda que este roteiro tenha sido um ‘guia’ para realizá-las, cada entrevistada direcionou sua fala para aquilo que considerou mais importante em sua própria trajetória migratória. Portanto, cada relato oral acaba tendo determinados enfoques (Portelli, 2001) (Magalhães, 2017).



8. Quando, por que e para onde decidiu migrar? (quantos anos tinha? Qual era seu projeto? Conhecia alguém no lugar para onde migrou?)

9. Fale o que significa a educação para você. O que você pensa sobre a escola no Brasil. Frequentou a escola pública ou privada? Fale um pouco sobre sua trajetória educacional no Brasil.

10. Agora me diga, como surgiu a ideia de migrar? E a Alemanha: como e porque pensou em vir para a Alemanha? (Conhecia alguém na Alemanha, na Europa? Teve ajuda? Que tipo de ajuda? Quem ajudou? Amigos, parentes, de que forma? Qual idade tinha no momento da migração? Qual foi a posição de sua família diante do seu projeto de migrar?)

11. Como era sua vida afetiva ao migrar? Migrou sozinha ou com namorado, companheiro? Como é sua vida afetiva atualmente?

12. Você pensava em estudar na Alemanha? O que conhecia do sistema educacional alemão e porque a Alemanha?

13. Você tem filhos? Estão em idade escolar? Idade dos filhos. O que pensa do sistema educacional alemão para as crianças e para você? Quais as diferenças observou? O que considerou mais diferente e quais as dificuldades em relação ao sistema alemão sendo brasileiros?

14. Tem alguma atividade profissional? O que fazia quando chegou na Alemanha e o que faz atualmente?

15. Qual o seu conhecimento da língua no momento da chegada? E qual o seu conhecimento agora? Fala, lê e escreve? Estudou a língua?

16. Quais as dificuldades que enfrentou no momento da chegada e quais enfrenta agora? Enfrenta alguma dificuldade ou discriminação por ser mulher brasileira?

17. Como mantém contato com o Brasil? Participa de algum grupo de brasileiros virtual ou não? Que tipo de grupo?

18. Quais as pessoas do seu grupo familiar ou de amizade mantém contato? Com que frequência? Qual o meio que utiliza com mais frequência? Você realiza algum tipo de ajuda a seus familiares no Brasil? Que tipo de ajuda e com que frequência?

19. Como você projeta seu futuro a médio prazo e a longo prazo na Alemanha ou no Brasil? (nos próximos 5 anos)

20. Pretende retornar para o Brasil? Ou pretende ficar definitivamente na Alemanha? Por que não retornar para o Brasil?

Sua participação foi muito importante, muito obrigada pela sua disponibilidade.